



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2013

**ANA RITA MORENO
COELHO**

**O OLHAR DA CRIANÇA PARA A CIDADE, ATRAVÉS
DA ESCOLA**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais.

o júri

presidente

Professora Doutora Paula Ângela Coelho Henriques dos Santos
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Natália Fernandes
Professora Auxiliar da Universidade do Minho

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

À Rosinha por todos os pensamentos partilhados, pela insistência de caminhos desconhecidos mas assertivos.

Ao Diretor da Escola EB 23 de Valongo do Vouga e à Professora Rosa Matos (coordenadora equipa TEIP) pela disponibilidade sempre demonstrada.

Às crianças, colegas de investigação, porque sem elas isto não seria possível.

Aos meus pais, irmão e namorado por todos os conselhos e conforto dados nos momentos mais difíceis.

À Diana pelas tristezas e alegrias que partilhamos.

À Joana por ter entrado há tão pouco tempo na minha vida e já ser tão especial.

palavras-chave

Cidadania, participação infantil, políticas públicas, escola.

resumo

À data da realização deste projecto a Câmara Municipal de Águeda dá início ao seu plano de implementação da iniciativa Cidade Amiga das Crianças, cujo principal objetivo é garantir que os direitos das crianças sejam respeitados. Este estudo pretende ser um contributo, do seio de uma escola, para a sua concretização e tem como principais objetivos reconhecer nas crianças capacidades autónomas de decisão e participação, colocando-as no papel de investigadores, para que se respeite o mais possível a sua condição de atores sociais com voz, de forma a assegurar que as políticas públicas implementadas visam a proteção e promoção dos seus direitos. Desta forma, este trabalho resulta de um Projeto de Investigação Ação-Participativa, construído por um grupo de 7 crianças entre os 10 e os 14 anos de idade, alunas na Escola EB 2,3 de Valongo do Vouga. O trabalho de campo decorreu entre os meses de Fevereiro e Maio com 13 encontros semanais, acordados com as alunas e para a realização deste projeto apoiamo-nos em ferramentas como o focus group, mapas, entrevistas, etc. Com este projeto esperamos ter contribuído para a promoção dos direitos da criança, nomeadamente o direito à participação infantil, a partir da realidade escolar, desejando que este grupo de crianças se torne protagonista na concretização desta aventura que é a construção de uma Cidade Amiga das Crianças.

keywords

Citizenship, child participation, public policy, school.

abstract

At the time of this project the Municipality of Águeda begins his plan for the implementation of the Child Friendly Cities initiative, whose main goal is to ensure that children's rights are respected.

This study intends to be a contribution, the heart of a school for their achievement and has as main objectives to recognize in children capabilities autonomous decision and participation, placing them in the role of researchers, for respect as much as possible their condition social actors to voice, in order to ensure that public policies implemented aimed at protecting and promoting their rights.

Thus, this work results of a Research Project Participatory Action-built by a group of 7 children between 10 and 14 years old, students at Escola EB 2,3 Valongo do Vouga.

Fieldwork took place between February and May with 13 weekly meetings, agreed with the students and for this project we rely on tools such as focus groups, maps, interviews, etc..

With this project we hope to have contributed to the promotion of children's rights, including the right to participation of children from the school reality, wishing that this group of children becomes the protagonist in the realization of this adventure is building a Friendly City Children

Índice

INTRODUÇÃO	6
PARTE I – Enquadramento teórico	8
CAPITULO 1 - (Re) pensar a cidadania nos dias de hoje: do conceito à urgência de uma cidadania infantil	8
1.1.Evolução do conceito	8
1.2 A urgência de uma cidadania infantil.....	10
CAPITULO 2 – Da Convenção dos Direitos da Criança à reclamação da participação infantil	11
2.1 Convenção dos Direitos da Criança uma conquista histórica	11
2.2 Participação infantil: conceito e níveis de participação	12
2.3 Cidades Amigas das Crianças...que futuro?	14
2.4 Participação Infantil e Políticas públicas: um longo caminho a percorrer	15
PARTE II – OPÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
CAPITULO 1 - A Investigação Ação Participativa como opção metodológica	16
1.1 Investigação Ação Participativa: do conhecimento à mudança	17
1.3 O desenvolvimento de técnicas participativas.....	20
1.3.1 <i>Focus group</i>	21
1.3.2 Conversas com crianças	23
1.3.3 Notas de Campo	24
CAPITULO 2 – Caraterização do contexto	24
2.1 Águeda um concelho em mudança.....	24
2.2 Escola EB 23 de Valongo do Vouga uma escola potenciadora de voz	26
2.2.1 Valongo de Vouga – breve caraterização.....	26
2.2.2 Caraterização do agrupamento.....	27
2.2.3 As crianças podem participar ativamente no território – vozes das crianças da escola de Valongo do Vouga	29
Capitulo 3 – Percurso e Desenhos do Projeto.....	30
3.1 A escola enquanto espaço privilegiado de escuta	30
3.2 Caracterização do grupo de crianças investigadoras	31
3.3 Primeira etapa – Entrada no terreno	33
3.4 Segunda etapa – Constituição do grupo de Investigação Acção Participativa	35
3.5 Terceira etapa – Iniciação à prática	42
3.6 Quarta etapa – Confirmação do Papel de Investigador... do trabalho de campo à geração de dados para a construção de conhecimento.....	48

3.7 5ª etapa – Devolução do projeto às autarquias de Gouveia e Águeda.....	61
PARTE III – (RE)CONHECIMENTO ALCANÇADO	64
CAPÍTULO 1 – <i>Pensar, Agir e Refletir</i> no Projeto “O olhar da criança para a cidade, através da escola”	64
1.1 Águeda e a Escola EB 23 de Valongo do Vouga enquanto espaço de direitos.....	66
1.2 Do conhecimento constatado ao conhecimento produzido	67
CAPÍTULO 2 – Reflexão final do Projeto “ <i>O Olhar da Criança para a Cidade, através da Escola</i> ”	69
BIBLIOGRAFIA.....	70
ANEXOS	74

NOMENCLATURAS

CAC – Cidade Amiga das Crianças

CDC – Convenção dos Direitos da Criança

CMA – Câmara Municipal de Águeda

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

PPAE – Plano de Prevenção do Abandono Escolar

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

UA – Universidade de Aveiro

UNICEF – Fundo Internacional das Nações Unidas

ÍNDICE DE QUADROS

- Quadro 1 – Modelos de Investigação das Crianças segundo Gaitán_19
- Quadro 2 – Estabelecimentos de ensino pertencentes ao Agrupamento de Escola de Valongo do Vouga_27
- Quadro 3 – Levantamento de dados dos Fóruns_30
- Quadro 4 – Problemas e Soluções discutidas pelo grupo em relação à cidade de Águeda_43
- Quadro 5 – Análise Pré-teste : respostas encontradas e dificuldades sentidas_ 45
- Quadro 6 – Guião definitivo e distribuição dos entrevistados pelos grupos definido pelo grupo_51
- Quadro 7 – Caracterização dos entrevistados e dos locais onde decorreram as entrevistas_52
- Quadro 8 – Respostas à questão 2 - *Qual é para ti o direito mais importante?*
- Quadro 9 – Respostas à questão 3 - *Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?*_ 53
- Quadro 10 – Respostas à questão 4 – *O que é uma Cidade Amiga das Crianças*_ 54
- Quadro 11 – Respostas à questão 5 – *E Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças*_ 54
- Quadro 12 – Respostas à questão 6 – *E esta escola é uma escola amiga das crianças*_ 55
- Quadro 13 – Conclusões retiradas pelas crianças a partir da leitura das entrevistas_58

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico contextos de participação infantil_13

Figura 2 – Esquema de Investigação Ação Participativa_18

Figura 3 – Etapas do Focus Group a ter em conta pelo investigador_22

Figura 4 - Mapa Concelhos limítrofes do concelho de Águeda_25

Figura 4 – Freguesias do concelho de Águeda_25

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Desenho Diana, Préstimo_39

Ilustração 2 – Desenho Rita S., Fermentões_39

Ilustração 3 – Bruna, Brunhido_ 40

INTRODUÇÃO

Decorria o ano de 2008, estava a frequentar a licenciatura em Educação de Infância, na Universidade de Aveiro, quando através de uma disciplina me vi envolvida na comemoração do 19º Aniversário da Convenção dos Direitos da Criança. Desde esta data, esta temática nunca mais foi descurada tanto no trabalho académico como profissional.

Prova disso é que após o término da licenciatura comecei a trabalhar e deparava-me de dia para dia com algumas dúvidas e até angústias em relação a este tema, e acima de tudo, a forma como as instituições, do pré-escolar ao secundário, encaram as crianças/alunos enquanto sujeitos de direitos. Quis saber e conhecer mais pelo que ingressei neste mestrado.

No mestrado, chega a altura de fazer opções e é então que tenho conhecimento de que, no ano de 2013, a Câmara Municipal de Águeda ambiciona implementar o projeto *Cidade Amiga das Crianças*, já implementado em outros países e que agora entra gradualmente em Portugal.

Assistimos ainda, hoje em dia, a algumas barreiras que impedem o grupo social da infância de exercer o seu direito ao exercício à cidadania. Os direitos de proteção sobrepõem-se ainda aos direitos de participação. Ou seja, é necessário a (re)construção da imagem da infância, uma vez que este grupo social ainda se vê excluído da esfera das políticas públicas.

Este projeto pretende dar voz a um grupo de crianças, construindo ferramentas adequadas e necessárias para que possam ser elas, pelas suas “mãos”, a (re)construir e a interpretar o seu mundo social e cultural. Torna-se imperativo encarar a participação das crianças como o pilar fundamental de todo este processo.

Consideramos que a escola é o local que, por excelência, nos permite criar condições de exercício do direito à participação infantil, embora maioritariamente, o único ofício que nela exerçam seja o de aluno.

Este trabalho pretende ser um contributo e dar resposta a uma iniciativa expressa do município, mas, mais que isso, é uma tentativa de constituir um grupo de crianças investigadoras, sendo-lhes reconhecido o estatuto de “crianças-cidadãs”, portadoras de direitos e deveres, respeitando o seu direito ao exercício de uma cidadania ativa real e efetiva.

O trabalho está dividido em três partes, por nos fazer mais sentido na organização do processo de produção de conhecimento que queremos dar a conhecer.

Na primeira parte – enquadramento teórico – fazemos num momento inicial uma abordagem ao conceito de cidadania e à urgência de uma cidadania infantil. No segundo capítulo, revisitamos a Convenção dos Direitos da Criança, enquanto marco histórico na conquista dos direitos da criança, nomeadamente o direito à participação infantil. No terceiro capítulo, pretendemos encontrar a relação existente entre políticas públicas e participação infantil.

Na segunda parte – opções e procedimentos metodológicos – apresentamos no primeiro capítulo a Investigação Ação Participativa como opção metodológica e suas técnicas. No segundo capítulo, caracterizamos o concelho de Águeda e a Escola de Valongo do Vouga uma vez que são estes os espaços de ação. No terceiro capítulo descrevemos as etapas deste projeto de investigação ação participativa, descrevendo e reflectindo acerca das etapas do mesmo.

Na terceira parte – (re) conhecimento alcançado - faremos uma reflexão de todo o processo.

PARTE I – Enquadramento teórico

CAPITULO 1 - (Re) pensar a cidadania nos dias de hoje: do conceito à urgência de uma cidadania infantil

1.1.Evolução do conceito

A ideia de cidadania é tão antiga quanto as primeiras civilizações. No entanto, está cada vez mais presente através de discursos políticos, sociais e educacionais, sendo amplamente discutido “*o seu papel e a responsabilidade da educação na promoção, construção e desenvolvimento de uma consciência e cultura cívica.*” (Araújo: 2008, 75)

O significado do conceito de cidadania é multifacetado e pluridimensional, pois o seu conteúdo varia consoante a cultura e o regime político. Desta forma, ao referir concepções de cidadania é necessário ter em consideração o contexto espaço-temporal a que nos referimos.

Podemos, assim, afirmar que o conceito de cidadania é problemático, ambíguo e contestado. Estes factos, levam-nos à existência de três paradigmas: comunitário, republicano e liberal.

Na abordagem comunitária defende-se que a participação social de todos contribui para a coesão social e o bem-estar comum. A abordagem republicana constitui uma dimensão da perspectiva comunitária: uma única comunidade, que apela à responsabilidade cívica e à participação de todos os cidadãos. Na abordagem liberal defende-se a cidadania como direito social, um estatuto universal e igualitário para todos os cidadãos.

Ainda na mesma linha de pensamento, Janoski (1998) considera que a cidadania “*é a pertença pelos indivíduos num estado nação de certos direitos universais passivos a ativos a um nível determinado de igualdade.*” (cit in Carvalho et al: 2005, 15)

Desta perspetiva, a cidadania implica um reconhecimento de personalidade num limite geográfico. Inclui tantos direitos de participação na vida política (cidadania ativa) como direitos de existência (cidadania passiva), remete para direitos universalistas e formalmente atribuídos pela lei a todos os cidadãos e garante, dentro de certos limites, uma igualdade processual e também substantiva.

Como referimos anteriormente, a cidadania é tão antiga como as comunidades mais sedentárias. Com a evolução das civilizações, evolui simultaneamente o seu conceito.

Inicialmente, Barbalet define cidadania “ (...) *como participação numa comunidade ou como qualidade de membro dela.*” (Barbalet: 1989, 12)

Mais recentemente, Figueiredo afirma que a cidadania diz respeito à qualidade do cidadão, isto é, “*do indivíduo pertencente a um estado livre, no gozo dos seus direitos civis e políticos e sujeito a todas as obrigações inerentes a essa condição. Assim, a cidadania é o vínculo jurídico-político que, traduzindo a relação entre o indivíduo e um estado, o constitui perante esse estado num conjunto de direitos e obrigações.*” (Figueiredo: 1999, 34)

O conceito de cidadania evoluiu desde a Grécia Antiga, onde a cidadania teve a sua primeira expressão, até aos dias de hoje. A Revolução Francesa, a Revolução Americana e a 2ª Guerra Mundial marcaram pontos de viragem na evolução deste conceito.

Muitos autores fazem referência aos contributos que Marshall deu para a apropriação deste conceito. Marshall entende a cidadania como “*um status adstrito à condição de pleno membro de uma comunidade (...) e quem possuir esse status goza de igualdade no que respeita aos direitos e deveres que lhe estão associados.*” (Barbalet: 1989, 18)

Com a definição de Marshall tornam-se evidentes, para além dos direitos civis e políticos, os sociais. A aquisição de direitos sociais foi uma conquista para todos os cidadãos, que veem reconhecidos alguns direitos que se julgavam inimagináveis.

É igualmente Marshall que atribui uma nova caracterização à cidadania, quando introduz a noção de *cidadania social*. “*Esta cidadania social seria, para Marshall, o estágio final do conceito, e cabia ao Estado proporcionar aos cidadãos um mínimo de bem-estar material para que eles pudessem exercer os seus direitos de participação civil e política na sociedade.*” (Araújo: 2004, 80)

Para Gaitán (2011), ao falarmos em cidadania temos inevitavelmente que pensar em conceitos como democracia e participação. Estes dois conceitos estão, hoje, interligados à cidadania desde o surgimento das sociedades urbanas, ou seja, os assuntos políticos deixaram de estar apenas nas mãos dos governantes.

Devendo passar as responsabilidades políticas, sociais e económicas também pelos cidadãos, a ideia de que a cidadania deve ser ativa ganha ênfase.

1.2 A urgência de uma cidadania infantil

O grupo social da infância vê-se ainda excluído das esferas sociais. O fator idade é determinante para que as crianças sejam invisíveis enquanto atores sociais e políticos. Características biopsicológicas, como a imaturidade e a vulnerabilidade inerentes, são o fator inibidor que renegam à criança um conjunto de competências que os adultos consideram necessárias para o exercício da cidadania. Desta forma, as crianças veem negado o seu direito de acesso ao exercício da cidadania.

No entanto, desde algum tempo que se tem vindo a reclamar a participação ativa das crianças nas diversas esferas sociais e políticas, (re)significando a ideia da cidadania como prática também para as crianças e jovens.

Gaitán (2006, 98) citando Lawy e Biesta (2006) afirma que *“la ciudadanía como práctica no pretende que las personas jóvenes tengan que recorrer una determinada vía hasta llegar a tener estatus de ciudadanos o que sea la función del sistema educativo desarrollar estrategias y accesos adecuados para preparar a los jóvenes para convertirse en ciudadanos “Buenos” y diligentes. No comparte la dicotomía común entre los estatus de un ciudadano y de un aún no ciudadano. Es más inclusiva que exclusiva, puesto que su base es el convencimiento de que todas las personas – también los jóvenes – son ciudadanos que simplemente transcurren por la ciudadanía como práctica “desde la cuna hasta la tumba”*.

Esta ideia de que não é necessário a escola para exercer o direito à cidadania não exclui a escola como espaço privilegiado ao seu exercício, reforça apenas a conceção de que, desde cedo, qualquer criança, desde a mais tenra idade, deve ser incluída nas decisões que lhe dizem respeito.

O que estes autores defendem é que é fundamental que se reconheça que as crianças e jovens são parte integrante da sociedade e que, portanto, devem ser envolvidas nas decisões de ordem social, política, económica e cultural.

A Convenção dos Direitos da Criança (1989) constitui um marco importante para a infância, no que concerne ao exercício da cidadania, nomeadamente com o direito à participação infantil - **artigo 12º** - 1. *“Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as*

questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.”

A Convenção contribui para repensar o lugar da criança na sociedade, reconhecer os seus direitos e para a afirmação do protagonismo infantil.

Castro defende, que considerar a criança um sujeito de direitos implica *“uma consideração mais profunda sobre a ação humana e o seu entrelaçamento com o pensar e o ser. Um sujeito de direito só o é na medida em que a sua ação é a priori considerada válida e manifestação singular do seu ser.”* (Castro: 2001, 29)

Assim, na mesma linha de pensamento, Tomás afirma que *“a participação apresenta-se, então como condição absoluta para tornar efetivo o discurso que promove direitos para a infância e, portanto, a promoção dos direitos de participação, nas suas várias dimensões, assume-se como um imperativo da cidadania da infância.”* (Tomás: 2007, 45)

CAPITULO 2 – Da Convenção dos Direitos da Criança à reclamação da participação infantil

2.1 Convenção dos Direitos da Criança uma conquista histórica

Para que fossem implementados e reconhecidos os direitos da criança foi necessário percorrer um longo e importante caminho.

Num primeiro momento podemos enunciar a criação do Comité da Proteção à Infância (1919) pela Sociedade das Nações Unidas, que se *“apresentou como um dos mecanismos pioneiros no questionamento do poder dos Estados sobre as crianças.”* (Fernandes: 2005, 27)

Passados dois anos, em 1921, foi constituída a Associação Internacional para a Proteção da Infância. Em 1923 a conhecida Declaração de Genebra viria a ser a mola impulsionadora para a *“construção e consolidação da ideia das crianças como sujeitos de direitos”* (Fernandes: 2005, 30)

As preocupações com os direitos da criança ganham um novo ânimo com a criação (1946) do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF – fundado com o objetivo de melhorar as condições de vida das crianças, assegurando um conjunto de necessidades básicas (saúde, nutrição, educação e bem-estar).

Em 1959 as crianças vêm reconhecidos os seus direitos civis na Declaração dos Direitos das Crianças. Contudo, a Convenção dos Direitos da Criança (CDC), adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de setembro de 1990, veio constituir um marco evolutivo na sociedade e na representação do grupo social da infância, impondo uma obrigação jurídica aos Estados na sua implementação.

A CDC é constituída por 54 artigos podendo ser dividida em quatro pilares fundamentais: não discriminação, o interesse superior da criança, a sobrevivência e desenvolvimento e a opinião da criança.

2.2 Participação infantil: conceito e níveis de participação

Para muitos autores, a participação infantil não é apenas o pilar mais importante da CDC, mas também um dos direitos mais importantes para toda a comunidade. Para que a participação das crianças seja real e efetiva é necessário que estas e os adultos interajam em todo o processo de decisão, sendo também desejável que seja um processo de aprendizagem mútua.

Segundo Hart (1993) participação infantil é o processo de tomar decisões que afetam a vida pessoal e da comunidade. É o meio privilegiado para a construção da democracia e um critério essencial para esta. A participação infantil é o direito fundamental da cidadania.

Assim, a participação infantil deve privilegiar relações de cooperação entre adultos e crianças, respeitá-las enquanto atores sociais, reconhecendo a sua capacidade de expressar opiniões e tomar decisões.

De acordo com Gaitán (2011) podemos distinguir três dimensões de participação: participação em que se cumpre com as exigências e se reproduz o que já é existente (onde as crianças participam segundo as regras do adulto); participação cujo objetivo é a autorrealização (onde as crianças podem dar opinião acerca de espaços próprios/infantis) e participação que visa a transformação de um contexto (onde as crianças tomam decisões da esfera política e social).

Roger Hart (1992), citado pela mesma autora, define oito níveis de participação. Os três primeiros representam uma pseudoparticipação – manipulação, decoração e indicação falsa. Os restantes representam graus de participação – designado mas informado;

consultado e informado; iniciado por adultos, decisões partilhadas com os jovens; iniciado e dirigido por jovens e iniciado pelos jovens, partilhado com os adultos.

Segundo Tomás (2007, 58) a escada de participação é criticada por Reddy e Ratna “*porque consideram que esta não representa graus de participação da criança, mas identifica a variação de papéis que os adultos atribuem e assumem em relação à participação das crianças. (...) Estas autoras apresentam uma nova versão crítica da teoria de Hart e defendem que existem diversas formas de participação das crianças: resistência ativa, barreiras, manipulação, decoração, tokenismo, tolerância, indulgência, crianças designadas mas informadas, crianças consultadas e informadas, adulto inicia e partilha decisões com as crianças, crianças iniciam e partilham decisões como os adultos, crianças iniciam e dirigem, iniciado e dirigido por crianças e adultos.*”

Outros autores defendem que estes níveis ou escalas de participação não são estanques. Eles variam consoante as crianças e os processos de participação envolvidos.

Segundo Sarmiento *et al.* “ (...) *é possível mobilizar e implicar efetivamente as crianças em processos de participação nos assuntos que lhes dizem respeito (...).*” (Sarmiento *et al.*: 2007, 196)

A UNICEF propõe cinco contextos de participação infantil:

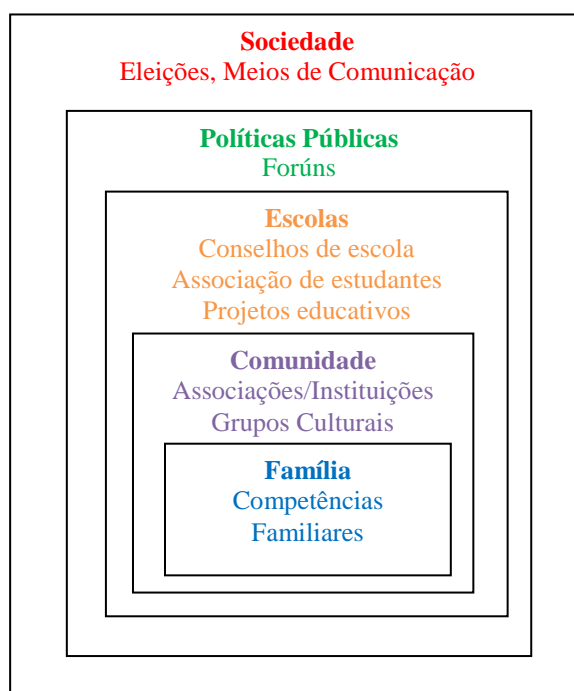


Figura 1 – Gráfico contextos de participação infantil

Fonte Unicef (adaptdo)

À medida que as crianças se desenvolvem, também os contextos para a sua participação se alargam. A **família** é a primeira forma de socialização e tem um papel preponderante inculcando nas crianças o espírito participativo. A **escola** assume a responsabilidade de informar as crianças acerca dos seus direitos e da responsabilidade que estes acarretam. A nível local (**políticas públicas**) deseja-se que as crianças se sintam e sejam protagonistas nos processos de decisão que lhes dizem respeito.

2.3 Cidades Amigas das Crianças...que futuro?

Porque qualquer cidadão não é apenas mero espectador da sua cidade, mas sim parte activa dela, relacionando-se com inúmeras partes da mesma, é necessário que a percepção que fazemos seja íntegra.

Segundo Lynch cada “*observador deveria desempenhar um papel ativo na percepção do mundo e participar criticamente no desenvolvimento da sua imagem. Ele deveria ser capaz de transformar essa imagem, adequando-a a necessidades em transformação. (...) Cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concordância substancial entre os membros do mesmo grupo. São estas imagens de grupo, mostrando o consenso entre um número significativo de membros, que interessam aos planificadores de cidades aspirantes a um modelo de ambiente que muitos possam desfrutar.*” (Lynch: 2008, 13-15)

(Re)descobrimo e (re)criando cidades que potenciem o bem-estar das crianças, a UNICEF procura, desde 1996, que se “construam” Cidades Amigas da Criança (CAC). “Uma “cidade amiga da criança” é definida como qualquer sistema local de governança – urbano ou rural, amplo ou restrito – comprometido com a realização dos direitos da criança nos termos da Convenção. A Iniciativa Internacional Cidades Amigas da Criança (CFCI) foi lançada em 1996 para promover a resolução aprovada na segunda Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (Habitat II), que transforma as cidades em locais habitáveis por todos. A conferência declarou que o bem-estar da criança é o principal indicador de um *habitat* saudável, de uma sociedade democrática e de boa governança¹.” (UNICEF, 2009)

¹ Citado de <http://www.unicef.org/brazil/sowc20anosCDC/cap1-dest15.html>

Nos últimos dez anos, várias cidades e unidades administrativas, em várias partes do mundo, procuram tornar-se amigas das crianças. Para tal, é necessário ter em consideração nove elementos que promovam os direitos da criança: *“participação nas tomadas de decisão; uma estrutura jurídica amiga da criança; uma estratégia de direitos da criança que englobe a cidade como um todo; uma unidade de direitos da criança ou mecanismos de coordenação desses direitos; avaliação e análise de impactos sobre a criança; um orçamento direcionado às questões da criança; um relatório regular sobre a Situação da Infância na Cidade; defesa dos direitos da criança; e um sistema independente de defesa para a criança.”* (UNICEF, 2009)

Em Portugal, até ao momento, já aderiram a esta iniciativa treze cidades, através de um protocolo assinado entre os municípios e a UNICEF. Este protocolo assenta em princípios basilares como: a não discriminação; o interesse superior da criança; a promoção do desenvolvimento da criança e o direito de participação das crianças nas questões que lhes dizem diretamente respeito.

A iniciativa de implementar CAC surge com um objetivo muito claro de *“garantir que a criança seja incluída na agenda política local e promover políticas municipais em seu favor.”* (UNICEF, 2009)

Cabe a cada município definir a melhor forma de envolver a criança na agenda política, respeitando os seus direitos e necessidades, criando objetivos adequados à sua realidade.

Desta forma, segundo Lynch, as cidades deveriam *“possibilitar um fim em aberto, adaptável à mudança, permitindo ao indivíduo continuar a investigar e a organizar a realidade”*. (Lynch: 2008, 17)

2.4 Participação Infantil e Políticas públicas: um longo caminho a percorrer

Devido à invisibilidade face às políticas públicas, as crianças são por norma excluídas do processo de decisão na vida coletiva sendo, portanto, invisíveis enquanto atores políticos concretos. Ainda assim, é a nível local que mais afirmativamente se tem revelado ação política das crianças.

Segundo *Sarmiento et al*, *“nesse sentido, a participação não procura replicar as instituições adultas de participação política municipal (...), mas descobrir através do*

recurso à imaginação interventora, modalidades de participação compatíveis com as culturas infantis, formas de comunicação atentas aos modos de expressão das crianças (...) e canais de diálogo com o poder constituído, seja numa perspectiva assertiva de reivindicação, seja numa perspectiva de acompanhamento e interlocução direta.” (Sarmiento et al: 2007, 196)

Papadopoulos, citado por Sarmiento (2009), refere quatro estratégias utilizadas pelos organismos estatais: *negociação, delegação, coordenação e a nova relação com o saber*. A negociação e delegação envolvem a consulta dos grupos em relação aos quais a política será tomada, sendo-lhes legado algum poder de decisão. Na coordenação e a nova relação com o saber, os organismos coordenam e conciliam os diversos pontos de vista em relação à política a ser aplicada, de forma a restaurar a coesão social.

Estas são estratégias, aos olhos dos organismos políticos, mais “ágeis e para-legais, onde a informação joga com um papel central: incitar, experimentar, contratualizar, coordenar e avaliar.” (Sarmiento et al: 2009, 19)

No entanto, verificam-se algumas críticas, uma vez que as dinâmicas sociais são atravessadas pelas relações de poder, inibindo a voz de grupos sociais ainda excluídos (crianças, idosos e mulheres).

“O que importa aqui acentuar é o facto de que as crianças privadas de direitos políticos directos tendem a ser, em consequência da sua ausência forçada da cena política representativa (governo, parlamento, câmaras municipais, etc.), invisibilizadas enquanto actores políticos concretos” (Sarmiento et al: 2007, 185). Segundo o autor, a privação de direitos políticos não invalida a participação política.

PARTE II – OPÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CAPITULO 1 - A Investigação Ação Participativa como opção metodológica

Se defendemos a urgência de uma cidadania infantil, parece-nos adequado optar por opções metodológicas que compreendam e definam a criança enquanto ser competente, capaz de produzir conhecimento social, cultural e político acerca do seu mundo.

Desta forma, estamos cientes que queremos realizar uma investigação com as crianças e não sobre elas. Conscientes das responsabilidades e preocupações deste tipo de

investigação, reflectiremos sobre alguns aspectos teórico metodológicos a ter em conta na Investigação Ação Participativa com crianças.

Por fim, mencionamos algumas técnicas que promoveram a participação das crianças.

1.1 Investigação Ação Participativa: do conhecimento à mudança

Na realização deste projeto a opção metodológica utilizada foi a Investigação Ação Participativa, pois era nosso objetivo criar condições de auto-organização das crianças para se pronunciarem na cidade a partir da escola, recorrendo a técnicas apropriadas, contribuindo para a produção de conhecimento.

“A investigação, enquanto produção de conhecimento, é uma forma de aprendizagem que integra o quadro teórico de referência accionado nas decisões e na acção, quadro em aberto, para receber o que as práticas, intimamente assentes no contexto, têm para lhe dizer de conhecimento nelas produzido, e assim o tornar mais denso.” (Lima: 2003, 321)

Entende-se por investigação ação participativa o compromisso entre a produção de conhecimento científico com o intuito de transformar a realidade. É uma ação deliberada que visa uma mudança no mundo real.

Muitos veem Kurt Lewin como o fundador da investigação ação participativa em 1948, sobre a teoria de campo no domínio da Psicologia Social. No entanto, é em 1985 que a Investigação Ação é retomada como uma abordagem científica específica: o investigador tem como funções produzir conhecimento e ser agente de mudança.

Em Portugal, a primeira experiência desta linha foi protagonizada por Licínio Lima, de 1983 a 1988, com o “Projeto Viana”.

A Investigação Ação é uma ação deliberada que visa uma mudança no mundo real, é empreendida num âmbito mais restrito englobando um projeto mais geral. É uma prática que modifica a prática, uma criação coletiva de inovação pedagógica e de aquisição de conhecimento. A sua finalidade visa a mudança de uma realidade pela produção de um pensamento marcado pela experiência.

Na mesma linha de pensamento Lima refere que *“a mudança não significa, pois, uma alteração, a introdução do diferente ou do inovador, com vista a objetivos especificamente pré-definidos. Ela tem de tomar em consideração, de forma crítica, a história da comunidade, suas tradições, sofrimentos e realizações, identificar as linhas de força das*

culturas em presença. Criar condições de visibilidade de tudo isto será um contributo para que a consciência de comunidade (re)acorde, se faça viva, para que aumente a auto-estima ou se crie alento para o necessário esforço de construção de história.” (Lima: 2003, 309)

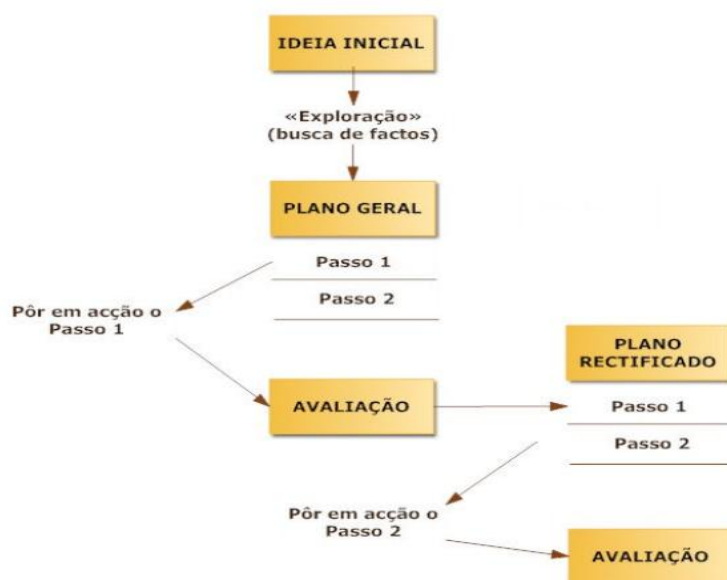


Figura 2 – Esquema de Investigação Ação Participativa

Modelo de Investigação Ação de Lewin (1946) (in

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF)

Sinteticamente, recorrendo à Investigação Ação Participativa, pretendemos promover o direito à participação infantil, constituindo um grupo de crianças investigadoras, capazes de se organizar de forma a explorar e criar formas de participação na cidade a partir da sua escola.

Para tal, utilizaremos técnicas participativas para a produção de conhecimento científico desta temática.

1.2 Investigação participativa no grupo social da infância... crianças como investigadoras

Desde a década de 80 que se registam investimentos significativos na investigação com crianças, onde se defende “entre outros aspetos, a necessidade de considerar as

crianças como atores sociais e a infância como grupo social com direitos, sublinhando também a indispensabilidade de considerar novas formas de investigação com crianças.” (Fernandes: 2006, 26)

Investigar com crianças é, portanto, dar-lhes voz na interpretação dos seus mundos sociais e culturais, assumindo que são atores sociais capazes de interpretar a realidade em que estão inseridas.

Da investigação com crianças pode surgir conhecimento muito importante e útil sobre os seus pontos de vista e formas de pensar. Assim sendo, quanto mais protagonismo tiver a criança na investigação, mais rica ela será.

Quadro 1 – Modelos de Investigação das Crianças segundo Gaitán (2011)

<i>Investigação sobre crianças</i>	Crianças como objetos	Perspectiva dos adultos
<i>Investigação com crianças</i>	Crianças como informadores	Perspectiva dos adultos
	Crianças como co-investigadores	Perspectiva das crianças e adultos
<i>Investigação liderada por crianças</i>	Adultos como co-investigadores	Perspectiva das crianças
	Adultos como assessores	Perspectiva das crianças

Estas duas últimas perspetivas compreendem novas formas de entendimento da crianças, conferindo-lhe lugar dentro das ciências sociais e integrando-as na investigação com adultos onde participam em parceria.

Essa participação encontra ainda alguns entraves, uma vez que a sociedade adulta continua a defender que a criança depende ainda da sua proteção, o que incapacita as crianças de assumirem responsabilidades.

No entanto, Landsown defende que *“tal como no caso dos adultos, a participação democrática não é fim em si mesma. É essencialmente o meio através do qual se consegue atingir a justiça e se denunciam os abusos de poder (...), ou seja, é um direito processual que permite à criança enfrentar os abusos e negligências dos seus direitos fundamentais e agir no sentido de promover e proteger tais direitos.”* (Landsown: 2001, 2)

A ética, na investigação com crianças, assume-se como uma das maiores preocupações científicas. Dessa forma, *“a ética na investigação com crianças necessita considerar a alteridade e diversidade que definem a infância enquanto grupo social, com especificidades que o distinguem de outros grupos, as quais exigem por isso mesmo, considerações éticas diferenciadas e com singularidades que dentro de uma mesma categoria social (a infância), encerram infindáveis realidades, dependentes de aspectos como a idade, o género, a experiência, o contexto sócio económico, as quais dão origem a múltiplas formas de estar, sentir e agir das crianças e, por isso mesmo, exigem a consideração de cuidados éticos singulares, decorrentes da consideração da diversidade que encerram.”* (Fernandes: 2006, 32)

Os investigadores devem atentar na triologia entre direitos (questão deontológica), deveres (acautelar a liberdade e vontade de participação da criança) e danos/benefícios (prevenir danos e aumentar o usufruto de benefícios a partir da investigação).

Asseguradas as questões éticas, são necessárias ferramentas metodológicas que potenciam a participação das crianças.

Shier, citado por Fernandes (2006), identifica três patamares de participação: mobilização (processo iniciado pelo adulto), parceria (implica desde cedo o envolvimento da criança) e protagonismo (processo independente da criança).

1.3 O desenvolvimento de técnicas participativas

De acordo com Theis (1996), *“o uso bem sucedido de técnicas participativas requer um compromisso de processos progressivos de partilha de informação, diálogo, reflexão e acção”* (cit in Christensen e James. 2005:145).

Investigar com crianças não obriga à adopção de métodos específicos. No entanto, torna-se imperativo a escolha de técnicas apropriadas ao grupo envolvido, ao seu contexto social e cultural e ao tipo de investigação.

Neste projeto em particular, a seleção de técnicas participativas teve em consideração o poder de comunicação de cada uma, bem como a adequação ao projeto. De acordo com Madeira (2009), *“quando pensamos na participação das crianças devemos pensar nas realidades que estão ao seu alcance e na necessidade de promover experiências que lhes permitam aprender a intervir no meio que as envolve, que elas conhecem através da*

experiência imediata e sobre o qual tem direito a receber informação suficiente para darem opinião ou agir sobre a realidade, com que estão em contacto directo a cada dia.”.

1.3.1 Focus group

De acordo com muitos autores o delineamento metodológico é um ponto fulcral para qualquer investigação. Desta forma, o investigador deve recorrer a opções capazes de responder às necessidades da sua investigação.

Atendendo à Investigação Acção Participativa como opção metodológica encontramos um leque de técnicas úteis, que permitem ao investigador direccionar a sua investigação para a produção de conhecimento visando a mudança do mundo real.

O *focus group* tem como fundador Robert King Merton, na década de 50, tendo sido inicialmente aplicado na área de *Marketing* e só na década de 80/90 esta técnica se tornou extensível aos investigadores das Ciências Sociais.

Para Vaughn (1996) “focus group é uma técnica qualitativa que pode ser usada individualmente ou com outras técnicas qualitativas, ou até mesmo quantitativas, para aprofundar o conhecimento das necessidades dos sujeitos a serem investigados.”

Segundo Morgan “é uma técnica qualitativa que visa o controle da discussão de um grupo de pessoas, inspirada em entrevistas não directivas. Privilegia a observação e o registo de experiências e reacções dos indivíduos participantes do grupo, que não seriam possíveis de captar por outros métodos”. (Galego e Gomes: 2005, 177)

Assim, o *focus group* surge “da necessidade de complementar a limitação dos dados provenientes das entrevistas estruturadas e individuais, dando oportunidade aos entrevistados para partilharem as suas experiências e pontos de vista.” (Esteves: 2008, 98).

As sessões de *focus group* devem ocorrer em espaços próximos ao grupo, pois facilita a comunicação, aumentando a probabilidade de obter respostas mais espontâneas e verdadeiras. O “quebra-gelo” também pode ser uma boa estratégia de aproximação entre o investigador e o grupo, criando um clima de confiança.

Quanto ao tamanho do grupo, apesar de não existir um consenso, defende-se que não se deve ultrapassar os dez elementos, nunca excedendo cinco grupos por investigação.

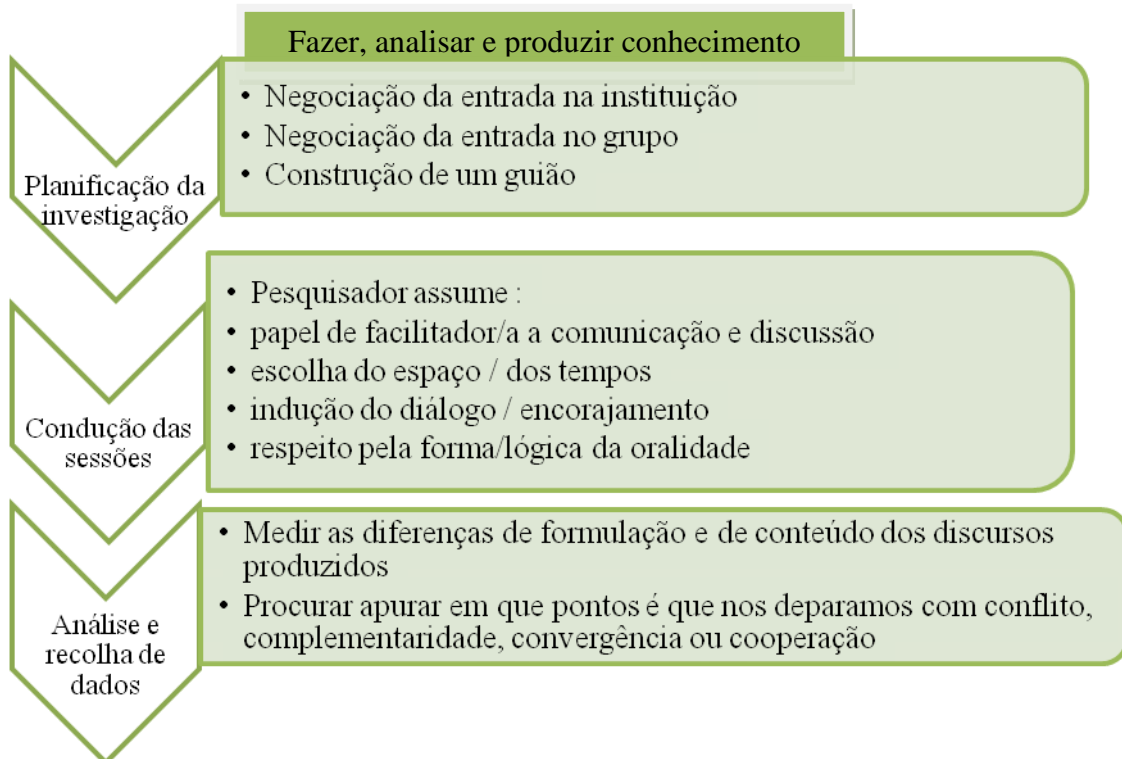
Segundo Galego e Gomes (2005) o investigador tem um papel de agente facilitador do grupo, tendo como tarefa fundamental explicar de forma clara e objectiva o trabalho a ser desenvolvido. Espera-se que este tenha experiência em dinâmicas de grupo para que a discussão seja conduzida sem inibir o fluxo livre de ideias, promovendo a participação de todos os membros.

Para Galego e Gomes (2005) é determinante que o investigador conheça as características de cada elemento do grupo para que a interpretação e análise dos dados seja facilitada.

Ao introduzir questões que fomentem o diálogo e a discussão, deve gerir as intervenções de cada participante, controlando as figuras mais dominantes e estimulando as mais reservadas. Deve ainda atentar aos padrões de interação que emergem no grupo, evitando que a cultura de grupo se sobreponha à opinião individual.

Podemos compreender o *focus group* através das seguintes etapas:

Figura 3 – Etapas do focus group a ter em conta pelo investigador



“O conhecimento constitui aqui um valor crítico e reflexivo, com carácter dinâmico e operativo, podendo esta simbiose contribuir para o evoluir da pessoa e das sociedades. Ou seja, o emergir de novas atitudes e mentalidades.” (Galego e Gomes: 2005, 179)

Por tudo o que aqui foi exposto, esta pareceu-nos uma técnica útil para o desenvolvimento deste projeto, na medida em que se criou um clima de confiança no grupo, onde cada criança pode expressar a sua opinião, aprofundando o conhecimento de cada interveniente tinha acerca da temática.

1.3.2 Conversas com crianças

Em qualquer investigação com crianças o adulto precisa de desconstruir a relação de hierarquia existente, uma vez que a maioria das crianças acredita que os adultos exercem poder sobre elas. Cabe ao investigador quebrar esta barreira geracional, diluindo as relações de poder existentes.

Estabelecer conversas entre/com crianças pode revelar-se eficaz para entregar a agenda às crianças, para que possam conduzir a direção da conversa, explorando tópicos que inibam a participação do investigador. Através das conversas geradas, o investigador pode chegar à conclusão daquilo que realmente importa às crianças.

Para além disso, as crianças fortalecem o seu conhecimento e aprendem acerca dos seus mundos sociais.

De acordo com Corsaro o diálogo demonstra as capacidades sociais das crianças entre si. (cit in Christensen e James, 2005)

Christensen e James afirmam que *“os diálogos são um meio de adquirir dados de qualidade suficientes como base de um trabalho orientado pela política. (...) As compreensões das crianças complementam e reforçam os macro-estudos, ao indicar que os seus direitos são pouco reconhecidos e que as políticas sociais devem ser endereçadas, diretamente, aos interesses das crianças, mais do que, simplesmente aos dos adultos.”* (Christensen e James: 2005, 140)

Neste projeto, as conversas com as crianças foram importantes para a desmistificação da relação hierárquica, para verificar crenças e desejos das crianças, devolver-lhe ferramentas adequadas à investigação para que fossem actores e autores de pontos de vistas que os adultos não dominam.

1.3.3 Notas de Campo

De acordo com Norman Denzin, as notas de campo baseiam-se numa descrição consistente de um acontecimento, *“a descrição densa ... faz mais do que registar o que uma pessoa está a fazer. Ela vai além dos meros factos e das aparências superficiais, apresentando detalhes, contexto, emoção e as redes de relações sociais que unem pessoas umas às outras. A descrição densa evoca a emotividade e os autosentimentos e, inserindo história na experiência, estabelece a significação dessa experiência, ou a sequência de acontecimentos, para a pessoa ou pessoas em questão. Nesta descrição ouvem-se as vozes, os sentimentos, as acções e os significados dos indivíduos em interacção”* (in Graue 2003:83).

Neste projeto, as notas de campo revelaram-se uma técnica útil, na medida que relatam as vivências da prática tal e qual ela foi, permitindo encontrar dificuldades, corrigir erros e estabelecer novos objetivos e rumos da prática. Com o objetivo de dar voz a um grupo de crianças, ao longo do projeto encontram-se referências às notas de campo.

CAPITULO 2 – Caraterização do contexto

2.1 Águeda um concelho em mudança

Em termos territoriais Águeda é um concelho pertencente ao distrito de Aveiro, localizado no centro do país, mais especificamente na região do Baixo Vouga. Com um território de 335, 3 Kms² a distribuição da população não é homogénea, a zona litoral é densa em termos populacionais e o interior, por sua vez, é pouco povoado, encontrando-se estas freguesias 30/40 minutos do centro de Águeda.

Tem como concelhos limítrofes a norte Albergaria-a-Velha e Sever do Vouga, a poente Aveiro e Oliveira do Bairro e a sul Anadia e Mortágua.

O município é composto por 20 freguesias: Agadão, Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Águeda (freguesia sede do concelho), Barrô, Belazaima do Chão, Borralha, Castanheira do Vouga, Espinhel, Fermentelos, Lamas do Vouga, Macieira de Alcôba, Macinhata do Vouga, Óis da Ribeira, Préstimo, Recardães, Segadães, Travassô, Trofa e Valongo do Vouga.



Figura 4 –Mapa Concelhos limítrofes do concelho de Águeda

Fonte - <http://www.mapadeportugal.net/distrito.asp?n=aveiro>



Figura 5 – Freguesias do concelho de Águeda

Fonte - <http://www.jf-belazaima.com/index.php?link=24>

A nível das acessibilidades a A25 é uma das vias principais, pois atravessa o concelho de um extremo ao outro permitindo estabelecer ligação com as restantes vias rodoviárias nacionais (IC2, A1, A29).

Em termos populacionais o crescimento no concelho é notável, ainda que existam freguesias cujo decréscimo seja notório (Agadão, Macieira do Alcôboa, Castanheira do Vouga e Préstimo).

Águeda é um dos municípios mais industrializados do país, a indústria metalomecânica, mobiliário de escritório, cerâmica, bicicletas e a iluminação são os principais setores de atividade. Contudo, a nível sócio-económico começa-se a assistir ao aumento do desemprego, que afeta sobretudo as mulheres.

Atendendo à atual conjuntura do país, o município está alerta para as áreas que estão mais suscetíveis a sofrer alterações como por exemplo a área da educação e formação; do emprego; das crianças, jovens e idosos e da habitação. A autarquia está alerta para os principais problemas que cada uma destas áreas, fazendo um levantamento dos mesmos, quais as suas causas e consequências e algumas medidas de combate.

2.2 Escola EB 23 de Valongo do Vouga uma escola potenciadora de voz

Caracterizado o concelho de Águeda, partimos para a caracterização do local onde decorre a ação: a Escola EB 23 de Valongo do Vouga, situada na Arrancada, freguesia de Valongo do Vouga.

Esta escola, tal como referimos, foi uma escola potenciadora de voz na medida em que já conheceu outros projetos onde as crianças eram os principais intervenientes. Ao longo deste capítulo, fazemos um levantamento de espaços e tempos onde as crianças já puderam reclamar os seus direitos.

2.2.1 Valongo de Vouga – breve caraterização

A vila de Valongo do Vouga localiza-se na parte norte do concelho de Águeda tendo como freguesias limítrofes, a freguesia do Préstimo a sueste, Águeda a sul, Trofa e Lamas do Vouga a oeste e Macinhata do Vouga a noroeste, e o concelho de Sever do Vouga a leste.

Valongo é a maior freguesia do concelho, com uma área de 43,7 Kms² com 5006 habitantes (censos 2001) repartidos por vinte e oito lugares².

² Agueira, Aldeia, Arrancada do Vouga, Brunhido, Cadaveira, Carvalhal da Portela, Carvalhosa, Cavadas de Baixo, Cavadinhas, Espinheiros, Fermentões, Gândara, Lanheses, Levegadas, Moutedo, Outeiro, Paço, Picadas, Póvoa do Espírito Santo, Quintã, Redonda, Sabugal, Salgueiro, Sobreiro, Toural, Val Covo, Veiga e Valongo

O espírito empreendedor e solidário está presente nesta freguesia, verificando-se grande movimento associativo.

A região de Valongo do Vouga foi pioneira na indústria de lanifícios e têxteis no distrito de Aveiro, impulsionando o desenvolvimento económico da região. Estima-se que a maioria da população residente nesta área esteja empregada nas indústrias metalomecânicas, cerâmica, mobiliário, construção civil e carpintaria.

Como já referido anteriormente, devido à conjuntura do país, tem-se verificado o encerramento de algumas empresas ou o atraso de pagamento aos funcionários das mesmas. Estas situações levam ao desmoronamento de algumas famílias.

2.2.2 Caracterização do agrupamento³

O Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga foi constituído em 1997, situa-se no distrito de Aveiro, concelho de Águeda e freguesia de Valongo do Vouga. Para além da freguesia de Valongo do Vouga outras freguesias⁴ são abrangidas pelo Agrupamento de Escolas.

O Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga comporta os seguintes estabelecimentos escolares:

Quadro 2 – Estabelecimentos de ensino pertencentes ao Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga

Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga		
Escolaridade	Número Estabelecimentos	Locais
Pré-escolar	9	Sernada
		Trofa
		Macinhata
		Pedações
		Mourisca do Vouga
		Segadães
		À-dos-Ferreiros

³ Conforme consulta Projeto TEIP 2009/2011

⁴ Macinhata do Vouga, Lamas do Vouga, Segadães, Trofa e Préstimo.

		Arrancada do Vouga
		Valongo do Vouga
1º Ciclo	9	Macinhata
		Serém de Cima
		Pedações
		Mourisca do Vouga
		S. Sebastião
		Segadães
		À-dos-Ferreiros
		Arrancada do Vouga
		Valongo do Vouga
		2º/3º Ciclo

Em termos sócio-económicos a população escolar provém de extratos sociais desfavorecidos, pelo que grande parte dos alunos do agrupamento são subsidiados.

O agrupamento conta com a colaboração de diversos parceiros educativos. No Conselho Geral estão representados a Câmara Municipal de Águeda, a Casa do Povo de Valongo do Vouga, a Associação de Pais, a Associação Comercial de Águeda e a Associação Empresarial de Águeda. Nas atividades de complemento curricular e de apoio à família tem como parceiros a associação Cultural e Recreativa e Social Nª Sª da Esperança, a Casa do Povo de Valongo do Vouga, a Associação “Ninho Académico”, a Associação Social e Cultural de Serém, a Associação de Pais, “Os Pioneiros”, o Centro de Animação Social de Segadães, o Instituto Duarte Lemos e as juntas de freguesia envolventes.

A escola sede do agrupamento é uma escola TEIP.

⁵ Escola Sede

2.2.3 As crianças podem participar ativamente no território – vozes das crianças da escola de Valongo do Vouga

Plano de Prevenção do Abandono Escolar

Sendo esta uma escola que dá grande importância às parcerias no ano letivo de 2008/2009, aceitou um pedido da Direção Regional da Educação do Centro para o desenvolvimento de um Plano de Prevenção do Abandono Escolar (PPAE). Este plano tinha como objetivo central combater o abandono escolar. Apesar da taxa de abandono não ser significativa na escola, esta dispôs-se a trabalhar esta problemática. Foram objetivos deste plano: prevenir o abandono escolar através de um trabalho empenhado e articulado da escola com todas as entidades, com competências em matéria de infância e juventude, alunos e suas famílias; construir uma escola protagonista de desenvolvimento de cidadania e democracia; refletir com a comunidade educativa sobre a importância da autoridade, hierarquia e disciplina, como fatores protetores e de segurança na vida das crianças e jovens.

Com o PPAE os alunos desta escola foram envolvidos neste projeto enquanto atores sociais, sendo-lhes criadas condições para o exercício da sua cidadania. De forma a resgatar a sua voz e para que tivessem um papel ativo na escola os professores escutaram os alunos sobre o abandono escolar e ajudaram-nos a fazer inquéritos. Esses inquéritos foram feitos a todos os alunos na escola e posteriormente apresentados em fóruns.

Fóruns

Os Fóruns de alunos foram uma das atividades do PPAE tendo como objetivos reforçar a vinculação escolar; proporcionar um espaço de reflexão sobre as diferentes problemáticas, ensinar a pensar e a escolher, antes de fazer e agir; promover a participação ativa dos alunos na vida da escola e desenvolver a consciencialização da importância da autoridade, hierarquia e disciplina, como direitos seus.

Os Fóruns ocorriam na 1ª e 3ª quarta-feira de cada mês, das 15h:30m às 16h:30m, na escola, com um encontro inter escolas e duas visitas à Universidade de Aveiro.

Quadro 3 – Levantamento de dados dos Fóruns

Data	Temáticas abordadas
15/10/2008	Balanço do ano anterior e Planificação dos Fóruns
5/11/2008	Visualização de um vídeo sobre “Exclusão”
19/11/2011	“Educação Sexual”
17/12/2008	“Solidariedade”
14/1/2009	Balanço dos Fóruns do 1º período, planificação dos Fóruns do 2º período
21/1/2009	“Banco de Tempo”
4/3/2009	“Animação”
18/3/2009	“Viver em Segurança”
13/5/2009	Balanço do 2º período, planificação do tema “Discriminação Social”
3/6/2009	“Banco de Tempo”
24/6/2009	“Animação”

Capítulo 3 – Percurso e Desenhos do Projeto

3.1 A escola enquanto espaço privilegiado de escuta

Este projeto de investigação ação desenvolve-se a partir de uma escola, a Escola EB 23 de Valongo do Vouga.

A escola é um espaço possível ao exercício da cidadania, pelo que “a participação infantil em contexto escolar não é mera estratégia pedagógica nem um «modismo»”. (Sarmiento et al.: 2007, 197).

Sendo a escola um dos locais onde as crianças passam mais tempo, torna-se imperativo que se criem hábitos e condições neste espaço para desenvolver capacidades de tomar decisões acerca do que lhes diz respeito. É necessário desconstruir a ideia de que as crianças são vistas pela escola “*como um receptor passivo de conhecimentos e experiências dos adultos e que se encontra num processo de transição.*” (Gama e Tomás: 2011, 4)

Segundo Perrenoud “*podemos imaginar outras formas de viver nas organizações, dando um maior lugar ao debate, à expressão das necessidades e das diferenças, à assunção coletiva dos conflitos e dos problemas, à cooperação voluntária e ao trabalho em equipa, à repartição mais igualitária de poder e dos recursos.*” (Perrenoud: 2002, 36)

Esta investigação parece-nos ser um bom exemplo de como é possível envolver não só as crianças, mas a comunidade escolar, num projeto que visa dar voz às crianças, para que se tornem protagonistas num espaço que é delas e para elas.

3.2 Caracterização do grupo de crianças investigadoras

O grupo de crianças investigadoras é composto por sete crianças, do género feminino da Escola EB 23 de Valongo do Vouga.

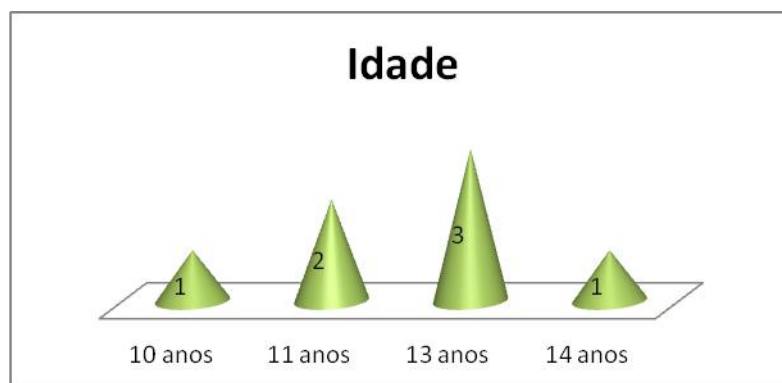
Este grupo de crianças pertence ao clube de mediadores da escola e os critérios de seleção do grupo tiveram em conta, num momento inicial, a residência (serem de várias zonas da freguesia), a escolha de pares (para facilitar a comunicação) e dentro de cada turma ser um membro eleito (delegado/sub-delegado) e outro não.

Na escolha dos protagonistas acautelei-me de questões éticas, relacionadas com a inclusão/exclusão das crianças na investigação.

Considera-se um grupo de sete elementos, apropriado a esta investigação pois permite uma maior proximidade/intimidade entre as crianças, criando um espaço em que todas as crianças se façam ouvir.

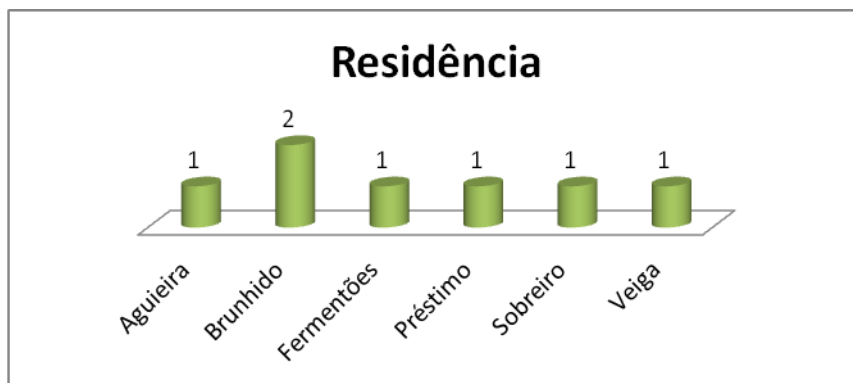
Apresentam-se, através de gráficos, alguns dados relevantes para melhor caracterização e posterior conhecimento do grupo, estes resultam da consulta do processo/ficha dos alunos da escola:

Gráfico 1 – Idade dos elementos do grupo



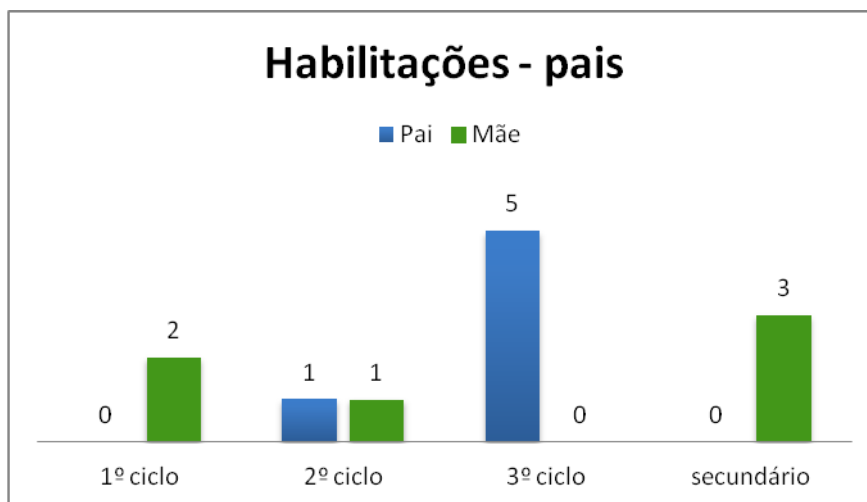
Pela leitura do gráfico pode verificar-se que a maioria das crianças tem 13 anos de idade, frequentam o 8º ano de escolaridade. A única criança de 10 anos frequenta o 5º anos, as duas alunas de 11 anos o 6º ano e a criança de 14 anos o 8º ano.

Gráfico 2 – Residência dos elementos do grupo



De acordo com o gráfico verifica-se que as crianças representam, cada uma, vários lugares da freguesia, à excepção de duas crianças que são gémeas.

Gráfico 3 – Habilitações dos pais dos elementos do grupo



Relativamente às habilitações dos pais, a maioria dos pais possuem o 3º ciclo e as mães dividem-se entre o 1º, 2º ciclo e secundário.

A maioria dos pais desempenha funções de sector terciário (construção civil, costureira, lojista, carteiro) e apresenta um nível sócio-económico médio baixo a médio.

Este parece-nos um grupo heterogéneo, à excepção do género, que se adequa à investigação.

3.3 Primeira etapa – Entrada no terreno

Ao longo do percurso do mestrado a ideia de desenvolver um Projeto de Investigação Ação Participativa foi crescendo na minha mente.

O tema estava desde cedo delimitado o local para desenvolver o projeto é que estava por definir. Em várias aulas de Seminário o desafio da Professora Doutora Rosa Madeira foi lançado para a Escola EB 23 de Valongo do Vouga. Refletimos sobre esta opção e pareceu-nos adequada, pois já tinha realizado escutas a algumas crianças desta escola.

Sendo a Professora Doutora Rosa Madeira perita externa desta escola dirigimo-nos no dia 29/1/2013 para reunir com as técnicas da equipa TEIP com o objetivo de conhecer as iniciativas que a escola estava a desenvolver no âmbito da intervenção comunitária. De vários assuntos tratados interessou-nos a existência de um Clube de Mediadores que funcionava às quartas-feiras, das 15:30h às 17:00h.

No dia 14/2/2013 dirigi-me de novo à Escola para manifestar o meu interesse em realizar a investigação com as crianças que frequentavam o clube de mediadores.

Dirigi-me com a coordenadora TEIP ao gabinete do diretor para pedir autorização à investigação. Enquadrei-a no processo de implementação da Cidade Amiga das Crianças, levada a cabo pela Câmara Municipal de Águeda. A coordenadora TEIP referiu que seria *“ótimo uma parceria entre a Escola, a Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de Águeda”*⁶.

Depois de obter autorização por parte do diretor à investigação reuni com as técnicas da equipa TEIP onde lhes expliquei os objetivos e condições iniciais da investigação. A mediadora de conflitos e a coordenadora TEIP atribuíram-me um grupo de 10 crianças tendo em conta critérios acima referidos.

⁶ Ver nota de campo nº 2

Refletindo acerca destas duas reuniões, surge a necessidade de saber mais acerca do clube de mediadores (objetivos e funcionamento) e acerca desta escola enquanto escola TEIP.

A Escola EB 23 de Valongo do Vouga integra o programa de escola TEIP desde o ano letivo de 2009/2010, estando desta forma no Terceiro Programa de Territorialização de Políticas Educativas de Intervenção Prioritária (TEIP3). “São **objetivos centrais do Programa TEIP3**: melhorar a qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos; combater a indisciplina, o abandono escolar precoce e o absentismo; criar condições para a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa e promover a articulação entre a escola, os parceiros sociais e as instituições de formação presentes no território educativo.”⁷

O clube de mediadores existe na escola desde o ano letivo de 2011/2012 e tem como objetivo *formar alunos que preservem e valorizem os espaços e os intervenientes da comunidade escolar*⁸.

A mediadora refere que é importante a existência do clube de mediadores na escola. Afirma que *a voz e a realidade dos alunos deve ser tida em conta. Devemos conhecer a sua realidade, não é só a realidade dos alunos. Por vezes os alunos têm outra visão, veem as coisas de outra forma*⁹.

Assumi desde cedo o desejo de que as crianças tivessem um papel de ativo neste projeto. Não pretendia construir um projeto sobre elas, mas sim com elas, sendo o meu objetivo colocá-las no papel de investigadores.

1ª Etapa – entrada no terreno

Momentos	Atividade	Recursos
1º momento	- Autorizações à investigação; - Apresentação do projeto à equipa TEIP.	- Autorização UA
2º momento	- Atribuição de um grupo de crianças.	- Lista presenças clube mediadores (mediadora de

⁷ Informação retirada de <http://www.dgicd.min-edu.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=18>

⁸ Entrevista realizada à mediadora de conflitos, ver anexo

⁹ Entrevista realizada à mediadora de conflitos, ver anexo

		conflitos)
3º momento	-Consulta e análise documental	- Fichas de inscrição na escola

Para que as crianças a convidar pudessem reunir comigo redigi uma autorização¹⁰, em nome na escola, que foi entregue pela mediadora de conflitos.

Assim, este projeto teve como facilitador, num momento inicial, a mediadora de conflitos, pois era a responsável pelo clube de mediadores e foi ela que facilitou o contato inicial com as crianças.

3.4 Segunda etapa – Constituição do grupo de Investigação Acção Participativa

A entrada no terreno, devido a fatores apresentados anteriormente, foi fácil, constituir um grupo para a investigação é que se tornou difícil.

Num primeiro encontro, das 10 crianças convidadas apenas apareceram 4. Foi angustiante, refletindo sobre isso cheguei à conclusão que deveria ter feito logo um convite às crianças e não esperar para o fazer pessoalmente.

No entanto, a primeira sessão decorreu com naturalidade, não deixando transparecer a minha inquietude.

Apresentei-me, questioneei se sabiam o porquê de estarem ali e a Rita M. respondeu-me “*vamos ser investigadoras contigo e aprender coisas dos direitos das crianças*”¹¹. Sabiam que estavam ali por fazerem parte do clube de mediadores. Apresentei-lhes a investigação e referi que queria pensar em conjunto com eles como é que estando eles tanto tempo na escola se conseguiam organizar de forma a dar um contributo à CMA.

Referi que ali não havia respostas certas ou erradas, a sua opinião era o importante e não havia de ter medo de a expressar pois era um direito que todos tínhamos.

Mencionei que era importante que despissem o papel de alunos, fossem atores sociais com voz.

¹⁰ Ver anexo A

¹¹ Ver nota de campo nº 3

2ª Etapa – Constituição do grupo de Investigação Acção Participativa

Momentos	Atividades	Recursos
<i>1º momento</i>	<ul style="list-style-type: none"> -Convite à Investigação -Conversa sobre a Investigação -Jogo do Bingo (tema CDC) 	<ul style="list-style-type: none"> - flyer UNICEF -Plano implementação CAC da CMA -Calendário civil - Rebuçados - Convenção dos Direitos da Criança - flyer CAC -Roleta bingo, cartões de jogo
<i>2º momento</i>	<ul style="list-style-type: none"> -Convite segundo grupo -Distribuição Kit do Investigador -Desenho Valongo do Vouga – aspetos positivos e negativos 	<ul style="list-style-type: none"> - Kit (capa, caderno, flyer UNICEF, mapa implementação e calendário -folhas A3 -marcadores, lápis carvão, lápis carvão e lápis de cor
<i>3º momento</i>	<ul style="list-style-type: none"> -Preenchimento da ficha do investigador; -Conversa sobre Águeda, Iniciação do mapa 	<ul style="list-style-type: none"> -ficha do investigador -papel cenário -marcadores, lápis carvão, lápis carvão e lápis de cor

13 março – primeiro constrangimento institucional

Na **primeira sessão**¹², 20 de Fevereiro de 2012, apresentei-me, discutimos etapas e condições da investigação recorrendo aos materiais de recurso preparados e seleccionados anteriormente.

Depois de ler, em conjunto, o consentimento informado¹³ propus que realizássemos o Jogo do Bingo. Este jogo tinha como objetivo fazer uma aproximação ao tema, promovendo desde a primeira sessão a participação e o diálogo do/no grupo. Atingia mais pontuação quem tivesse o maior número de respostas semelhantes, esta forma revelou-se uma estratégia útil para o estabelecimento de diálogo.

De acordo com as respostas¹⁴ dadas a este jogo, pode verificar-se que estas crianças conhecem alguns direitos das crianças. Em relação aos espaços onde lhes é dado voz, a escola ocupa um lugar de destaque para o grupo. Na concepção que fazem de uma Cidade Amiga das Crianças o direito à participação infantil, à igualdade e ao respeito assumem-se como princípios fundamentais para que uma cidade seja amiga das crianças.

No final da sessão, e antes que assinassem o consentimento informado, questionei-as se o tema a ser por nós tratado faria sentido. As respostas foram afirmativas, contudo foi necessário arranjar estratégias que permitisse ao grupo “sair da esfera da escola”, de início a sua militância estava centrada na escola.

“Rita – Acham que este tema é pertinente, com o que aqui pensarmos, investigarmos em conjunto como poderemos ajudar a Câmara Municipal?”

Mariana – eu acho que sim, porque a minha turma é um bocado conflituosa, todos os dias acontecem coisas e com o que nós vamos aprender aqui de resolver e não resolver problemas, eu acho que depois nós de estarmos aqui, vai ser mais fácil para nós ajudar a resolve-los. Elas às vezes gritam muito e dizem que quase lhes apetece começar a baterem-se. Nós aqui vamos pensar soluções para resolver esses e outros problemas.

Rita –Nós aqui vamos debruçar na temática dos direitos, mais propriamente do direito à participação infantil. De que forma esta temática, a dos direitos, vos poderá ajudar na resolução desses problemas?

¹² Ver nota de campo nº 3

¹³ Ver anexo B

¹⁴ Ver anexo M

Mariana – haviam muito problemas com uma menina de etnia de cigana e ninguém queria estar ao pé dela. Uns por uma coisa, outros porque diziam que ela cheirava mal. Nós ao aprendemos aqui que não devemos desprezar os outros podemos transmitir essa ideia aos nossos colegas.

(silêncio)

Beatriz – eu acho que é pertinente e podemos ser muito úteis na escola, porque aqui as crianças não se respeitam umas às outras.

Rita – E porque é que tu achas que não se respeitam?

Beatriz – Não sei, ou por ser....rica, por ser pobre, pela maneira de vestir. Pela cor, eu acho que é mesmo isso. E acho que se aqui reuníssemos algumas ideias eu ia ajudar.

Rita – então e quais são essas ideias, que se devem transmitir para que essas coisas não acontecem?

Beatriz – que não devemos julgar os outros pela aparência, nem pela maneira de vestir. Porque devemos pensar que os outros também nos julgam a nós. Não podemos fazer aos outros o que não gostamos que nos façam a nós.”

Podemos verificar através deste excerto de conversa em grupo que a escola e a discriminação existente eram preocupações do grupo. Um conhecimento mais aprofundado acerca dos direitos da criança seria, para estas crianças, útil na medida que poderiam transmitir às outras crianças ideias e pensamentos partilhados para evitar alguns problemas.

Na **segunda sessão**, estávamos perante o segundo grupo convidado. Dos 14 alunos convidados, os que restavam da lista de presenças da sessão do clube de mediadores, apareceram nesta sessão 5. No entanto, a Beatriz contou à turma a dinâmica da sessão anterior e convidou para a investigação 3 colegas de turma.

Eu : Beatriz Duarte da Rosa, convidei as minhas colegas Rita Sabino, Alexandra Almeida e Bruna Almeida para vir participar na investigação. Feito o convite elas aceitaram. Eu achei que era importante convidar mais pessoas, porque quanto mais pessoas estiverem envolvidas nesta investigação, mais o tema é aprofundado e acho que a mensagem passa mais depressa às pessoas¹⁵.

À semelhança da primeira sessão conversámos acerca da investigação, lemos o consentimento informado e propus que participassem na sessão até ao fim, para posteriormente tomarem uma decisão.

Entreguei o Kit de Investigador e algumas crianças disseram que seria muito útil, uma vez que, já tinham pedido ao diretor de turma para falar acerca da investigação e os

¹⁵ Mail enviado pela Beatriz a 12/03/2013

materiais do Kit seriam um bom suporte. Este era o objetivo deste kit, que estas crianças começassem a sentir a investigação como sua, falando dela a outros colegas.

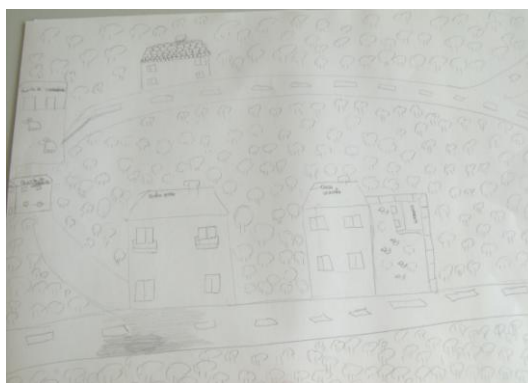
Perante a necessidade de partir para outras esferas além da escola, sugeri que desenhassem numa folha, de tamanho A3, o sítio onde moravam ou algum aspeto desse local que fosse para eles positivo ou negativo.

Ilustração 1 – Desenho da Diana, Préstimo.



“ Eu desenhei uma terra que tenho na minha casa, no Préstimo, com os animais que lá costumam pastar. O que eu não gosto é que o pinhal que está lá ao lado está a ser cortado e é lá que moram os esquilos e sou eu que lhes costumo dar comer, tenho umas bolotas lá em casa. Se cortarem as árvores também há lá umas raposas e ficam sem o seu habitat. Eu gosto de viver numa aldeia, lá perto vive uma criança que é minha amiga e brinco com ela. Gosto de estar ao pé da igreja e de brincar com as crianças que saem da catequese e gosto de dar voltas de bicicleta por lá, porque tenho contato com as pessoas mais idosas que me contam histórias como era antigamente.”

Ilustração 2 – Desenho da Rita S., Fermentões



“Eu desenhei a minha casa, que é rodeada por pinhais (silencio) eu gosto porque há uma grande ligação entre os vizinhos. Não gosto que haja pinhais porque são um risco para os incêndios. Não gosto do cheiro a cavalo (risos) porque ao pé de minha casa existe uma quinta e há prática das aulas de equitação. AAAHHH não há crianças, só há quando as netas dos meus vizinhos vão para lá brincar. Gosto de passear pelos pinhais, só existem três casas na minha rua e há uma por trás mas é um pouco longe. Pronto! Gosto de viver lá só não gosto dos pinhais.”

Ilustração 3 – Bruna, Brunhido



“Eu desenhei a pré, onde eu andei. Gostava muito, brincava com os meus amigos e fazíamos atividades que eu gostava. Quando hoje passo lá vejo meninos a brincarem onde eu já fui feliz também e fico com saudades...”

Os desenhos e a conversa gerada a partir dos mesmos foram importantes para conhecer mais acerca do espaço físico em que as crianças habitam, quais potencialidades e preocupações que as crianças retinham desses espaços.

Ao analisar a conversa gerada nesta sessão¹⁶ verifica-se que as crianças têm muito em conta os aspetos físicos do seu concelho. As questões ambientais e as acessibilidades são uma preocupação deste grupo. As relações entre pares, quase inexistentes, na aldeia de cada um são outro fator de preocupação. Quando se discutia como seria Águeda uma CAC a Alexandra afirma *“para já deviam existir mais crianças!”*¹⁷

¹⁶ Ver sessão focus group 2, anexo G

¹⁷ Ver sessão focus group 2, anexo G

Na **terceira sessão**, cada criança pensou que tipo de investigador seria, o que era mais importante nesta investigação e qual o compromisso que assumia.

Estávamos perante investigadores¹⁸ preocupados com o mundo que os rodeia, onde um dos aspectos mais importante era ajudar Águeda a ser uma CAC e para tal comprometiam-se a alertar para os direitos das crianças e para o seu exercício.

Retomamos, ainda, o assunto pendente da sessão anterior. Para centramos a investigação na cidade de Águeda pareceu-me oportuno mapear a cidade. Propus ao grupo que se organizasse de forma autónoma e decidisse em conjunto qual seria a melhor forma de representar, em papel cenário, a cidade. Foi a primeira vez que me ausentei para os deixar trabalhar sem o meu apoio.

Ao ouvir a gravação¹⁹ percebo que se souberam organizar, respeitando a opinião de cada um, no entanto a Beatriz e a Rita S. assumem um papel de liderança.

Na impossibilidade de discutir o mapa, o grupo decidiu voltar a este assunto na sessão seguinte não só para apresentar o mapa ao restante grupo mas também para discutir melhorias para a cidade.

13 de Março – 1º **constrangimento institucional**²⁰

Dia 13 de Março seria a **4ª sessão**. Passados alguns minutos de espera, estando todo o grupo ausente, decidi procurar as crianças pela escola. Com a ajuda de uma funcionária e uma colega de turma da Beatriz, da Rita S, da Bruna e da Alexandra, percorri os espaços da escola que costumam frequentar, não estavam em parte nenhuma e decidi vir embora. À saída da escola, já no parque de estacionamento junto ao meu carro, estas quatro alunas avistaram-me e dirigiram-se a mim. Pediram-me desculpa, havia um torneio de basquete, para encerrar o segundo período e esqueceram-se de me avisar.

Com esta situação deparo-me com o primeiro constrangimento institucional desta investigação. Segundo Fernandes (2006, 28) estes constrangimentos “*condicionam a organização dos quotidianos infantis. A consideração de tais constrangimentos passa pela indispensabilidade de combater a massificação do atendimento à infância, a imagem de criança-utente, para desta forma recuperar um outra imagem, da criança-cidadã, o que*

¹⁸ Ver Anexo E, respostas ficha do investigador

¹⁹ Sessão focus group nº 3

²⁰ Ver nota de campo nº 6

implica que se repensem conceitos e imagens que influenciam a formação dos profissionais que com elas partilham os contextos institucionais, educativos e sociais.”

3.5 Terceira etapa – Iniciação à prática

Esta etapa, que compreende 4 sessões (da 5 à 8), marcou o ponto de viragem na investigação. Podemos afirmar que o grupo se constituiu definitivamente nesta etapa, apesar do constrangimento verificado.

Esta foi a etapa de iniciação à prática onde o grupo assumiu a investigação, planeando e reflectindo acerca de cada momento.

3ª Etapa		
Momentos	Atividades	Recursos
<i>1º momento</i>	- Conversa sobre Águeda (melhorias)	
2º constrangimento institucional		
<i>2º momento</i>	- Elaboração guião de entrevista	
<i>3º momento</i>	- Pré-teste entrevista	

Na **quinta sessão**, conforme combinado na sessão anterior, voltamos ao mapa de Águeda. Como na sessão anterior não estavam duas crianças sugeri que o grupo partilhasse o que estava representado no mapa.

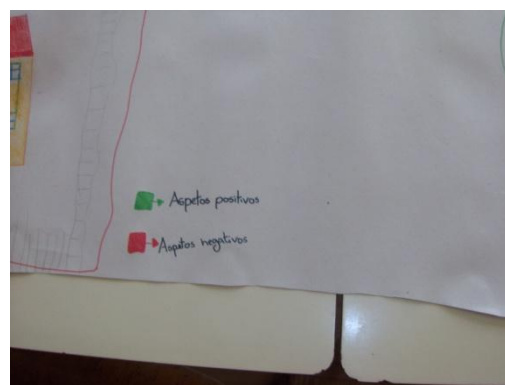
“Sim! Então aqui desenhamos a pista das bicicletas, que é um ponto positivo, a biblioteca que também é positivo. Aqui são as obras e cortaram as arvores para colocar os chapéus que é um ponto negativo. Aqui estão os parques, são um ponto positivo, as escolas também e os hospitais também são um ponto positivo²¹.” - Beatriz

Foi engraçado ver como esta partilha gerou a discussão no grupo. Segundo a explicação da Beatriz tudo o que representaram no mapa era positivo à excepção das obras,

²¹ Ver transcrição focus group sessão 5

contudo a Rita M. referiu “para mim as obras tanto podem ser um ponto negativo como positivo. Porque podem melhorar a cidade quando estiverem terminadas²².”

De seguida, e ao analisar o mapa detalhadamente, o grupo encontrou inúmeros aspetos negativos para alguns edifícios da cidade:



Quadro 4 – Problemas e Soluções discutidas pelo grupo em relação à cidade de Águeda²³

Análise mapa de Águeda		
Edifício	Problemas encontrados	Soluções apontadas pelo grupo
Hospital	<ul style="list-style-type: none"> - Encerramento da especialidade de Pediatria - Longas horas de espera para consulta 	<ul style="list-style-type: none"> - Existirem mais quartos - Abertura do serviço de pediatria
Igreja	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas salas para catequese - Salas e igreja frias 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de mais salas - Aquecimento
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Insegurança - Discriminação - Falta de materiais audiovisuais - Abuso de poder 	<ul style="list-style-type: none"> - Posição mais firme do diretor - Mais funcionárias na escola

²² Ver sessão focus group, sessão 5

²³ De acordo com a 5ª sessão de focus group

	- Papelaria só abre de manhã	
--	------------------------------	--

Depois de discutir o mapa, apresentados problemas e soluções para a cidade de Águeda, o grupo considerou que afixar o mapa não era suficiente para dar a conhecer tais situações.

Era necessário envolver um maior número de pessoas para pensar nos problemas da cidade e encontrar soluções. Envolver a comunidade escolar, realizando entrevistas tornou-se viável ao grupo.

“Rita S. – eu acho que só afixar isto não é suficiente... temos que pensar formas de envolver a escola...”

Beatriz – podíamos fazer perguntas a várias pessoas da escola para saber o que pensam acerca da cidade de Águeda.

Mariana – pois! Também podemos perguntar se conhecem os direitos da criança para não haver tantos problemas.²⁴”

No dia 10 de Abril, **sexta sessão**, deparo-me de novo com um **constrangimento institucional**. As alunas de 8º ano tiveram uma visita de estudo, reuni apenas com a Mariana.

Na **sétima sessão**, retomamos a ideia que surgiu na sessão anterior de elaborar um guião de entrevista. Para a elaboração deste guião, refletimos sobre qual seria o objetivo da entrevista, a quem seria feita, para quê e para dizer a quem.

“Rita – primeiro temos que pensar a quem seria dirigida a entrevista...”

Beatriz – ao diretor...

Rita S. – aos órgãos de gestão...

Beatriz – também a alguns alunos

Rita – aos alunos...

Beatriz – e aos professores.”

(...)

“Rita – temos que pensar também qual será o objetivo das entrevistas.

Rita S. – saber o que a escola pensa acerca do assunto que estamos a tratar...”

²⁴ Transcrição 5ª sessão focus group, anexo G

Rita – e que assunto estamos a tratar?

Rita S. – então estamos a pensar nos direitos das crianças e como é que Águeda pode ser uma Cidade Amiga das crianças.

Rita – elaboramos o guião de entrevista, fazemos a entrevista, analisamos as respostas e depois devolvemos a quem? A quem acham que deve ser devolvida essa informação?

Beatriz – a Águeda!

Rita S. – (Ri-se) isso é um bocado difícil não achas Beatriz?

Beatriz – não por exemplo, ao presidente da câmara. Ele é o órgão máximo.

Rita – o facto da câmara ter conhecimento do resultado das entrevistas ajuda em que?

Beatriz – então assim ficam a saber onde precisam de intervir²⁵.”

Depois de alguma discussão o grupo chegou a um consenso em relação ao guião de entrevista:

- 1- Conhece os direitos da Criança?
- 2- Qual o direito mais importante?
- 3- Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?
- 4- O que é uma cidade Amiga das Crianças?
- 5- Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças?

Durante a conversa, o grupo foi enumerando um conjunto de pessoas da comunidade escolar a quem faria sentido realizar a entrevista.

Na **oitava sessão** o grupo assumiu o papel de investigador e realizou o pré-teste de entrevista. Como refere Alderson (2005) algumas crianças investigadoras realizam pré-testes de entrevista para rever os seus planos e planeiam a recolha, verificação e análise de dados.

Divididas em dois grupos, cada grupo com um gravador, foram para o espaço exterior da escola e entrevistaram aleatoriamente diversas pessoas da comunidade escolar, com a ordem das questões invertida nos grupos.

Quadro 5 – Análise do Pré-teste: respostas encontradas e dificuldades sentidas²⁶

Respostas ao Guião		Professores	Funcionários	Crianças
	Conhece os direitos	“sim!”	“sim	“alguns.”

²⁵ Transcrição de focus group da 7ª sessão

²⁶ Ver anexo H, transcrição Pré-teste entrevista

	das crianças?		conheço”	
	Qual o direito mais importante?	<p>“o direito à escola, saúde, alimentação”</p> <p>“para mim é o direito a ter uma família e isso implica que uma criança seja feliz. Que tenha as condições básicas asseguradas.”</p>	<p>“é o saber estar, o saber escolher dentro das possibilidades de cada um e sentirem-se bem.”</p>	<p>“que toda a gente deve reconhecer que tens direito à vida.”</p> <p>“que respeitem os mais velhos”</p>
	. Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?	<p>“nem sempre, nem sempre. Por vezes nem pela própria família”</p> <p>“eu acho que sim. Até porque a nível da câmara, das escolas e da cruz vermelha fazem tudo para que as crianças estejam bem, acho que sim. Há associações que ajudam as crianças em risco, outras que ajudam nos problemas económicos.”</p>	<p>“acho que cidade nenhuma cumpre, não é só a de Águeda”</p>	<p>“às vezes!”</p>
	. O que é uma cidade Amiga das Crianças?	<p>“uma cidade</p>	<p>“é aquela</p>	<p>“é uma cidade onde</p>

		<i>amigas das crianças é uma cidade de respeita os direitos das crianças, que promove atividades, que se preocupa com elas, que procura a resolução daqueles que têm problemas”</i>	<i>que lhe dá tudo, conforto, tudo o que precisam, todas as necessidades , educação, diversão...”</i>	<i>ajudam as crianças, convivem com elas, as ajudam nos problemas.”</i>
--	--	---	---	---

As maiores dificuldades sentidas verificaram-se no grupo que foi sem mim realizar o pré-teste.

As funcionárias não acreditavam nas crianças, mesmo munidas de um gravador as funcionárias achavam que era um telemóvel e que a entrevista era para “troçar” delas.

D Alice – isto é tudo mentira, isso é um telemóvel (risos). Pois, pensavam que me enganavam!

Beatriz – isto é para a Universidade, estamos a colaborar numa investigação.

D Alice – isso é um MP3

Beatriz - não é nada é um gravador.

Posteriormente, quando algumas funcionárias se aperceberam que eu estava com o outro grupo a realizar também o pré-teste alguém diz ao grupo de alunas que elas são investigadores de meia-tigela. Esta situação causou desconforto no grupo.

Quando sobem para ir ter com o restante grupo à esplanada alguém diz - olha as jornalistas de meia tigela!

Beatriz (indignada) – de meia tigela?! De meia-tigela não, isto é sério.

De referir ainda que uma criança não conseguiu responder ao pré-teste, começou a chorar com medo que fosse para avaliação e duas funcionárias recusaram-se a responder referindo a falta de tempo para a negação à entrevista.

As dificuldades sentidas pelo grupo mereceram logo após o pré-teste uma reflexão por parte do grupo.

As crianças afirmaram que depois da elaboração de um guião de entrevista definitivo faria com que as entrevistas tivessem mais credibilidade porque voltariam pela segunda vez ao terreno.

Importa referir que os professores, foram neste pré-teste, as pessoas que mais deram relevância às entrevistas, nunca se recusando às respostas.

Podemos verificar, nas colunas acima que apesar de todos dizerem que conhecem os direitos das crianças isso não se verifica nos funcionários e nas crianças entrevistadas. “*que respeitem os mais velhos*” foi o direito mais importante referido por uma criança. Nesta resposta esta criança não demonstrou conhecimento acerca dos seus direitos. Uma funcionária referiu que era o direito a “*saber estar*”, aplica o direito como um comportamento das crianças. Esta resposta advém da sua função da escola, garantir o supervisionamento dos alunos para um bom funcionamento da escola.

Águeda apresenta-se para a maioria dos entrevistados como uma CAC. Compreendem uma CAC como um espaço em que os direitos das crianças são assegurados, visando o seu bem-estar, conforto, onde sejam asseguradas actividades lúdicas e culturais para o seu desenvolvimento.

3.6 Quarta etapa – Confirmação do Papel de Investigador... do trabalho de campo à geração de dados para a construção de conhecimento.

Na quarta etapa deste projeto o grupo confirma o papel de investigador, através da realização de entrevistas à comunidade escolar acerca de Águeda como espaço amigo das crianças.

As entrevistas realizadas pelas crianças assumem destaque na geração de dados que nos permitem a obtenção de conhecimento.

De referir que não foi fácil para as crianças realizarem entrevistas a alguns professores. A falta de tempo que estes dispunham era a causa apresentada para a negação da entrevista. No entanto, com a determinação do grupo as entrevistas foram realizadas.

4ª Etapa

Momentos	Atividades	Recursos
<i>1º momento</i>	- Convite visita UA – confirmação investigador/cidadão local	
<i>2º momento</i>	- Análise do pré- teste/elaboração de guião definitivo - Trabalho de campo – entrevistas à comunidade escolar	- gravador
<i>3º momento</i>	- Tratamento de dados	
<i>4º momento</i>	- Avaliação/devolução de todo o projeto	

Dia 26 de Abril, o grupo de crianças investigadoras foi convidado²⁷ para visitar a Universidade de Aveiro. Este convite surge no âmbito da Campanha da Educação para Todos com o tema *Todas as Crianças Precisam de um Professor*.

Esta iniciativa permitiu ao grupo ter contato com outras crianças que estavam a trabalhar acerca do mesmo tema.

Os grupos envolvidos nesta visita (grupo EB 23 de Valongo do Vouga e o grupo da Casa de Povo de Valongo do Vouga) foram recebidos pelo Professor Doutor António Moreira, diretor do Departamento de Educação, que lhes agradeceu pelo fato de estarem a desenvolver investigações em parceria com a UA. De seguida, para além de poderem conhecer o Departamento de Educação participaram numa conversa dinamizada pela Professora Rosa Madeira.

Posteriormente, depois de um pequeno lanche, divididos em três grupos, reuniram com o grupo de Aveiro que criou a plataforma dos direitos. Tiveram conhecimento da

²⁷ Ver anexo I

plataforma, inscreveram-se no site e responderam ao questionário apresentado no portal dos direitos da criança.



Esta visita à UA foi importante, uma vez que as crianças foram convidadas na qualidade de investigadores de Águeda. A confirmação do papel de investigador e de cidadão local.

Na **décima sessão** o grupo analisou os resultados do pré-teste, criou um guião de entrevista definitivo e decidiu quem seriam os entrevistados.

Quadro 6 - Guião definitivo e distribuição dos entrevistados pelos grupos definido pelo grupo²⁸

Grupos	Entrevistados
Diana Rita M Mariana	- Funcionários: (D. Alice, funcionários corredores; D. Fernanda, chefe de funcionários; Sr. Paulo,

²⁸ Conforme 10ª sessão focus group

	porteiro) - Alunos: (Kelly, 8º ano; Filipa 6º ano e Tatiana 5º ano)
Beatriz Bruna	Pais : prof. Jorge Almeida; Prof. Alcina Magalhães; Sandra Sabino (secretaria)
Alexandra Rita S.	- Professores: Prof. Rosa Matos (TEIP), prof. Margarida, Prof. Fernanda Marques (conselho pedagógico) - Diretor

Guião

- 1- Conhece os direitos das crianças?
- 2- Qual é para ti o direito mais importante?
- 3 – Achas que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?
- 4 – O que é uma Cidade Amiga das Crianças?
- 5 – Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças?
- 6 – E esta escola é uma escola amiga das crianças?

Pode-se dividir o guião de entrevista em duas partes distintas: a primeira parte até às três primeiras questões relacionam-se diretamente com os direitos, questões relacionadas com a CDC e as restantes com as CAC, sendo as duas últimas especificamente do concelho de Águeda.

As crianças realizaram as entrevistas nos seus tempos livres, com gravadores fornecidos por mim. À medida que iam tendo algumas entrevistas enviavam-me por e-mail o ficheiro áudio, para que eu fizesse a transcrição da mesma.

A **décima primeira sessão** não correu como o grupo tinha previsto. Esta era uma sessão já destinada ao tratamento de dados. No entanto, algumas crianças tiveram dificuldade em entrevistar os professores, o que condicionou o tratamento de dados por mais uma semana.

Parece-nos apropriado fazer uma pequena caracterização das pessoas entrevistadas, assim como mencionar os locais onde decorreram as entrevistas.

Quadro 7 – Caracterização dos entrevistados e dos locais onde decorreram as entrevistas

Entrevistados	Função na escola	Cargo na escola	Entrevista realizada		Local em que decorreu a entrevista
			Sim	Não	
D. Alice	Funcionária	Responsável corredores	X		Sala dos funcionários
D. Fernanda	Funcionária Biblioteca	Chefe de todos os funcionários	X		Biblioteca
Sr. Paulo	Funcionário	Porteiro		X Falecimento de familiar direto – recusa	
Kelly	Aluna	Presidente Associação de Estudantes		X recusa	
Filipa	Aluna	Delegada 6º D	X		Sala de aula
Tatiana	Aluna	Delegada 5º C		X Recusa	
Jorge Almeida	Pai/Professor	--	X		Sala dos professores
Alcina Magalhães	Mãe/Professora	--	X		Hall da escola
Sandra Sabino	Mãe/Funcionária Secretária	--	X		Biblioteca
Rosa Matos	Professora	Coordenadora TEIP	X		Portaria da escola
Margarida Osório	Professora	Diretora de turma 8º C	X		Caminha organizada pela turma
Fernanda Marques	Professora	Conselho pedagógico	X		Hall da biblioteca
António Portela	Professor	Diretor	X		Bar da escola

Nesta sessão ouvimos as entrevistas, já todas realizadas, tecendo alguns comentários acerca das mesmas.

A transcrição de entrevistas²⁹ foi realizada por mim e devolvida ao grupo alguns dias depois através de e-mail. Desta forma, as crianças podiam ler na íntegra as entrevistas que realizaram, para que na próxima sessão fosse feito o tratamento de dados.

Quadro 8 – Respostas à questão 2 - *Qual é para ti o direito mais importante?*

Professores	<p><i>“O direito à educação.”</i></p> <p><i>“O direito mais importante é o direito a ter uma família, o direito à educação.”</i></p>
Diretor	<i>“É o direito à educação (...) porque a educação é o pilar do desenvolvimento da criança. É essencial uma boa educação.”</i>
Pais	<p><i>“Ter acesso ao à educação gratuita.”</i></p> <p><i>“Aiiii, não sei se é um direito mas é o direito a ser feliz!”</i></p>
Funcionários	<i>“o direito à educação e à saúde.”</i>
Crianças	<i>“Respeitar as crianças, como nós também temos que respeitar os mais velhos.”</i>

Para os professores, pais e diretor o direito à educação e à saúde são os direitos referidos como os mais importantes. A única criança entrevistada refere o *respeito pelas crianças* como um direito, estabelecendo igualdade no cumprimento de direitos entre adultos/crianças e crianças/adultos.

Quadro 9 – Respostas à questão 3 - *Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?*

Professores	<p><i>“Sim, no âmbito escolar penso que sim.”</i></p> <p><i>“Acho que sim, acho que todas as crianças da cidade de Águeda têm direito à educação e a frequentar um estabelecimento escolar”</i></p>
Diretor	<i>“São, são, são!”</i>
Pais	<i>“Sim! (...) então porque existem escolas do ensino básico e secundário gratuitas.”</i>

²⁹ Ver anexo J

	<i>“Hum... acho que já foi mais. Acho que tendo em conta as circunstâncias da sociedade há crianças a passarem muito mal. A passarem fome, a não terem condições de higiene favoráveis. Aqui no nosso concelho começamos a assistir a alguns desses problemas.”</i>
Funcionários	<i>“Sim há instituições que ajudam as famílias e as escolas também (pausa) é acho que sim.”</i>
Crianças	<i>“Há sítios em que acho que não é tanto. As pessoas querem parecer mais velhas e não deixam as crianças fazer o que querem.”</i>

O direito à educação parece ser para os adultos entrevistados cumprido na cidade de Águeda.

A criança refere que o direito à igualdade nem sempre é cumprido.

Quadro 10 – Respostas à questão 4 – *O que é uma Cidade Amiga das Crianças?*

Professores	<i>“É uma cidade que se preocupa com os direitos e não só, também com os deveres. Porque não nos podemos esquecer que as crianças têm direitos mas também têm deveres. Então, temos que aliar o direito ao dever.”</i> <i>“É uma cidade para além de proporcionar o ensino, tenta proporcionar espaços desportivos de qualidade, tenta proporcionar bons espaços ao ar livre, tenta também proporcionar espaços culturais”</i>
Diretor	<i>“É uma cidade que respeita os seus direitos, que dá condições materiais para que as crianças possam desenvolver a sua liberdade e autonomia e também condições físicas.”</i>
Pais	Não responderam a esta questão
Funcionários	<i>“Uma cidade amiga das crianças é uma cidade que esteja bem sinalizada em termos de sinais mesmo, passadeiras pausa tentar pôr (pausa aahaaahhhh) perto das escolas e é isso que eles estão a fazer, reduzir a velocidade, estão a fazer isso.”</i>

Crianças	<i>“Uma cidade amiga das crianças é uma cidade em que as crianças podem fazer aquilo que querem, divertir-se livremente e é nesse sentido.”</i>
----------	---

Através das respostas verifica-se que os entrevistados consideram uma CAC um espaço onde vigoram os direitos da criança, onde são criadas condições para o seu desenvolvimento autónomo e livre.

Quadro 11 – Respostas à questão 5 – *E Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças?*

Professores	<i>“Acho, acho que sim. Pelo aquilo que conheço acho que se preocupa com as crianças, escutas as crianças. Por exemplo este projeto é para escutar as crianças de Águeda.”</i> <i>“Sim, acho que sim. É uma cidade variada e tem muitas opções.”</i>
Diretor	<i>“É uma cidade que dispõe de um conjunto de estruturas para apoio às crianças.”</i>
Pais	<i>“Sim, porque tem espaços para brincarem, cinemas, coisas que as crianças gostam!”</i> <i>“Existem alguns projetos aqui em Águeda que visam ajudar as crianças, agora não sei se estão acessíveis a todas as crianças”</i>
Funcionários	<i>“Sim acho que sim! Águeda faz atividades onde as crianças se inserem, tem programas que fazem.”</i>
Crianças	<i>“Eu acho que sim, tem parques e tudo, dá para as crianças serem livres (pausa) para terem a liberdade que querem.”</i>

Águeda assume-se como uma CAC, para os entrevistados, na medida em que possui um conjunto de estruturas e organizações capazes de dar resposta às crianças.

A participação infantil começa a ser mencionada pelos professores como condição essencial para que uma cidade seja uma CAC.

Quadro 12 – Respostas à questão 6 – *E esta escola é uma escola amiga das crianças?*

Professores	<i>“Sim! Uma vez que é uma escola TEIP, sendo uma escola TEIP é uma escola inclusiva, uma escola que se preocupa com as crianças.”</i>
-------------	--

	<i>“Eu acho que é! Em primeiro lugar porque o trabalho que desenvolvemos aqui na escola é a pensar nelas, todo o trabalho que fazemos é inclusivo.”</i>
Diretor	<i>“É! É extremamente amiga das crianças. Trabalha para elas e nessa medida é mesmo amiga.”</i>
Pais	<i>“É, porque proporciona espaços de lazer às crianças, dá-lhes formação e educação.”</i> <i>“A escola é sempre uma instituição que está alerta para as necessidades das crianças, mas uma escola não é só isso. Depois temos que alargar a escola à família e para isso há técnicos, há autarquia, há junta de freguesia que também podem fazer um contato mais direto. Mas a escola está sempre na linha da frente e é a primeira a detetar os problemas das crianças.”</i>
Funcionários	<i>“Sem dúvida! Porque acho que há muito bom relacionamento entre funcionários, professores e alunos. Acho que quando os alunos têm algum problema têm à vontade para falar com o diretor de turma ou um funcionário e são ajudados.”</i>
Crianças	<i>“esta escola.... (pausa) tenho duas hipóteses. Uma acho que não porque há coisas que nos queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos proibidos. Mas noutra sentido acho que dá para fazermos aquilo que queremos dentro das reservas que nos dão.”</i>

A escola é referida pelos adultos como amiga das crianças uma vez que é inclusiva. Destacam ainda a boa relação existente entre adultos/crianças e crianças/adultos.

A criança entrevistada divide a sua opinião pois, por vezes, não é cedida às crianças a autonomia necessária na tomada e escolha de decisões.

Ao analisar pequenos excertos das entrevistas, mencionados nos quadros acima transcritos, verificamos que quem conhece mais acerca dos direitos das crianças são os professores e os pais. O direito à educação e à saúde são os direitos mais importantes para os entrevistados.

Comparando respostas dos adultos e da única criança entrevistada, nem sempre as respostas são convergentes. As opiniões divergem sobretudo na última questão: os adultos (professores, pais, funcionários) afirmam sem hesitar que a escola é amiga das crianças e a aluna não considera apenas essa opção (*“Uma acho que não porque há coisas que nos queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos proibidos”*.)

Em relação às outras questões os entrevistados estavam de acordo. No que diz respeito a uma CAC, o respeito e o cumprimento pelos direitos das crianças parece ser para a maioria uma condição essencial para que uma cidade seja uma CAC. Questões como a autonomia, a liberdade e as condições físicas merecem também um reparo para o bom funcionamento de uma CAC.

Consideram que Águeda é um espaço amigo das crianças na medida em que existe uma estrutura social capaz de dar resposta às necessidades das crianças. A aluna, devido à sua faixa etária 11 anos, refere a existência de parques na cidade – direito ao brincar – como condição válida para que Águeda seja uma CAC. Já a coordenadora do Projeto TEIP refere Águeda como amiga das crianças na medida em que as escuta – direito à participação infantil.

Na **décima segunda** sessão o grupo discutiu qual a melhor forma de tratar os dados da entrevista dando ênfase à voz dos entrevistados. Consideraram que esta seria a melhor forma de envolver a comunidade escolar nesta investigação.

As crianças decidiram elaborar um cartaz com as respostas de alguns entrevistados, e posteriormente afixar na escola. Ao afixar na escola, onde todos tivessem acesso, era uma forma de devolução à escola. Para o grupo, dando voz às pessoas entrevistadas, e vendo elas as suas respostas expostas iriam conversar com outros elementos da escola.

O cartaz exposto na escola continha a seguinte informação:

1 – Conheces os direitos das crianças?

Todos os entrevistados conhecem minimamente os direitos das crianças.

2- Qual é para ti/si o direito da criança mais importante?

Igualdade

	Não discriminação	Família
Educação	Amor	Saúde

3- Acha(s) que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?

Acho que tendo em conta as circunstâncias da sociedade há crianças a passarem muito mal. A passarem fome, a não terem condições de higiene favoráveis. Aqui no nosso concelho começamos a assistir a alguns desses problemas. – resposta de uma mãe

Sim há instituições que ajudam as famílias e as escolas. – resposta de uma funcionária

Há sítios em que acho que não é tanto. As pessoas querem parecer mais velhas e não deixam as crianças fazer o que querem. – resposta de uma aluna

Acho que todas as crianças da cidade de Águeda têm direito à educação e a frequentar um estabelecimento escolar. – resposta de um membro da direção

4- O que é uma Cidade Amiga das Crianças?

Uma cidade amiga das crianças é uma cidade em que as crianças podem fazer aquilo que querem, divertir-se livremente e é nesse sentido. – resposta de uma aluna

Uma cidade amiga das crianças é uma cidade que esteja bem sinalizada em termos de sinais mesmo, passadeiras perto das escolas e é isso que eles estão a fazer para reduzir a velocidade. – resposta de uma funcionária

É uma cidade que respeita os seus direitos, que dá condições materiais para que as crianças possam desenvolver a sua liberdade e autonomia e também condições físicas. – resposta de um membro da direção

5 – A cidade de Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças?

Todos os entrevistados consideram a cidade de Águeda uma cidade amiga das crianças.

6 – E esta escola é uma escola amiga das crianças?

Sim! Uma vez que é uma escola TEIP, sendo uma escola TEIP é uma escola inclusiva, uma escola que se preocupa com as crianças. – resposta de uma professora

A escola é sempre uma instituição que está alerta para as necessidades das crianças, mas uma escola não é só isso. Depois temos que alargar a escola à família e para isso há técnicos, há autarquia, há junta de freguesia que também podem fazer um contato mais direto. Mas a escola está sempre na linha da frente e é a primeira a detetar os problemas das crianças. – resposta de uma mãe

Esta escola.... tenho duas hipóteses. Uma acho que não, porque há coisas que nós queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos proibidos. Mas noutro sentido acho que dá para fazermos aquilo que queremos dentro das reservas que nos dão. – resposta de uma aluna

Acho que há muito bom relacionamento entre funcionários, professores e alunos. Acho que quando os alunos têm algum problema têm à vontade para falar com o diretor de turma ou um funcionário e são ajudados. – resposta de um funcionário

Esta foi a forma que o grupo encontrou para fazer o tratamento de dados sistematizando as entrevistas. O grupo elaborou ainda um quadro com algumas conclusões que retirou da leitura das entrevistas e algumas sugestões de consulta.

Quadro 13 – Conclusões retiradas pelas crianças a partir da leitura das entrevistas

Na nossa opinião...

Apesar de dizerem que conhecem os direitos das crianças nas respostas verificamos que confundem direitos com necessidades.

A maioria dos entrevistados considera que a cidade de Águeda e a escola são amigas das crianças.

Documentos que recomendamos consultar...

. Convenção dos Direitos da Criança

. <http://www.unicef.pt/>

Na **décima terceira** e última sessão, as crianças foram agentes de avaliação do todo o percurso de investigação.

Considerei que a melhor forma de devolver todas as etapas da investigação seria colocar na mesa de trabalho todos os materiais por nós utilizados, tal como os registos que ainda tinha do grupo (cartões do jogo do bingo, desenhos, mapa de Águeda, transcrições de pré-teste e de entrevistas).

“Rita M. – eu gostei muito, foi muito educativo. Acho que bom para conhecer mais acerca dos nossos direitos. Era um tema que já tinha lido mas não tinha aprofundado. Achei muito interessante fazer as entrevistas...”

Rita – e achas que o fato de fazermos as entrevistas a nossa investigação é do conhecimento da escola?

Rita M. – algumas sim, outras não...

Mariana - algumas pessoas nem sequer sabem que esta investigação existiu.

Rita – isso então é um aspeto a refletir, é uma falha. Teríamos que ter pensado anteriormente uma forma de este projeto ser do conhecimento de toda escola.

Mariana – mas agora o ano está a acabar, é muito difícil...

Beatriz – podíamos fazer uma palestra e dar a conhecer a toda a escola...

Rita – e como chegamos aos colegas para virem à palestra?

Mariana – isso é fácil, é afixar ai papéis na escola, é assim que toda gente faz.

Beatriz – isso tem que ser melhor organizado, não pode ser assim.

Rita M. – o que podia ser feito até para o ano era um workshop...

Rita – sim, parece uma boa ideia...

Rita M. – podíamos ser nós agora a meter a escola a pensar sobre este tema. Tu já não estás cá. Nós já somos mais velhas já pode ser.

Bruna – eu gostei muito de fazer a investigação, fiquei a conhecer por dentro os direitos das crianças, gostei muito de fazer as entrevistas...

Alexandra - porque refletimos nas respostas dos entrevistados e isso também nos ajuda a aprender, a saber mais acerca deste tema. Nós colocamos a escola a pensar, porque nós fazíamos uma pergunta e todos pensavam... não conseguiam responder logo.

Rita – vocês com isso conquistaram um direito dentro desta escola...

Rita S. – pois! Porque foi muito difícil entrevistar o Diretor e a Professora Rosa. Tivemos que os seguir até ao bar, quase lhes fizemos uma espera.

(Risos)

Rita – isso também é muito importante vocês conquistaram um lugar e espaço nesta escola. Foi como dizer eu estou aqui, quero-te fazer uma entrevista e vou fazer... e conseguiram! Foram protagonistas neste processo...

Beatriz – eu não conhecia a maior parte dos direitos. As entrevistas foram importantes porque as pessoas não conheciam os direitos e tiveram que pensar acerca disso...

Rita – para vocês as entrevistas foram o mais importante?

Todas – sim!

Rita - Porque?

Mariana – porque ficamos a saber a opinião da escola e agora podemos intervir...

Alexandra – sabemos as várias opiniões, diferentes opiniões são importantes.

Rita – então e os trabalhos iniciais: o bingo, o desenho, o mapa, a ficha do investigador... consideram que isso foi importante de alguma forma ou não?

Mariana – eu acho que sim, foi um bom suporte! Porque nós demos logo as nossas opiniões... e a partir dessas opiniões construímos tudo³⁰!”

O grupo fez uma análise de todo o processo reconhecendo que alguns aspetos falharam. Um aspeto a corrigir pelo grupo seria dar a conhecer a toda a escola este projeto. Mais importante que refletir acerca disto foi terem encontrado uma solução, sendo esta uma proposta de continuidade: realizar workshops para as várias turmas da escola.

3.7 5ª etapa – Devolução do projeto às autarquias de Gouveia e Águeda

Na quinta e última etapa deste projeto o grupo teve a oportunidade de devolver o projeto às comunidades de Gouveia e Águeda.

Em Gouveia, o grupo foi prova viva que é possível envolver as crianças em tomadas de decisão que lhes dizem directamente respeito.

Em Águeda, o grupo devolveu à autarquia os resultados a que chegou, uma vez que este projeto pretendia dar resposta a uma iniciativa expressa deste município na implementação do projeto CAC.

Gouveia

No dia 5 de Julho de 2013 efectuou-se a apresentação deste projeto à comunidade de Gouveia no III Seminário da CPCPJ de Gouveia, subordinado à temática do “Papel das Redes Sociais no Desenvolvimento da Criança.”

³⁰ Ver focus group 13ª sessão

O seminário decorreu no Cine-Teatro de Gouveia, onde estavam presentes responsáveis da Câmara Municipal de Gouveia, polícia, CPCJ, UNICEF, crianças de Gouveia, entre outros.

Deslocaram-se a Gouveia, comigo, dois elementos do grupo, convidadas a participar neste seminário na qualidade de investigadoras. Primeiramente conversaram com as crianças residentes, explicando os objetivos e etapas deste projeto de investigação, que pudessem ser úteis aos grupos residentes, na procura de ideias e soluções para que a cidade de Gouveia pudesse ser uma CAC.



Posteriormente, no anfiteatro do Cine Teatro, apresentaram à comunidade de Gouveia o projeto de investigação, com a ajuda de um power-point³¹ elaborado por elas.

Estas duas crianças, juntamente com outras crianças de Águeda e Aveiro também convidadas a participar, foram as protagonistas deste seminário, na medida em que apresentaram aos presentes formas efetivas de exercer o seu direito ao exercício da cidadania que os adultos discutiam anteriormente.

“Na ida a Gouveia, eu gostei de falar sobre o tema Cidade Amiga das Crianças a outras pessoas pois as crianças de lá não sabiam o que era uma Cidade Amiga das Crianças. Não gostei quando apresentamos o nosso trabalho porque nós devíamos estar a transmitir a nossa mensagem a crianças como nós e não a adultos eu digo isto porque as únicas pessoas que estavam a prestar atenção era os adultos e não as crianças pois estavam sempre na brincadeira³².” - Mariana

³¹ Ver anexo L

³² Reflexão enviada por e-mail

“Na visita a Gouveia, gostei pois falamos de um tema que eu acho interessante. Não gostei quando nós estávamos a apresentar o trabalho porque as crianças de Gouveia estavam sempre na brincadeira e a rir-se³³.” – Rita M.

Apesar de constrangedor, o facto de as crianças de Gouveia falarem e brincarem enquanto as crianças de Águeda e Aveiro apresentavam os seus projetos, foi até benéfico para que estas crianças percebessem que a investigação desenvolvida foi um trabalho sério e que assumiram essa seriedade. Estavam ali efetivamente na qualidade de investigadores, a partilhar com as crianças residentes algo muito sério, ajudando-as a reconhecer a importância e seriedade do tema.

No fim da apresentação fiz-lhes refletir acerca deste aspeto, explicando que estava ali a diferença entre quem assume a seriedade da investigação e se predispõe a trabalhar este tema, e quem ainda não sente esta militância, ainda não teve oportunidade nem espaço para pensar e discutir acerca desta realidade. E que nesse sentido, a apresentação delas foi um grito de alerta para estes jovens!

De referir que tanto os pais como a escola reconheceram a importância desta deslocação a Gouveia. Os pais referiram que seria uma oportunidade única para as crianças.

Águeda

No dia 19 de Junho três crianças do grupo de investigação, a Rita M., a Mariana e a Beatriz, deslocaram-se comigo e com outro grupo de crianças à Câmara Municipal de Águeda.

Ambos os grupos se deslocaram à Câmara Municipal para fazer a apresentação dos projetos à autarquia de Águeda uma vez que, um dos objetivos deste projeto pretendia ser um contributo à autarquia para a implementação da CAC.

Fomos recebidos pelo presidente da Câmara que quis conhecer os grupos e questionou em que ponto estava a investigação e a que conclusões já tínhamos chegado. Mostrou-se bastante interessado pelo mapa realizado e pelas melhorias apresentadas.

³³ Reflexão enviada por e-mail



A conversa seguiu com a Dr^a Elsa, vereadora da cultura, que explorou mais um pouco as etapas de cada investigação, discutindo-se também a proposta de continuidade.

“Na ida à Câmara Municipal eu gostei pois falamos do nosso trabalho à Dr^a Elsa e também ao Presidente da Câmara, mas também gostei pois ficamos a conhecer os trabalhos de outros grupos que andaram a tratar do mesmo tema que nós que era a Cidade amiga das Crianças³⁴.” – Mariana

“Na visita à Câmara Municipal de Águeda, reunimos com a Dr^a Elsa Corga e com o Sr^o Presidente Gil Nadais para falar sobre o tema Cidade Amiga das Crianças. Eu gostei e então decidimos reunir no dia 12 de julho, juntamente com as crianças da Bela Vista para fazermos um jornal a contar a nossa experiência a outros meninos que vão agora começar um projeto igual ou parecido com o que nós fizemos³⁵.” – Rita M.

Nesta deslocação à Câmara Municipal as crianças estavam muito orgulhosas e mostraram-se, mais uma vez, interessadas em dar continuidade a este projeto através da criação de um blog e de um jornal.

PARTE III – (RE)CONHECIMENTO ALCANÇADO

CAPÍTULO 1 – Pensar, Agir e Refletir no Projeto “O olhar da criança para a cidade, através da escola”

Ao longo deste projeto de investigação ação participativa perde-se a conta ao número de vezes que a palavra *pensar* e *refletir* foram citadas. Estas são ações características de

³⁴ Reflexão enviada por e-mail

³⁵ Reflexão enviada por e-mail

um projeto desta natureza e fez todo o sentido para nós guiar este projeto a partir da reflexão de ações e de pensamentos.

Consideramos que só desta forma se consegue realizar uma investigação participativa com crianças. Mas o desafio foi ainda mais além, incutir nas mesmas o mesmo espírito crítico e reflexivo, tornando-as capazes de interpretar o mundo social e cultural que as rodeia.

Desde as etapas do projeto até às notas de campo, tanto eu como o grupo tivemos sempre um olhar/pensamento reflexivo e crítico face à ação.

As técnicas e instrumentos (focus group, conversas, mapas, entrevistas) utilizados ao longo do projeto viriam a mostrar-se assertivos e úteis na superação de todos os objetivos. Uma vez que consideramos ter constituído o grupo de crianças investigadoras, investigando autonomamente, a partir das suas ideias, construindo a sua própria ação. Prova disso é o desejo que têm em descobrir mais acerca deste assunto *“o que podia ser feito até para o ano eram vários workshops... (...) podíamos ser nós agora a meter a escola a pensar sobre este tema.”*³⁶

O grupo foi-se constituindo e construindo lentamente, as conversas em grupo e no grupo vieram a revelar-se cruciais para as relações de proximidade e intimidade existentes. Criou-se no grupo um clima de confiança e abertura. Por vezes, alguns elementos do grupo partilhavam no início das sessões problemas pessoais, que por questões éticas não estão produzidas neste projeto.

Esta ideia de inter-ajuda deriva também do grupo advir de um clube de mediadores onde as relações de proximidade são estreitas.

As crianças mostraram-se sempre disponíveis à investigação e vários e-mails foram trocados em paralelo, com reflexões que as crianças realizam a partir da ação.

Defendemos que esta disponibilidade que sempre demonstraram, resulta da negociação e da devolução das ações. Ou seja, negociar e devolver as ações permitiu que o grupo assumisse a investigação como sua, desde logo. Ao passar a agenda da investigação para a criança/grupo, o seu interesse e envolvimento é maior permitindo-nos obter mais conhecimento.

³⁶ Transcrição focus group 13ª sessão

1.1 Águeda e a Escola EB 23 de Valongo do Vouga enquanto espaço de direitos.

Através dos resultados obtidos junto da comunidade escolar pudemos obter dados possíveis de gerar conhecimento.

Podemos compreender as entrevistas analisando a perspectiva de cada de cada grupo (alunos, professores, pais, funcionários e órgãos de gestão da escola).

Reflectindo acerca das entrevistas é possível encontrar alguns obstáculos:

- a entrevista e os resultados não foram do conhecimento de toda a comunidade escolar - *“Rita – e achas que o fato de fazermos as entrevistas a nossa investigação é do conhecimento da escola? Rita M. – algumas sim, outras não...³⁷”*;
- entrevistar pais, sendo estes professores na mesma escola não permite criar distanciamento na veracidade de respostas - nenhum pai, estando inserido na escola consegue responder apenas como pai e deixar a categoria de professor;
- só uma aluna foi entrevistada.

Mais importante do que identificar e reconhecer estas falhas foi refletir e encontrar soluções para as corrigir e evitar numa próxima situação.

Em relação ao conhecimento alcançado, podemos distinguir dois contextos diferentes: a cidade de Águeda e a escola.

Águeda é, segundo os entrevistados, uma CAC, embora apresente algumas fragilidades. Na concepção que fazem de uma CAC todos os entrevistados a compreendem como espaço que respeita e assegura os direitos da criança.

Compreendem a Águeda como uma CAC na medida em que possui um conjunto de infra-estruturas de carácter social e cultural capaz de dar resposta às crianças da cidade. Apenas duas professoras compreendem as questões políticas e de participação essenciais para que uma cidade cumpra requisitos a ser CAC:

- *“Por aquilo que conheço acho que se preocupa com as crianças, escutas as crianças. Por exemplo este projeto é para escutar as crianças de Águeda.”* – professora coordenadora TEIP
- *“na medida em que há intervenção em projetos deste âmbito, por exemplo na nossa escola.”* – professora Margarida, diretora de turma 8º C

³⁷ Transcrição 13ª sessão focus group

É de referir que estas professoras sabem que este projeto pretende ser uma resposta expressa à iniciativa do município, por isso consideram a participação infantil, a escuta e o envolvimento das crianças em projetos que lhes dizem respeito como condição essencial ao desenvolvimento de uma cidade.

No que diz respeito à escola como espaço amigo das crianças as opiniões divergem: pais, professores, funcionários e órgãos de gestão afirmam que a escola é um lugar amigo, a opinião da única aluna entrevistada divide-se.

Os adultos encaram a escola como espaço amigo das crianças na medida em que é uma escola TEIP, sendo TEIP é uma escola inclusiva. O diretor afirma *“é extremamente amiga das crianças. Trabalha para elas e nessa medida é mesmo amiga.”*

A ideia de que a escola “serve” as crianças, quer sejam medidas inclusivas, ou dando-lhes ferramentas para a sua formação pessoal e social, são opiniões válidas que os levam a considerarem a Escola EB 23 de Valongo do Vouga como escola amigas das crianças.

Por sua vez, a aluna afirma: *“tenho duas hipóteses. Uma acho que não porque há coisas que nós queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos proibidos. Mas noutra sentido acho que dá para fazermos aquilo que queremos dentro das reservas que nos dão.”*

Aqui reside a ideia de que são os adultos que detêm o poder na escola, são eles que decidem o que a criança pode ou não fazer. Mas também a ideia de que a criança é escutada e a sua voz é tida em conta e mediante negociação e aprovação é livre.

Consideramos, a partir das entrevistas, ter contribuído para uma melhor compreensão de Águeda enquanto espaço para as crianças, mas acima de tudo (re)pensar na escola enquanto espaço amigo das crianças – *“Nós colocamos a escola a pensar, porque nós fazíamos uma pergunta e todos pensavam... não conseguiam responder logo.”* - Alexandra

Desta forma o grupo não só conquistou espaço nesta escola, como conquistou voz para todos os alunos.

1.2 Do conhecimento constatado ao conhecimento produzido

Chegado ao fim deste projeto, consolidamos a ideia da urgência de uma cidadania infantil, onde a participação infantil se assuma como condição essencial ao exercício dessa cidadania.

Na mesma linha de pensamento de Sarmento e Gaitán, podemos verificar que, ao longo do projeto, é possível que as crianças investiguem acerca do seu mundo, pois revelam competência social, cultural e política para tomar decisões acerca de questões que lhes dizem diretamente respeito.

Desta forma, deve ir-se esbatendo o afastamento existente entre políticas públicas e participação infantil. Espera-se, cada vez mais, que os representantes autárquicos assumam a infância como grupo social com voz, capaz de defender os seus direitos.

Assistimos, ainda hoje em dia, a uma excessiva proteção dos adultos face às crianças o que as impede de ser totalmente autónomas. A CDC – nomeadamente o artigo 12º (direito à participação infantil) – apesar de ter um papel de verdadeira importância e marcar um ponto de viragem na concepção existente da imagem da criança cidadã, parece não ter sido suficiente para que a participação da criança seja real e efetiva.

Os projetos que vêm sendo implementados das CAC podem ser um contributo significativo para esta viragem. Participar ativamente no território revela-se uma estratégia eficaz para que a participação infantil vá ganhando terreno. Uma vez que não podem exercer o direito ao voto, integrar projetos desta natureza pode ser um começo onde lhes seja reconhecida capacidade na tomada de consciência e de decisões acerca de questões que lhes dizem respeito.

As crianças, melhor que os adultos, conhecem o seu mundo, são capazes de estabelecer relações e conhecimentos que por vezes ultrapassam os adultos. Ao longo das notas de campo, pode verificar-se que, por vezes, também eu demonstrava uma preocupação desnecessária com as crianças. Elas são capazes de gerir de forma eficiente o seu tempo, conhecem o espaço social, cultural e histórico em que se inserem o que lhes permite adaptar-se e tomar decisões assertivas face ao mundo social e cultural que as rodeia.

As escolas, sendo o espaço onde as crianças passam a maior parte do seu tempo, podem ser contributivas na criação de espaços de escutas de crianças. Estas escutas podem ocorrer entre adultos-crianças, crianças-adultos ou entre pares. Consideramos que a participação em contexto escolar, como refere Sarmento, não é apenas uma moda, revela-se uma condição essencial para que a criança saiba exercer o seu direito à participação infantil, alargando-a a outras esferas.

CAPÍTULO 2 – Reflexão final do Projeto “O Olhar da Criança para a Cidade, através da Escola”

Um Projeto de Investigação Ação Participativa é sempre um desafio enorme e constante. O projeto vai-se construindo a partir da ação, é necessário uma reflexão constante.

Com este projeto avivamos a vontade e a competência que as crianças possuem para desenvolver investigações acerca de questões que lhes dizem respeito.

Podemos afirmar que este projeto foi além do esperado. O desafio que lhes foi colocado era ver como é que as crianças que passam tanto tempo na escola se conseguiram organizar de forma a dar um contributo à Câmara Municipal de Águeda. As crianças não só se conseguiram organizar, como envolveram a escola neste processo.

Hoje em dia, os adultos ainda detêm o maior poder sobre a escola e os alunos. Consideramos que este projeto marca um ponto de viragem, pelo menos nesta escola, por tudo o que as crianças conquistaram neste espaço: voz, tempo, lugar e espaço.

O carácter participativo e reflexivo que assumiram ao longo de toda a investigação faz destas crianças protagonistas da ação. Foi notória a evolução ao longo dos encontros, pelo que acreditamos que as estratégias e técnicas utilizadas foram escolhidas corretamente.

As crianças assumiram a investigação desde cedo estando presentes em todas as fases na mesma, incluindo o tratamento de dados.

Consideramos ter constituído o grupo de crianças investigadoras, capazes de dinamizar outros projetos no município de Águeda, alertando outras crianças para o conhecimento dos seus direitos que limita a sua reivindicação.

Este projeto permitiu-nos ver a cidade de Águeda e a Escola EB 23 de Valongo do Vouga através do olhar da criança e da comunidade educativa.

Deixamos o desafio que estas crianças não abandonem o que já conquistaram nesta escola, de forma a que outras crianças usufruam de um município e de uma escola agradáveis, onde as crianças são reconhecidas enquanto atores sociais com voz, capazes de mobilizar e integrar políticas públicas.

BIBLIOGRAFIA

(citada e consultada)

Araújo, S. (2004). *Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

Barbelet, J. M. (1989). *A Cidadania*. Lisboa: Editorial Estampa.

Castro, L. R. (2001). Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In Castro, L. R. (ed), *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau Editora, pp. 19-46.

Carvalho, C. et al. (2005). *A educação para a cidadania: como dimensão transversal ao currículo*. Porto: Porto Editora.

Crowley, P. (1998). “Participación infantil: para una definición del marco conceptual”, *Seminario de niños y adolescentes en el contexto de Convención sobre los Derechos del Niño: visiones y perspectiva*,. Bogotá.

Fernandes, Natália (2009). *Infância, Direitos e Participação - Representações, Práticas e Poderes*. Porto: Edições Afrontamento.

Figueiredo, I. (1999). *Educar para a cidadania*. Porto: Edições ASA.

Fragoso, A. (2005). Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: Um ensaio baseado em experiências investigativas. *Revista Lusófona de Educação*, 5, pp. 63-83.

Gaitán, L. (2011). *Ciudadanía y Derechos de Participacion de los Niños*. Madrid: Editorial Síntesis.

Galego, Carla & Gomes, Alberto (2005). *Emancipação, rutura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação*. *Revista Lusófona de Educação*, n.º 5, 173-184

Graue, Elisabeth., WALSH, Daniel. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lansdown, Gerison. (2001). *Promoting children's participation in democratic decision-making*. UNICEF. Florence: Italy

Lansdown, Gerison (2005). *La Evolución de las Facultades Del Niño*. UNICEF

Madeira, Rosa (2009) *As Crianças como Participantes na Reconstrução de Contextos e Processos de Intervenção na Família e na Comunidade*. Departamento de Ciências da Educação: Universidade de Aveiro.

Lima, Rosa (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação.

Lynch, Kevin (2008). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

Milne, B. (1996). *Children's rights and the changing face of work in the field*. PLA Notes: 41.

Perrenoud, F. (2002). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

Roche, J. (1999). *Children: Rights, Participation and Citizenship*", *Childhood*, vol.6 (4), pp. 475-493.

Tomás, Catarina, Soares, Natália (2004). *O cosmopolitismo infantil: Uma causa (sociológica) justa*. In Actas do V Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas – Reflexividade e Acção. Braga: Universidade do Minho.

Tomás, Catarina (2007). *Participação não tem idade. Participação das crianças e cidadania da infância*. *Contexto & Educação*, n.º 78, pp.45-68.

Tomás, Catarina & Gama, Ana (2011). Cultura da (Não) Participação das Crianças em Contexto Escolar. In II Encontro de Sociologia da Educação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sarmiento, Manuel Jacinto (2001). *Infância, Exclusão Social e Educação para a Cidadania Activa*. In *Movimento*, nº 3, 53-74.

Sarmiento, Manuel Jacinto (2002). *Infância, Exclusão Social e Educação como Utopia Realizável*. In *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 17, 13-32.

Sarmiento, Manuel Jacinto (2006). *Visibilidade Social e Estudo da Infância in Vera Vasconcellos e M. J. Sarmiento (org), “Invisibilidade da Infância”*. Rio de Janeiro. Vozes.

Sarmiento, M.J., Fernandes, N. e Tomás, C. (2007) Políticas públicas e participação infantil. In *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, pp.183-206.

Sarmiento, M.J., Marques, A.P., Ferreira, F.I. (2009). *Administração local – Políticas e práticas de formação*. Braga: Tadinense.

Soares, Natália. (2005). *Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida – Representações, Práticas e Poderes*. Tese de Doutoramento.

Outros Documentos

Diagnóstico Social de Águeda (2008)
Projeto TEIP 2009/2011

http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF (Acedido 23/5/2013)

http://wiki.ua.sapo.pt/wiki/Focus_Group (Acedido em 21/5/2013)

ANEXOS

Índice Anexos

Anexo A – Autorização para reunir com as crianças

Anexo B – Consentimento Informado e Esclarecido

Anexo C – Consentimento Informado às famílias

Anexo D – Convite às crianças

Anexo E – Ficha do Investigador

Anexo F – Notas de Campo

Anexo G – Sessões Focus Group

Anexo H – Pré-teste Entrevistas

Anexo I – Convite Semana Global pela Educação

Anexo J – Transcrições entrevistas realizadas à comunidade escolar

Anexo K – Entrevista à mediadora de conflitos

Anexo L – Power-point elaborado para apresentações à comunidade

Anexo M – Respostas ao Jogo do Bingo

Anexo A

Aos encarregados de educação

A Câmara Municipal de Águeda está a implementar no concelho a iniciativa “Cidade Amigas das Crianças”. Esta pretende dar voz e visibilidade às crianças deste concelho na tomada de decisões que lhes dizem respeito.

Desta forma, uma aluna de mestrado da Universidade de Aveiro, irá realizar nesta escola uma investigação com alunos, com intuito de contribuir para a inclusão dos mesmos no processo de implementação deste projeto.

O seu/sua educando(a) será um dos alunos convidados a fazer parte desta investigação. As condições da mesma serão acordadas entre eles e a investigadora, mas podemos adiantar que a investigação decorrerá entre os meses de fevereiro e maio, todas as quartas-feiras das 15:30 às 17h.

Esta é apenas uma autorização para o seu/sua educando(a) estar presente na próxima quarta-feira, dia 20 de fevereiro, pelas 15:30, para ser convidado (a) pela investigadora a participar neste projeto.

Todos os pormenores da investigação serão discutidos com os alunos, e caso aceitem fazer parte da investigação, os pais serão informados das condições e ser-lhes-á pedido uma autorização da parte da investigadora.

Autorização

(a autorização deverá ser entregue quarta-feira à investigadora)

Eu _____ encarregado de educação do(a) aluno(a) _____ autorizo o meu educando a reunir com a investigadora para que lhe seja dirigido um convite de investigação.

Anexo B

Consentimento Informado e Esclarecido

- A investigação decorrerá entre os meses de fevereiro e maio, com encontros semanais às quartas-feiras, das 15:30 às 17h.
- Sou livre de abandonar a investigação se assim o entender.
- Se não quiser falar posso ficar em silêncio sem qualquer tipo de consequência.
- Irá ser utilizado um gravador, uma máquina fotográfica ou outros meios considerados importantes à investigação.
- Não sou obrigado a vir a todos os encontros, posso vir apenas quando tiver vontade.
- Não existem respostas modelo. Importam apenas as minhas opiniões e sentimentos.

Eu, _____ declaro que tomei conhecimento e aceito os procedimentos da investigação a realizar com a Ana Rita Coelho.

Arrancada, 20 de fevereiro de 2013

Anexo C

Consentimento informado às famílias

Sou Ana Rita Coelho, aluna do Mestrado em Ciências da Educação, Ramo de Educação Social e Intervenção Comunitária.

Encontro-me nesta fase do mestrado a realizar investigação e a Escola de Valongo foi a escolhida para a sua realização. Esta será a primeira escola do concelho de Águeda a ser ouvida no âmbito da implementação do projeto “Cidade Amiga das Crianças”, levado a cabo pela Câmara Municipal de Águeda.

A investigação tem por tema *Cidadania e Participação Infantil*, decorrerá entre os meses de fevereiro e maio com encontros semanais às quartas-feiras, das 15:30 às 17:00h.

Durante a investigação será utilizado um gravador para registar as vozes dos alunos, já que serão as suas vozes o elemento fulcral desta investigação. Poderá vir a ser também utilizado uma máquina fotográfica ou de filmar se os investigadores acharem relevante para o projeto.

O seu educando poderá abandonar a investigação se assim o entender e não é obrigado a vir a todos os encontros.

Mais informo que todo o processo respeitará as normas de confidencialidade características da investigação de forma a garantir a proteção da identidade dos alunos e da instituição.

A investigadora

Eu, _____ encarregado de
educação do(a) aluno(a) _____
autorizo o meu educando(a) a realizar esta investigação/a ser gravada a sua voz/a ser
filmado/a ser fotografado (riscar caso não autorize alguma situação).

Anexo D

Olá!

Sou Ana Rita Coelho, aluna de mestrado da Universidade de Aveiro. Estou na tua escola, em conjunto com umas colegas tuas a realizar uma investigação. Estamos a colaborar com a Câmara Municipal de Águeda no processo de implementação da “Cidade Amiga das Crianças”.

Estamos a pensar em conjunto, a encontrar soluções para que Águeda seja uma Cidade mais Amiga das Crianças.

Gostaríamos que te juntasses a nós, pois a tua opinião será importante para nós e para todo este processo. Para te juntares a nós, convidamos-te a estar presente na nossa reunião, dia 27 de fevereiro, das 15:30 às 17:00h na escola. Assim, ficas a conhecer a nossa investigação e poderás juntar-te a nós!

Sei que tens que pedir autorização aos teus pais para poderes reunir connosco por isso, informa-os deste convite e pede-lhes que autorizem ficares na escola para conversares connosco.

Autorização

(trazer assinada dia 27 para a reunião)

Eu, _____
encarregado de educação do(a) aluno(a) _____
autorizo o meu educando a estar presente na reunião de dia 27 de fevereiro que se realizará na escola.

Anexo E

Ficha de identificação do investigador

Nome	_____			
Idade	Ano	Turma		
	_____	_____	_____	
Morada	_____			
Delegado	Sim	_____	Não	_____
Subdelegado	Sim	_____	Não	_____

Filiação

Nome do Pai	_____	Idade	_____
Habilitações	_____	Profissão	_____
Nome do Mãe	_____	Idade	_____
Habilitações	_____	Profissão	_____

Eu sou um investigador _____
_____.

O mais importante para mim nesta investigação é _____
_____.

Com esta investigação comprometo-me _____
_____.

Questões	Respostas
Eu sou um investigador...	<p><i>Preocupada com o mundo hoje em dia e empenhada em saber mais e como ajudar os outros – Diana</i></p> <p><i>Que se empenha e também que analisa as coisas com atenção – Alexandra</i></p> <p><i>Empenhado, interessado e gosto de analisar bem as situações – Beatriz</i></p> <p><i>Empenhado, mas que não observa muito bem o que me rodeia – Bruna</i></p> <p><i>Descontraído e preocupado – Rita S.</i></p>
O mais importante nesta investigação é...	<p><i>que os direitos das crianças fiquem presentes nesta escola – Rita S.</i></p> <p><i>aprender a observar melhor e melhorar como investigadora – Bruna</i></p> <p><i>ajudar as pessoas a cumprir os direitos da criança – Beatriz</i></p> <p><i>que posso dar a minha opinião sobre o que falamos e que também podemos descobrir coisas novas – Alexandra</i></p> <p><i>poder ajudar a tornar Águeda uma Cidade Amiga das Crianças – Diana</i></p>
Com esta investigação comprometo-me...	<p><i>A colaborar com a Ana Rita Coelho – Diana</i></p> <p><i>A participar, a ajudar no que for preciso e cumprir os direitos das crianças com atenção – Alexandra</i></p> <p><i>A ajudar as pessoas a cumprir os direitos das crianças e cumprir também – Beatriz</i></p> <p><i>A vir sempre que posso às sessões e a participar nas atividades propostas – Bruna</i></p> <p><i>A tentar cumprir os direitos das crianças – Rita S.</i></p>

Anexo F

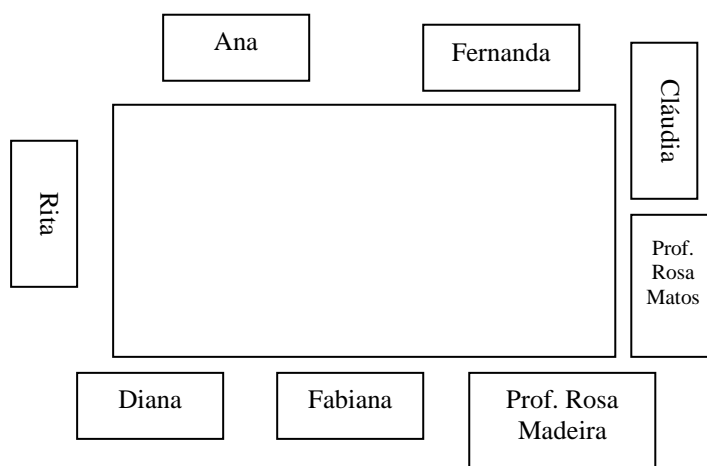
Nota de campo nº1

29/1/2013

14:30 – 16:00

Espaço: Esplanada

Intervenientes: 8 adultos (4 da Universidade de Aveiro e 4 da Escola EB 2 3 de Valongo)



Este foi o primeiro contato com a Escola EB 2/3 de Valongo. Nesta reunião estiveram presentes: a professora Rosa Madeira e três alunas da Universidade (eu inclusa) e da escola a Professora Rosa Matos, coordenadora TEIP; a Ana, psicóloga; a Fernanda, assistente social e a Cláudia, animadora e atualmente mediadora de conflitos.

De vários assuntos tratados na reunião, interessou-me a existência de um conselho de mediadores, que segundo a mediadora reunia à quarta-feira das 15:30 às 17:00h. Este conselho surgiu como uma extensão à mediação de conflitos que a mediadora faz em 11 turmas da escola.

Nessas 11 turmas, a Cláudia realizou um convite aos delegados e sub-delegados de turma, sendo o convite extensível aos restantes alunos dessas turmas que quisessem estar presentes às quartas-feiras para a formação do conselho de mediadores.

Deste conselho podia surgir o grupo de crianças para a minha investigação.

Preciso saber: Quantas turmas existem ao todo na escola, em quais é feita a mediação de conflitos?

Reflexão pessoal: Fiquei com a ideia de que a existência deste conselho facilitaria a minha entrada na escola e a constituição de um grupo de investigação.

Nota de campo nº2

14/2/2013

12:00 – 13:00

Espaço: gabinete das técnicas

Intervenientes: 6 adultos (eu, o diretor da Escola, a coordenadora TEIP, a psicóloga, a assistente social e a mediadora de conflitos)

Quando me dirigi à escola levei uma declaração da Universidade a comprovar, que pretendia realizar investigação com as crianças daquela escola, situando já um pouco a temática da investigação.

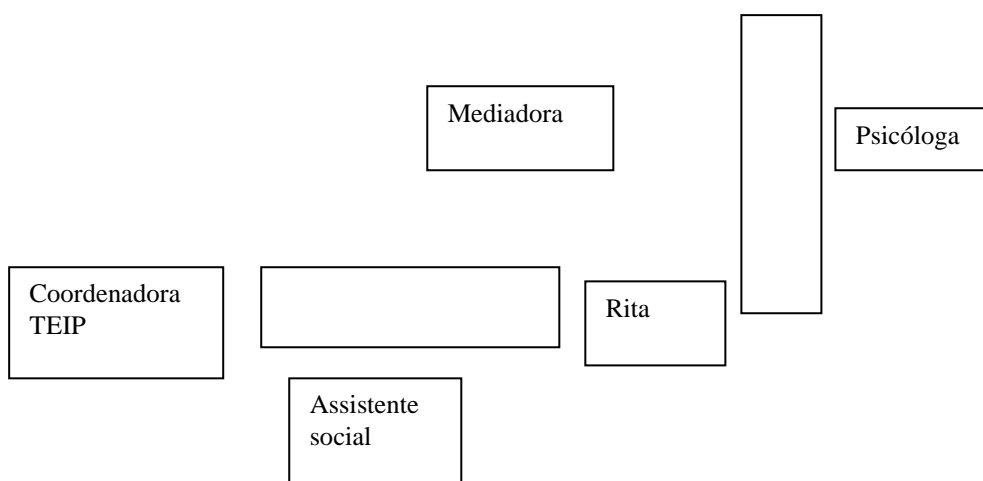
Quando cheguei à escola a coordenadora TEIP estava à minha espera, entreguei-lhe a declaração, conversámos um pouco e dirigimo-nos ambas ao gabinete da direção.

O diretor tinha algumas funcionárias no gabinete e dirigiu-se até nós, no corredor. Foi ali, no corredor, que a coordenadora TEIP lhe entregou a declaração.

Enquadrei a minha investigação no processo de implementação da “Cidade Amiga das Crianças”, levada a cabo pela Câmara Municipal de Águeda. A coordenadora TEIP referiu que seria ótimo uma parceria entre a Escola, a Universidade de Aveiro e a Câmara Municipal de Águeda.

O diretor aceitou de imediato a investigação pedindo-me que tratasse bem as crianças, pois se interessava pelo seu bem-estar. Pedi-lhe autorização para consultar alguns dados dos alunos. Esta conversa durou no máximo cinco minutos.

De seguida dirigi-me ao gabinete das técnicas com a coordenadora TEIP.



No gabinete expressei a minha vontade em realizar investigação com as crianças que integravam o conselho de mediadores e expliquei quais eram os objetivos e condições éticas da investigação.

Desconhecendo a escola pedi-lhes ajuda na escolha do espaço para reunir com as crianças. Decidimos que seria a esplanada o sítio indicado, é um espaço neutro para as crianças, não têm qualquer contato com aquele espaço.

A mediadora e a coordenadora TEIP atribuíram-me um grupo de 10 crianças, das presentes no conselho de mediadores, tendo em conta os seguintes critérios: escolha de pares, para facilitar a comunicação; um elemento eleito (delegado/subdelegado) e outro não e a residência (serem de várias zonas da freguesia).

Como a hora de almoço se estava a aproximar combinamos ir almoçar juntas e reunir um pouco à tarde para recolher mais dados das crianças.

Nota de campo nº2 A

14/2/2013

14:00 – 15:45

Espaço: secretaria e biblioteca da escola

Intervenientes: 3 adultos (eu, a assistente social e a mediadora)

Depois de almoço a assistente social dirigiu-se comigo à secretaria para recolher alguns dados das crianças. Dissemos que o diretor tinha dado ordem para consultar os dossiers de cada turma e pedimos para tirar fotocópia da ficha dos 10 alunos.

Já com a mediadora, na biblioteca, consultamos a ficha de cada aluno, analisando também a escolaridade e profissão dos pais. A mediadora disse-me que para as crianças reunirem comigo na próxima quarta-feira seria necessário fazer uma autorização aos pais, para que as crianças pudessem permanecer na escola de tarde, uma vez que têm a tarde livre. Eu disse que podia fazer essa autorização mas que era só uma autorização para reunir comigo, porque o convite, da minha parte, seria dirigido primeiro às crianças e só depois pediria consentimento aos pais. Fiquei de lhe enviar a autorização até domingo para ela poder entregar na segunda-feira, dia 18 de fevereiro.

Enquanto íamos cruzando alguns dados apercebi-me que a mediadora, apesar da conversa da manhã, não estava ainda por dentro daquilo que seria esta investigação. Expliquei-lhe que um projeto de investigação ação participativa é um compromisso entre a produção de conhecimento científico com o intuito de transformar a realidade. É uma ação deliberada que visa uma mudança no mundo real.

Penso que aqui ela recuou um pouco, e se estava animada com o fato de eu realizar investigação na escola, essa animação deu lugar a um vazio. Ela achava que eu iria ser sua companheira de animação. Quando sentiu que a investigação tinha outros moldes o seu interesse pela conversa desapareceu. Contudo, a mediadora é o facilitador mais adequado a este projeto.

Reflexão pessoal: intrigou-me o fato de o diretor não se interessar mais pela investigação, nem questionar nada acerca do funcionamento da mesma. Quanto à mediadora, terei ao longo da investigação de criar condições e utilizar estratégias para que se sinta um elemento importante à investigação.

Nota de campo nº 3

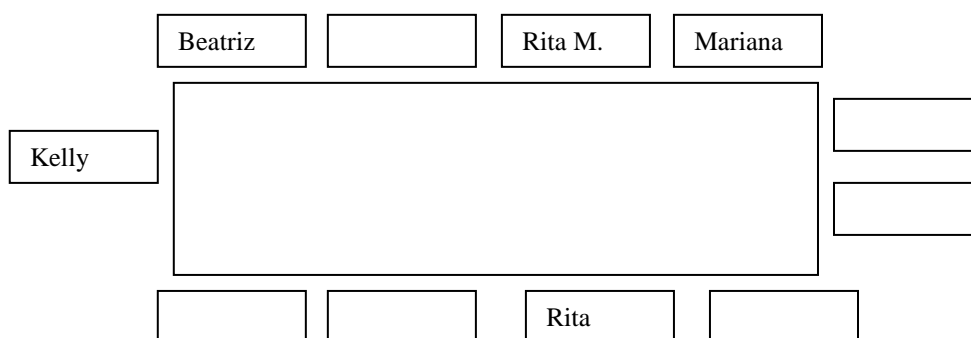
1ª Sessão

20/2/2013

15:30 – 17:00

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, Mariana, Rita M., Kelly, Beatriz



Cheguei à escola e dirigi-me à esplanada para preparar a sala. Coloquei alguns materiais de apoio espalhado na mesa e uns rebuçados.

Entretanto subiu a Rita M. e a Mariana. Ainda faltava um pouco para as 15:30, convidei-as a sentar, a comer um rebuçado e a dar uma vista de olhos ao material. Perguntei-lhes senão se importavam, como ainda não estava na hora, que fosse à casa de banho porque tinha saído de casa à muitas horas. Elas disseram para eu ir e quando eu subi reparei que já tinham arrumado um rebuçado cada uma.

Questionei-as se sabiam se os colegas viriam ou não, li-lhes os seus nomes e apercebi-me que apesar de os conhecerem não havia grande proximidade. Disseram-me

que a Rita Arede não devia vir porque tinha ensaio de moral. Certifiquei-me quanto à escolha do local para as nossas reuniões, segundo estas duas crianças não lhes permitido estar na esplanada, apenas para procurar algum adulto.

Disse-lhes que ia descer para ver se algum colega estava lá em baixo, a Mariana ofereceu-se para ir comigo porque eu não ia conhecer os colegas e ela podia-me dizer quem eram. Aceitei e descemos as três.

A Mariana disse-me quem era a Kelly e a Beatriz. Subimos as quatro, voltei a ler a lista dos alunos convidados e elas disseram-me que não sabiam nada dos colegas.

Começamos então a sessão. Apresentei-me, disse o meu nome (todas já sabiam) e referi que estava a estudar na Universidade de Aveiro. Perguntei-lhes se sabiam o porque de estar ali, a Rita M. disse-me “vamos ser investigadoras contigo e aprender coisas dos direitos das crianças”. Sabiam, também, que estavam ali porque pertenciam ao conselho de mediadores. A Mariana seguiu dizendo que a mãe estava muito contente por ela ter sido convidada, que era um tema muito interessante e que os adultos também deviam pensar mais nas crianças, porque muitos não conhecem os seus direitos.

Enquadrei a investigação no processo CAC, levado a cabo pela CMA e que tudo o que pensássemos e descobríssemos em conjunto ia ser muito útil para a CMA. Apresentei-lhes o plano de implementação, elaborado pela câmara, situei a nossa investigação no “laboratório de ideias”, que termina em maio, tal como a investigação e puxei um calendário civil e contei com elas as sessões que iríamos ter. De 20 de fevereiro a 29 de maio.

Referi que queria pensar com eles como é que as crianças, que passam tanto tempo na escola, se conseguem organizar de forma a ajudar a câmara a melhorar a cidade.

Propus que os nossos encontros fossem às quartas-feiras das 15:30 às 17:00h. A Kelly disse-me que era o melhor porque todos tinham a tarde livre.

Disse-lhes que esquecessem o estatuto de aluno, ali eram cidadãs com voz, que não eram obrigadas a vir a todos os encontros e se alguma vez estivessem aborrecidas com alguma coisa podiam participar na sessão ainda que não quisessem falar ou realizar alguma atividade proposta nesse dia.

Mencionei que ali não existiam respostas certas ou erradas, interessava apenas a sua opinião e os seus sentimentos. As suas vozes eram o que realmente importava e que

por isso, se concordassem, ia ser utilizado um gravador e podíamos até utilizar uma máquina fotográfica ou de vídeo.

Apresentei-lhes o consentimento para a investigação e lemos em conjunto. Retirei-me alguns minutos para que pudessem pensar se queriam ou não participar na investigação. A Beatriz, a Rita M. e a Mariana não queriam mas ainda assim ausentei-me. Quando regressei a Mariana e a Rita disseram que não precisavam de tempo nenhum para pensar. Queriam assinar e eu propus que o fizessem só no final da sessão, que tinha preparado um jogo dentro da temática a trabalhar e que no final de jogar saberiam melhor qual a dinâmica das sessões, sobre o que pensaríamos em conjunto.

Apresentei-lhes o jogo do Bingo e os cartões de jogo. Reforcei uma vez mais as regras do jogo e repeti que não existiam respostas certas ou erradas, daí a pontuação ter a ver com a semelhança de respostas, de forma a que todos pontuassem, não ser um jogo exclusivo.

Acho que o jogo foi bem conseguido porque o fato de pontuarem através da semelhança de respostas permitiu que se estabelecesse diálogo. À medida que iam lendo as respostas e estabeleciam diálogo eu também questionei e anotei algumas falas.

Quando o jogo terminou lancei a questão se achavam o tema pertinente. Pedi aqui autorização para gravar a conversa e disse que ia ser um bom ponto de partida para o nosso trabalho. Senti que cresceram nas suas cadeiras assim que liguei o gravador, estavam preocupadas em falar corretamente para quem ouvisse a sua voz.

Assinaram, por fim, o consentimento informado à investigação. Questionei ainda se cinco pessoas seriam suficientes para pensar neste tema. Disseram-me que não, que teríamos que arranjar forma de convidar mais gente para pensar connosco.

Quando estávamos a arrumar a Rita M. debruçou-se na mesa mesmo em frente a mim e disse-me “sabes isto surpreendeu-me pela positiva, estou-me a sentir uma cidadã como tu dizes.”

Intervenientes: Rita, Cláudia

17:10 – 17:30

No fim da sessão, encontrei-me com a Cláudia, disse-me que a Kelly tinha gostado muito da sessão. Ao conversar com a Cláudia sobre o fato de 10 crianças convidadas terem aparecido só 4, nas entrelinhas, percebi que a escolha destas crianças devia ao fato de serem diretores de turma que aceitariam mais facilmente a investigação quando fosse dada a conhecer em conselho pedagógico.

Questionei-a se sabia alguma coisa sobre as crianças que não foram, disse-me que só o João Pinheiro lhe tinha dito que não saberia se ia gostar do tema.

Pedi-lhe a lista de presenças da sessão do Conselho de mediadores, para que pudesse convidar outras crianças, e a documentação que tivesse acerca dessa sessão.

Reflexão: Penso que o fato de não ter sido logo feito um convite às crianças, ter sido enviado uma autorização por parte da escola para só posteriormente receber o convite pode ter sido um fator que levou à ausência das crianças.

Próximas sessões: sinto necessidade de saber como ocupam os tempos livres, como é o local onde moram, que espaços frequentam...

Nota de campo nº 4

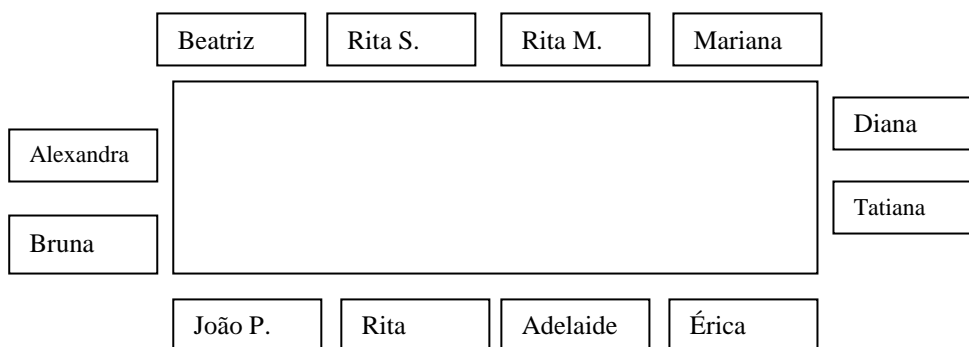
2ª Sessão

27/2/2013

15:30 – 17:00

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, João Paulo, Bruna, Alexandra, Beatriz, Rita S., Rita M., Mariana, Diana, Tatiana, Érica, Adelaide.





Coloquei na mesa um mapa de Aveiro e o cartaz do seminário do 23º aniversário dos direitos da criança.

Nesta sessão estiveram presente cinco novas crianças, convidadas por mim, (João, Adelaide, Tatiana, Érica e Diana) e três convidadas pela Beatriz (Rita S., Bruna e Alexandra). Algumas crianças convidadas justificaram porque não iam e a Mariana disse-me que a Filipa, uma colega convidada por mim, vinha na próxima sessão, que nesta não podia porque estava com uns problemas.

Expliquei de novo as condições e objetivos da investigação (ver nota campo anterior). Senti da parte das crianças do 5º ano algum nervosismo, gerou-se na sala um murmurinho de risos.

Voltei a explicar tudo com mais clama e sugeri que pensassem durante alguns instantes se esta investigação fazia sentido para elas que talvez isso as ajudasse a tomar uma decisão.

Todos desceram comigo apenas ficaram na esplanada as alunas do 5º ano: a Diana, a Adelaide, a Tatiana e a Érica.

O João disse-me que tinha apoio e não podia faltar, ia só participar nesta sessão. As três colegas convidadas pela Beatriz pediram para participar nesta sessão para só depois tomar uma decisão.

Quando subimos distribui à Mariana, à Rita M. e à Beatriz a capa do investigador. Esta capa continha: um panfleto dos direitos da criança, o mapa de implementação da CAC da CMA, o calendário civil onde assinalamos posteriormente o início e o fim da investigação e um caderno.



A Rita M. e a Mariana disseram-me que já tinham pedido ao diretor de turma para falar com a turma acerca da investigação e que com a capa já tinham algum material para poder explicar aos colegas alguns pormenores da investigação.

Entretanto a Adelaide surgiu como porta-voz do grupo dizendo que queriam participar na investigação e que esta as ia ajudar a ser melhores cidadãos. A Diana interferiu “esta investigação contribui para sermos mais felizes e sermos mais cidadãos”.

Sugeri, tal como na sessão anterior, que primeiro participassem na sessão até ao fim e posteriormente assinassem o consentimento.

Peguei no cartaz do seminário e disse-lhes, que apesar de a escola de Valongo ser a primeira escola no concelho de Águeda a ser escutada mais pessoas/grupos estavam a pensar neste tema, exemplo disso foi este seminário.

Pedi-lhes que desenhassem a sua aldeia ou vila ou algo nela que fosse para eles positivo e negativo.

Distribui uma folha A3 por cada um e coloquei à disposição lápis de carvão, de cor, de cera e marcadores. A Rita S. disse-me “assim a professora gasta muito dinheiro”. Eu ri-me e disse “se queremos pensar e que desse pensamento surja um conhecimento útil temos que criar as condições adequadas”. A Rita M. disse “e além disso ela aqui não é nossa professora e nós não somos alunos”.

Começaram a desenhar. A Mariana e a Rita M. já me tinham informado que precisavam de sair às 16:15h. Quando chegou a hora avisei-as e a Rita M. disse-me que existiam situações na aldeia dela que gostava de comunicar à CMA. Perguntou-me se



podia tirar fotos e enviar para o meu e-mail. Eu disse que sim, que elas também devia ser autónomas e identificar situações sujeitas a discussão. Dei-lhe o meu e-mail e anotaram no seu caderno.

Sairam e passados alguns instantes cada um falou acerca do que gostavam e não gostavam na aldeia.

No final, li o consentimento informado com as quatro crianças do 5º ano, elas assinaram o consentimento e levaram o consentimento informado à família.

Enquanto arrumávamos pedi à Beatriz que perguntasse à Kelly se estava tudo bem com ela, se viria às próximas sessões.

Nota de campo nº 5

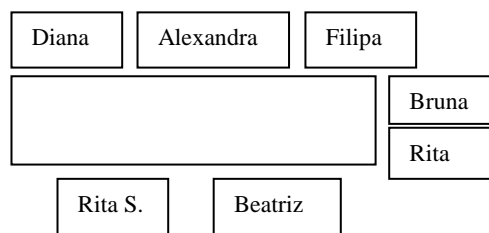
3ª Sessão

6/3/2013

15:30 – 17:00

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, Diana, Alexandra, Filipa, Bruna, Rita S. e Beatriz.



Cheguei quinze minutos antes da hora e fiquei no hall da biblioteca, que nos permite subir à esplanada, a observar as relações e as conversas entre alunos, professores e funcionários.

Entretanto a Rita M. veio-me dizer que não ia à sessão porque tinha que ir a uma aula de cerâmica e que a Marina estava doente, apresentou-me a Filipa.

A Diana aproximou-se e disse-me que as colegas de turma não iriam mais às sessões, mas não sabia porque.

Subimos as três e conversei com a Filipa: objetivos e condições da investigação. A Diana explicou qual a dinâmica da sessão anterior e falou acerca do seu desenho.

As outras colegas chegaram e a Beatriz disse-me que a Kelly não iria porque estava a fazer uma prova oral.

A Bruna, a Rita S., e a Alexandra pediram o consentimento para assinar.

De seguida pedi que se levantassem pois íamos fazer um jogo de apresentação. Organizei-as de forma a que não ficassem sentadas ao lado dos pares. Expliquei o jogo: teríamos que dizer ao colega que estava à nossa direita o nosso nome, idade, uma coisa que gostávamos, outra que não gostávamos e como ocupávamos os nossos tempos livres. Seria esse colega que nos apresentaria.

Posteriormente preencheram a ficha do investigador que me permitiu obter mais dados acerca do agregado familiar e saber o que pensavam deles enquanto investigadores. Ficaram hesitantes no que escrever na questão *eu sou um investigador...*

Preocupada com o mundo hoje me dia e empenhada em saber mais e como ajudar os outros – Diana

Que se empenha e também que analisa as coisas com atenção – Alexandra

Empenhado, interessado e gosto de analisar bem as situações – Beatriz

Empenhado, mas que não observa muito bem o que me rodeia – Bruna

Descontraído e preocupado – Rita S.

O mais importante nesta investigação é...

que os direitos das crianças fiquem presentes nesta escola – Rita S.

aprender a observar melhor e melhorar como investigadora – Bruna

ajudar as pessoas a cumprir os direitos da criança – Beatriz

que posso dar a minha opinião sobre o que falamos e que também podemos descobrir coisas novas – Alexandra

poder ajudar a tornar Águeda uma Cidade Amiga das Crianças – Diana

Com esta investigação comprometo-me...

A colaborar com a Ana Rita Coelho – Diana

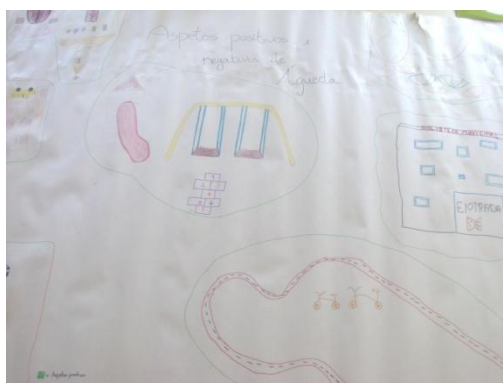
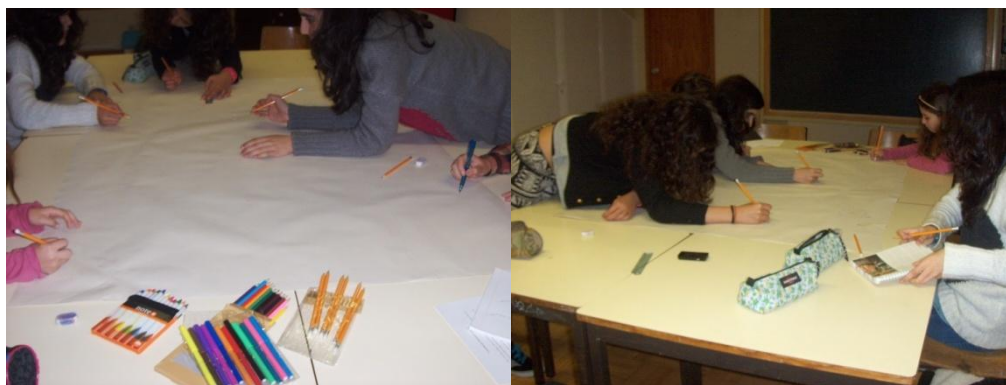
A participar, a ajudar no que for preciso e cumprir os direitos das crianças com atenção – Alexandra

A ajudar as pessoas a cumprir os direitos das crianças e cumprir também – Beatriz

A vir sempre que posso às sessões e a participar nas atividades propostas – Bruna

A tentar cumprir os direitos das crianças – Rita S.

Depois sugeri que se organizassem enquanto grupo para desenharem a cidade de Águeda no papel cenário. A Beatriz tirou da mochila o seu caderno de investigador e começou a registar o que as colegas diziam. Ausentei-me para que pudessem trabalhar autonomamente. Quando regresssei sentei-me numa mesa a parte para tomar algumas notas.



No final da sessão todos concordamos em voltar ao mapa de Águeda para que pudessem emitir a sua opinião acerca da cidade.

Dei um pequeno saco de gomas a cada um e disse-lhes que era uma forma de agradecer todos os pensamentos partilhados.

Quando estávamos a descer perguntei à Diana como ela ia para casa. Ela disse-me que só tinha autocarro às 18:00h, questionei o que fazia durante uma hora, ela disse-me “jogo no telemóvel ou converso com pessoas” eu “moras muito longe daqui?”, “não é muito longe, mas é isolado, é uma vale” eu “e não te aborreces de estares tanto tempo à espera?”, “não passa rápido, não te preocupes eu venho porque gosto”.

Fiquei sensibilizada com esta situação e realmente eu estava mais preocupada que ela.

Nota de Campo nº 6

4ª sessão – 1º constrangimento institucional

13/3/2013

Desloquei-me à escola, dirigi-me à esplanada esperei até as 15:45h e nenhuma criança apareceu. Pedi ajuda a um funcionário e procurei-as na escola. Não encontrei e decidi vir embora.

Já na parte exterior da escola a Beatriz, a Rita S., a Bruna e a Alexandra viram-me e vieram ter comigo. Pediram-me desculpa que se tinham esquecido de avisar de tinham um torneio de basquete por ser o encerramento do 2º período.

A Bruna e a Alexandra tinham o consentimento informado da família e quiseram entregar. Desejei-lhes umas boas férias e uma feliz Páscoa!

Nota de Campo nº7

5ª Sessão

3/4/2013

15:30 – 17:00

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, Alexandra, Rita S., Bruna, Beatriz, Rita M., Mariana, Diana.



Nesta sessão retomamos a sessão anterior onde todos tinham mostrado interesse em explorar mais um pouco o mapa da cidade de Águeda.

A Rita M. e a Mariana não estiveram presentes na sessão anterior e o grupo partilhou com elas a dinâmica desenvolvida.

Posteriormente descreveram o mapa e mencionaram quais os sítios em Águeda que lhes agradavam ou desagradavam.

À medida que a conversa ia decorrendo eu ia mediando a mesma permitindo-lhes chegar a novas conclusões.

Comecei a verificar que a Diana estava distraída, mexia na carteira e brincava com as argolas da mala. De forma subtil questioneei senão queria ser ela a falar das igrejas, pois tinha sido ela a desenhá-la. Ela deixou a carteira e retomou a atenção na conversa.

Ao contrário da Diana, a Rita S. mostrou-se muito interventiva e participativa. Com o decorrer da conversa senti a Rita M. distante, tentei aproximá-la à conversa mas não consegui.

Quando a conversa terminou questioneei o que fazer com o mapa. Concordaram unanimemente em afixá-lo na escola. Contudo, o sítio foi alvo de discussão pois segundo o grupo, se o local não fosse bem vigiado o mapa acabaria por ser rasgado.

Chegaram a acordo, a biblioteca seria o sítio ideal. A Rita S. e a Beatriz levaram o mapa à biblioteca e pediram à D. Fernanda (responsável pela biblioteca) para afixar o mapa. Não puderam afixar porque não havia fita-cola larga. Como não previ esta situação também não levei e o mapa ficou por afixar.

As meninas do 8º ano disseram-me que não próxima sessão não viriam porque tinham uma visita de estudo.

Combinei com as restantes colegas afixar o mapa e conhecer a escola.

Nota de Campo nº8

6ª Sessão

10/4/2013

15:30 – 16:35

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, Mariana

Só apareceu a Mariana, conversamos sobre o seu desenho da segunda sessão, ela ainda não o tinha feito.

Mostrou-me a escola, enumerou algumas vantagens e desvantagens das obras.

Nota de Campo nº9

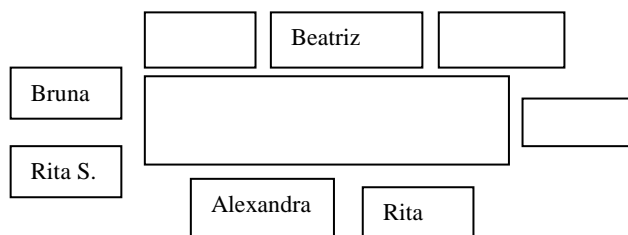
7ª Sessão

17/4/2013

15:30 – 16:45

Espaço: esplanada

Intervenientes: Rita, Beatriz, Rita S., Alexandra e Bruna



A Mariana esperou por mim na portaria da escola e disse-me que a mãe lhe tinha marcado uma consulta e que não podia participar na sessão. Perguntei-lhe pela Rita M., ela disse que não sabia dela, talvez fosse para a aula de cerâmica.

As quatro meninas do 8º ano disseram que a partir desta data teriam que sair mais cedo porque a escola lhes tinha imposto outra atividade. Disseram-me ainda que como tinham assumido o compromisso com a investigação quando fosse necessário ficavam até as 17:00h.

Nesta sessão pensamos numa proposta do guião de entrevista. Coloquei algumas questões que lhes fizessem pensar quais os objetivos da realização das entrevistas.

Sugeri que refletissem a quem pretendiam fazer a entrevista, para quê e para dizer a quem?

A comunidade escolar (funcionários, professores, alunos e pais) eram o alvo das entrevistas, pretendiam saber o que conhecia a comunidade escolar acerca dos direitos e como concebiam uma CAC para fornecer essa informação à Câmara Municipal de Águeda.

Reflexão Pessoal: sinto que as minhas notas de campo estão a ficar cada vez menos densas. Refletindo acerca disso anima-me pois é sinal que o grupo de crianças está a assumir um papel mais interventivo mas por outro lado preocupa-me: não serei eu a fazer uma reflexão muito superficial das sessões?

Nota de Campo nº10

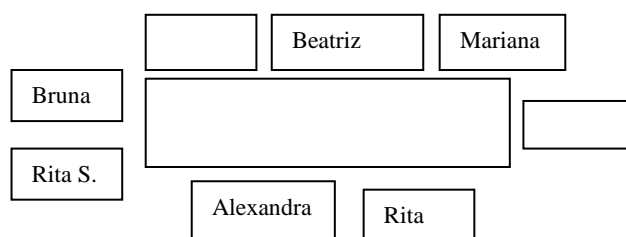
8ª Sessão

24/4/2013

15:30 – 16:45

Espaço: Esplanada

Intervenientes: Rita, Beatriz, Rita S., Alexandra, Bruna e Mariana.



Nesta sessão o grupo realizou o pré-teste das entrevistas, que foram realizados aleatoriamente na escola.

Já no pré-teste o grupo procurou entrevistar diversas pessoas da comunidade, de forma a obter melhores resultados.

Referi que a realização de pré-teste de entrevistas é frequentemente utilizado nas investigações para que os investigadores possam redefinir questões para um guião de entrevista definitivo.

Esta foi sessão em que senti o grupo mais entusiasmado pelo fato de saírem para diversos locais da escola com gravadores na mão, para entrevistar as pessoas da comunidade escolar.

Para a realização do pré-teste o grupo dividiu-se em dois sendo que um grupo levava a ordem invertida das questões.

Depois de realizados os pré-testes o grupo reuniu-se de novo na esplanada para fazer um breve comentário aos mesmos. Ressaltou de imediato o fato de algumas pessoas se terem recusado a realizar o pré-teste ao grupo de crianças com quem eu não estava. Quando confrontados com este problema, o grupo considerou que este fato se devia a não ter um guião de entrevista definitivo, quando fosse para realizar as entrevistas mostravam as questões aos entrevistados de forma a verem que era algo planeado.

Passei os ficheiros áudio do pré-teste para o computador e ouvimos nesse mesmo dia as gravações. Enquanto ouviam as respostas o grupo ia comentando as mesmas e refletindo qual seria o melhor guião e as pessoas a entrevistar.

Porque a escola tinha imposto às alunas do 8º ano outra atividade nesta sessão também terminámos antes das 17:00h.

Nota de Campo nº11

9ª Sessão

26/4/2013

Espaço: Universidade de Aveiro

Intervenientes: Rita, Beatriz, Rita S., Alexandra, Bruna, Rita M, Mariana, Professora Rosa Madeira, Grupo de Crianças da Casa do Povo de Valongo do Vouga e crianças de Aveiro que criaram o Portal das Crianças.

Nesta data o grupo foi convidado a participar na Semana Global pela Educação, deslocando-se à UA.

Este convite foi muito importante, uma vez que as crianças foram convidadas na qualidade de investigadores e de cidadãos locais.

Foram recebidos pela Professora Rosa Madeira e pelo Professor António Moreira, diretor de Departamento de Educação. Depois de conhecerem algumas salas e laboratórios do Departamento as crianças dirigiram-se ao anfiteatro do mesmo para uma breve apresentação dos grupos e dos seus projetos.

A Professora Rosa Madeira fez uma apresentação sobre as CAC. Houve uma pequena conversa sobre este tema e de seguida, já na mediateca, as crianças foram divididas em três grupos onde ficaram a conhecer o portal das crianças criado pelas crianças de Aveiro.

As crianças registaram-se no portal e responderam ao questionário que se encontra no mesmo.

No fim do encontro, quando se dirigiam para o autocarro algumas crianças comentaram comigo que tinha sido muito bom conhecer o grupo de Aveiro, porque já tinha mais experiência de investigação.

Nota de Campo nº12

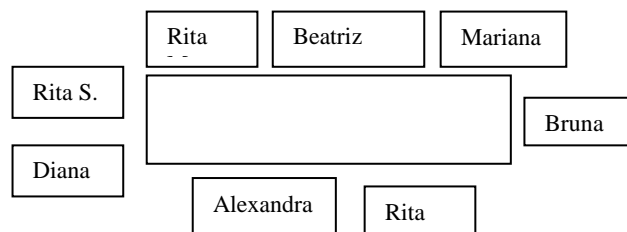
10ª Sessão

8/5/2013

15:30-17:00

Espaço: Monobloco

Intervenientes: Rita, Alexandra, Bruna, Beatriz, Rita S., Marina, Rita M. e Diana



Devido às obras que já estavam a decorrer na escola, ao longo de todo o ano letivo, tivemos que reunir num monobloco uma vez que as obras tinham chegado à esplanada.

Nesta sessão tentei trazer para cima da mesa a visita à UA na semana passada mas tive o feedback esperado.

A Bruna, a Alexandra e a Beatriz disseram que tinham gostado mas não passou daí. Por mais que eu tentasse puxar assunto a conversa limitava-se ao gostei.

Percebi que não valia a pena existir mas estava certa que havia de ter refletido mais alguma coisa para além do gostei. Decidi arrumar o assunto na gaveta e voltar a abri-la noutra altura.

Começámos a analisar o pré-teste e o grupo começou-se a manifestar entusiasmadamente. Percebi que a ocultação de respostas em relação à visita à UA talvez se devesse à combinada e desejada elaboração definitiva de um guião de entrevista.

O grupo decidiu-se pelo guião inicial e acrescentou a pergunta “e esta escola é amiga das crianças?”

Elaboraram no seu caderno de investigadores uma tabela com os entrevistados com a divisão feita para cada grupo entrevistar.

A Rita S. coordenou e distribuição mas respeitou a vontade dos colegas que tinham preferência por entrevistar alguém.

Nota de Campo nº13

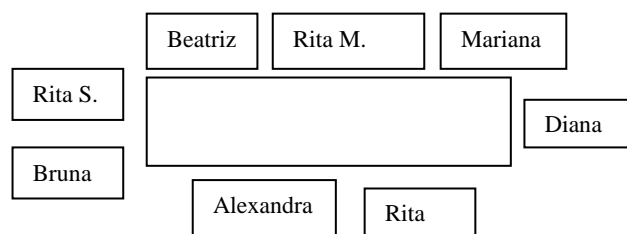
11ª Sessão

15/5/2013

15:30-16:15

Espaço: Monobloco

Intervenientes: Rita, Alexandra, Bruna, Beatriz, Rita S., Marina, Rita M. e Diana



Nesta sessão voltamos a reunir num monobloco. No entanto subi à esplanada para me certificar que as obras ainda não tinham terminado. Encontrei a Diana a chorar muito

junto à professora de religião moral. A Mariana veio ter comigo e disse-me que ela se tinha zangado com as colegas e que elas lhe queriam bater. Conversei com a Diana, perguntei se ela queria ficar com a professora e ela disse que queria vir comigo, que estar no nosso grupo lhe fazia bem.

A Diana foi desde a esplanada até ao monobloco colada a mim, quando avistava as colegas agarrava-se a mim quase me impedindo de andar. Disse-lhe que não mostrassem nem tivesse medo e coloquei o braço por cima dos seus ombros.

Já no monobloco o grupo mostrou-se preocupado com a Diana, ela contou o que a preocupava e o grupo disse-lhe como ela devia agir e se comportar nos próximos dias com as colegas.

Achavam que a Diana devia expor a situação ao diretor de turma, mas elas também iriam estar mais com a Diana nos intervalos já que ela parecia ter perdido as amigas.

Esta era uma sessão destinada ao começo de tratamento dos dados, uma vez que alguma entrevistas já me tinham sido enviadas por e-mail e eu já tinha feito a sua transcrição.

O grupo que estava a entrevistar os professores teve alguma dificuldade em conseguir as entrevistas porque estes diziam sempre que não tinham tempo.

Todos deram uma vista de olhos às entrevistas transcritas enquanto iam mimando e tranquilizando a Diana.

Esta foi uma sessão peculiar!

Nota de Campo nº14

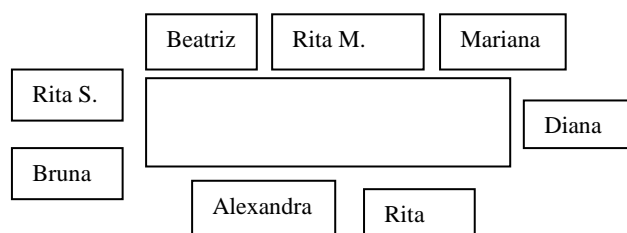
12ª Sessão

22/5/2013

15:30-16:15

Espaço: Monobloco

Intervenientes: Rita, Alexandra, Bruna, Beatriz, Rita S., Marina, Rita M. e Diana



A “nossa” esplanada continuava em obras e voltamos a reunir no monobloco. Encontramo-nos no hall da escola onde estavam expostos os seus trabalhos de educação visual que me queriam mostrar.

Quando íamos a caminho do monobloco disseram-me que tínhamos que alterar a data da nossa ultima sessão de dia 29 para dia 31, ia-se realizar na escola o *pet show* e queriam ir assistir.

Chegámos ao monobloco e o grupo confidenciou que o assunto da Diana já estava resolvido. A Diana tinha falado com a diretora de turma e ela conversou com as alunas envolvidas. Senti que o grupo da mesma forma que ficou preocupado na semana passada, nesta estava satisfeito e aliviado.

Eu já tinha feito a devolução ao grupo das transcrições das entrevistas o que facilitou o tratamento de dados. Num intervalo da manhã já tinham conversado entre si e decidido que a melhor forma de tratar os dados seria dar voz aos entrevistados. Questionei, então como lhes vamos dar voz? A Rita M. disse que podíamos seleccionar excertos das respostas das entrevistas e mostrar a maior diversidade de respostas possível.

E assim fizemos lemos as entrevistas em conjunto à medida que íamos discutindo respostas e seleccionando as que seriam para o tratamento de dados.

Inicialmente, tentamos colocar as vozes dos entrevistados em papel cenário, uma vez que a ideia era afixar na escola, mas estava-se sempre a rasgar. Concluimos que o melhor seria passar a computador e colar num cartaz.

Nota de Campo nº15

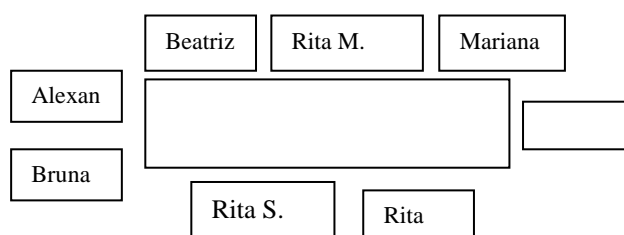
13ª Sessão

31/5/2013

15:30-16:15

Espaço: Monobloco

Intervenientes: Rita, Alexandra, Bruna, Beatriz, Rita S., Marina e Rita M.



Esta foi a última sessão desta investigação. Nesta sessão as crianças foram avaliadores de todo o processo.

Coloquei em cima da mesa todos os materiais utilizados e construídos em grupo para se fosse possível construir uma narrativa deste processo.

Gostei, Aprendi, Refleti, Aprofundei, entre outras foram as palavras mais mencionadas.

Curioso que não tinha nada na mesa que tivesse referência à visita à UA e foi essa visita que mereceu grande parte da conversa. O grupo ficou muito sensibilizado com a apresentação feita pela Professora Rosa Madeira, em que referiu que noutros países haviam turmas com 120 alunos, que nem todas as crianças tinham acesso à educação e que a CDC não tinha sido assinada por todos os países.

Estes aspetos mereceram um extenso comentário por parte do grupo.

As entrevistas foram também muito referenciadas, na medida em que envolveram a escola na investigação. Contudo, o fato de nem toda a escola conhecer a investigação era um ponto a melhorar. A Rita M. sugeriu que no próximo ano se fizessem workshops, recebendo alguns algumas de cada turma, para que toda a escola tenha oportunidade de refletir acerca deste tema que ela acha tão importante.

Anexo G

Focus Group - Desenhos Valongo, 2ª sessão – 27 de fevereiro

Rita S. – Eu desenhei a minha casa, que é rodeada por pinhais (silencio) eu gosto porque há uma grande ligação entre os vizinhos. Não gosto que haja pinhais porque são um risco para os incêndios. Não gosto do cheiro a cavalo (risos) porque ao pé de minha casa existe uma quinta e há prática das aulas de equitação. AAAHHH não há crianças, só há quando as netas dos meus vizinhos vão para lá brincar. Gosto de passear pelos pinhais, só existem três casas na minha rua e há uma por trás mas é um pouco longe. Pronto! Gosto de viver lá só não gosto dos pinhais.

Rita – Falaste nos pinhais, do risco para os incêndios. O que tens mais a dizer sobre isso, que medidas tomar?

Rita S. - aquilo são quase tudo eucaliptos, também há sobreiros. Também se cortarmos todas as arvores há desflorestação... mas eu gostava que fossem cortadas, fazem muito sombrio à casa, com a tempestade muitas caíram e no verão os incêndios.

Rita – Diana, queres-nos dizer o que desenhaste?

Diana - eu desenhei uma terra que tenho na minha casa, no Préstimo, com os animais que lá costumo a pastar. O que eu não gosto é que o pinhal que está lá ao lado está a ser cortado e é lá que moram os esquilos e sou eu que lhes costumo dar comer, tenho umas bolotas lá em casa. Se cortarem as árvores também há lá umas raposas e ficam sem o seu habitat. Eu gosto de viver numa aldeia, lá perto vive uma criança que é minha amiga e brinco com ela. Gosto de estar ao pé da igreja e de brincar com as crianças que saem da catequese e gosto de dar voltas de bicicleta por lá, porque tenho contato com as pessoas mais idosas que me contam histórias como era antigamente.

Rita – Bruna, força, diz lá!

Bruna – Eu desenhei a pré, onde eu andei. Gostava muito, brincava com os meus amigos e fazíamos atividades que eu gostava. Quando hoje passo lá vejo meninos a brincarem onde eu já fui feliz também e fico com saudades...

Rita – Então a escola ainda funciona não é isso?

Bruna – Sim, e desenhei os meninos a brincar porque aprendíamos muitos jogos, até para o bem estar das crianças e eu tenho mesmos saudades.

Alexandra – Eu também desenhei a escola primária de Valongo, porque gostei muito de lá andar. Passo lá de carro, às vezes, vejo as crianças a conviver e a brincar umas com as outras e sinto mesmo saudades. Vejo-as felizes e gosto de ver porque eu também era assim.

Rita – Vamos Beatriz!

Beatriz – Eu também desenhei uma escola, mas a de Sobreiro. Desenhei porque esta escola já fechou e lá é o único sítio que as crianças têm para estarem juntas. Desenhei também arvores e casas porque é o que está lá. Acho isso mal! Deviam existir espaços para crianças e adultos se encontarem.

Rita – Vocês desenharam coisas que vos agradavam e outras que nem por isso. Agora quero que pensem naquilo, que para vocês, uma cidade ideal deveria ter para as crianças.

Beatriz – Parques...

Bruna – Escolas!

Rita S. – Centros de saúde, creches, escolas...

Alexandra – para já deviam existir mais crianças!

Rita – Sim, porque alguns de vocês não tem colegas nas vossas terras.

Diana – Parques limpos para as crianças brincarem.

Beatriz - uma cidade com pouco transito para as crianças brincarem livremente.
(silencio)

Rita – Estamos então a pensar também já em termos de espaço, acessibilidades.

Beatriz – Não é tirar o trânsito é só reduzir...

Rita S. – temos que alertar as pessoas!

Rita – Então quais são as soluções para reduzir o trânsito?

Bruna – Andar a pé...

Rita S. – Andar de transportes públicos...

Rita – então e se pensarmos em Águeda, concelho, acham que a rede de transportes é suficiente e adequado à população e às crianças?

Beatriz – Não!

Rita S. – eu acho que sim!

Rita – vamos então ouvir as duas opiniões.

Rita S. – o único senão é que as paragens são longe das casas, de resto há sempre autocarros.

Beatriz – Mas eu acho que nos hipermercados não passa autocarro nenhum... e as pessoas que vão lá não tem forma de ir lá se não pedirem a alguém.

Rita – Bom a nossa sessão está a acabar e talvez fosse oportuno voltarmos a este assunto na sessão seguinte.

Focus group – Construção mapa cidade de Águeda – 3ª sessão

Rita – Á semelhança do que fizemos a semana passada, proponho que hoje se pense na cidade de Águeda. Trouxe papel cenário e alguns materiais para poderem desenhar e seria bom que se organizassem enquanto grupo e discutissem entre vocês aspetos positivos e negativos da cidade de Águeda, que gostassem de ver representado no vosso mapa. Organizem-se na forma que quiserem...

(Começam-se a levantar e ajudam-me a estender o papel de cenário. A Rita S. foi pedir para acenderem a luz)

Rita – Coloco aqui os materiais e vocês agora organizam-se, como se eu não estivesse cá!
(enquanto arrumo o meu caderno e me preparo para sair verifico que a Beatriz começa a escrever o que as colegas dizem)

Beatriz – Fizeram agora uma pista para andar de bicicleta e acho isso é bom até para as crianças.

Bruna – Também é bom haver hospitais!

(Silêncio prolongado)

(A Rita S. voltou)

Rita S. – então?! Também é bom haver escolas!

(ausentei-me)

(A Beatriz diz à Rita S. o que já escreveu no caderno)

(Silêncio prolongado)

(Conversam muito baixinho e não se percebe)

Rita S. – hospitais, parques de estacionamento....

Beatriz – também temos que representar a biblioteca!

(Regresso)

Rita – Então já chegaram a alguma conclusão?

Rita S. – (ao mostrar o caderno da Beatriz onde estavam a registar o que queriam desenhar) tem que ser mais que isto?

Rita – Não tem que ser mais ou menos, tem que ser aquilo que vocês consideram importante. (reparei que a Diana estava triste) Diana já deste a tua opinião?

Diana - eu não, não conheço muito bem a cidade. Só vou lá para quando vou jantar a casa dos meus avós e não são assim muitas vezes.

Rita – mas do que conheces a tua opinião é importante!

Diana – eu conheço bem o hospital, porque já estive lá internada e gostei do serviço de pediatria. Só uma coisa de que eu não gostei, foi da comida.

Rita – Pois, já está aqui no caderno o hospital. Acho que podem começar a desenhar e à medida que vão desenhando podem surgir novas ideias. Agora é também importante que se organizem no desenho. Vejam o que há para desenhar e dividam tarefas.

Rita S. – Pois há sete coisas para desenhar e somos seis. Alguém faz duas coisas. Para ficar bem repartido temos que ver...

Beatriz – temos que pensar na cidade, o que é primeiro na cidade!

Rita S. – positivo temos os parques, (silêncio) uma pista de bicicleta... o hospital, o SAP já fechou?

Beatriz – não, acho que não!

(Rita S. enumera as escolas de Águeda)

Rita S. – e a biblioteca.

(dividem entre si quem desenha o que e começam a desenhar)

(desenham em silêncio, só falam para partilhar material)

Rita – o que acham que devíamos fazer com o mapa?

Rita S. – afixar na escola!

Rita – e já está em condições de afixar? Não acham importante falar mais um pouco sobre a cidade? Até porque o grupo não está todo, não querem pedir também opinião?

Beatriz – Temos que voltar, ainda não está acabado, temos que discutir mais coisas!

(falta apenas um minuto e começam a arrumar)

Focus Group – melhorias cidade de Águeda – 5ª sessão

Rita – hoje vamos olhar para o mapa e identificar aspetos positivos e negativos, apresentando melhorias. Vocês aqui no mapa não registaram isso, só no caderno da Beatriz. Acho que deviam também integrar a Rita M. e a Mariana porque elas não estiveram na sessão passada.

Beatriz – Sim! Então aqui desenhamos a pista das bicicletas, que é um ponto positivo, a biblioteca que também é positivo. Aqui são as obras e cortaram as árvores para colocar os chapéus que é um ponto negativo. Aqui estão os parques, são um ponto positivo, as escolas também e os hospitais também são um ponto positivo.

Rita – Afinal nada é negativo?

Rita S. – São só as obras!

Rita – e a Rita M. e a Mariana o que têm a dizer, concordam?

Rita M. – para mim as obras tanto podem ser um ponto negativo como positivo. Porque podem melhorar a cidade quando estiverem terminadas.

Rita – e há mais algum aspeto da cidade que gostassem de ver aqui representado, que acrescentariam?

Rita M. – o quartel dos bombeiros.

Mariana – o quartel dos bombeiros é um aspeto positivo.

Rita M. – é positivo porque ajudam as pessoas.

Rita – e funcionam corretamente?

Rita M.- não conheço bem a realidade, mas pelo serviço que prestam é positivo.

Rita – sugiro agora que para cada edifício se pensem algumas situações possíveis de melhoria!

Rita S. – eu acho que aqui nos chapéus eles não cortaram as árvores, e os chapéus até ficou bonito, embelezou a cidade.

Beatriz – eles colocaram os chapéus para o Agit'Águeda.

Diana – Por aquilo que a minha irmã me contou as imagens dos chapéus de Águeda correram o mundo. Foi alguma coisa importante.

Rita – se calhar foi algum projeto não?

(Rita S. mostra-me um fotografia que tem no tlm)

Rita – ao olhar para o mapa que direitos consideram estar presentes na cidade de Águeda?

Rita S. – as escolas...

Beatriz – direito à saúde, à educação... direito a brincar.

Rita M. – direito à religião.

Rita S. – direito ao lazer. Algumas pessoas ficaram indignadas porque cortaram árvores centenárias.

Rita – em relação à biblioteca e às escolas, aos hospitais. Em relação ao hospital...

Mariana – uma coisa que fizeram muito mal no hospital foi fechar o serviço para as crianças!

Rita – a Pediatria?

Beatriz – sim, fechou!

Rita – então onde é que as crianças são agora consultadas?

Mariana – são lá consultadas, mas para ser internadas vão para Aveiro ou Coimbra.

Beatriz – mas os adultos também não podem fazer operações...

Mariana – são só as terças e às quintas.

Beatriz – só se fazem mini-cirurgias.

Rita – então no hospital quais são as melhorias que podemos apresentar?

Rita S. – devia haver mais quartos, em cada quarto há quatro camas.

Rita – por exemplo, quando chegam a um sitio as crianças têm prioridade em relação aos adultos. Isso acontece no hospital?

Mariana – nós temos pulseiras e acho bem que alguns adultos passem à frente porque estão pior.

Bruna – ela (a Alexandra, irmã) no outro dia sentiu-se mal fomos ao hospital estivemos muito tempo à espera e depois ela nem teve 3 minutos lá dentro.

Alexandra – não fui consultada!

Rita – então no hospital era necessário a reabertura do serviço de pediatria, serem chamadas com mais rapidez! E na igreja?

Rita S. – é pensada para as crianças.

Diana – só fui à igreja uma vez com algumas amigas minhas, só estive lá um bocadinho.

Rita S. – a igreja tem um coro de crianças, a missa é ao sábado à noite e é dinamizada pelas crianças. Eu gosto muito da catequese e da catequista porque ela ajuda-nos a gostar de andar na catequese com jogos e isso.

Rita – ela pensa a catequese para vocês!

Rita M. – houve agora obras e tem boas condições.

Rita S. – o espaço para ter catequese é que é frio e não há salas suficientes.

Diana – mas quando eu lá fui passávamos por muitas portas de muitos anos.

Rita S. – sim, tem muitas salas mas não é suficiente. E passamos pelo meio de outras salas. A minha turma e mais duas foram agora para uma loja, porque não temos espaço. E a igreja também é fria.

Rita – e os parques?

Beatriz – ainda agora fizeram um parque e tem boas condições.

Rita S. – agora até colocaram lá um mini-ginásio para as crianças. Aqui em Valongo é que não temos grande coisa. Existem poucos espaços verdes.

Rita – e as escolas?

Rita S. – ui agora a nossa com as obras...

Mariana – pois temos que ter aulas nos contentores temos que passar na rua e apanhar chuva.

Rita S. – não temos computadores nem retroprojektor.

Rita – meios audiovisuais...

Rita S.- não temos espaço para andar lá fora.

Beatriz – não temos espaço para esperar pelos professores quando chove.

Rita – mas tudo o que estão a falar é devido às obras. Quando não existem obras não têm esses problemas.

Rita S. – temos outros! Quando estávamos na fila os professores passava-nos à frente, ninguém gostava e começamos a reivindicar isso! Agora eles já não passam tanto...

Mariana – no ano passado houve um caso de um menino que fugiu, o porteiro estava distraído e ele fugiu e depois foi pedir ajuda a minha casa.

Rita – fugiu?!

Mariana – sim, teve uns problemas com uma cigana.

Beatriz – quando o ano começa há sempre papel da casa de banho, depois ao longo do ano nunca mais há.

Rita S. – os funcionários nem sequer estão nos corredores. Antes também haviam os dealers da escola. Os maiores empurram-nos e nós temos medo...

Mariana – sim, são mais os CEF's, todos têm medo deles.

Beatriz – o pior é que eles batem em todas as funcionárias vêm e não fazem nada.

Rita S. – eles forma umas filas e empurram-nos e nós andamos ali muito tempo... e eles também fumam muito.

Beatriz – até nos corredores fumam!

Rita - Nos corredores?

Mariana – sim, e no hall!

Rita S. – antes das obras, lá fora fazia um caracol e eles fumavam ali, era escondido. Os CEF's ameaçam os mais novos a dar dinheiro por causa de ter dinheiro para o tabaco.

Mariana – um vez incendiaram um caixote.

Rita S. – e uma vez colocaram papeis na casa de banho, fecharam e pegaram fogo. Os alunos de etnia cigana são outro problema... só nos batem.

Bruna – eles já bateram a uma amigo nossa, nós é que depois a protegemos.

Beatriz – oh e já a tentaram assaltar...

Rita S. – teve sorte que conseguiu fugir!

Rita – mas tudo dentro da escola?

Bruna – sim! Elas até sujam a casa de banho de propósito para as funcionárias limparem.

Rita - que medidas é que vocês acham que se devia tomar a nível da escola?

Rita S. – com os ciganos já não vale a pena, eles querem é ser suspensos!

Mariana – eles deviam ter um castigo aqui na escola que todos vissem, ir para casa vão bem!

Rita – vocês acham que eles deviam ser castigados perante a comunidade escolar é isso?

Beatriz – sim!

Rita S. – eles dizem que nós não fazemos nada para nos dar bem com eles, mas eles também não ajudam, só nos batem!

Rita – mas isso é um direito, o direito à não discriminação, vocês acham que eles são discriminados nesta escola?

Beatriz – são!

Rita S. – sim eles têm mau odor, e afastamo-nos!

Rita - e vocês não acham que sendo eles discriminados os pode levar a ter certos comportamentos?

Mariana – as vezes!

Rita S. – e batem nos cães.

Alexandra – isso é outra coisa, agora deixam entrar aqui cães. Alguns cães matam crianças.

Rita S. – e trazem pulgas e carraças.

Rita – a quem é que vocês acham que se devia denunciar estas situações e quem pode intervir?

Mariana – eu acho que devia haver mais funcionários.

Beatriz – o diretor devia agir mais...

Rita – agir mais em que sentido?

Beatriz – em todos, na minha opinião o diretor não faz nada por esta escola.

Rita – achas que estas situações são comunicadas?

(a Diana acena que sim)

Rita - então Diana?

Diana – porque na minha turma existe um problema de discriminação a um menino por ele ser forte e o diretor mandou lá a Cláudia.

Rita - vocês já referiram que devia haver mais funcionários e os diretor ser mais firme.

Então e vocês alunos, vocês também fazem parte da escola que podem vocês fazer?

(silencio prolongado)

Rita S. – uma coisa é falar, outra é fazer...

(silencio)

Beatriz – ainda não falamos da biblioteca. Eu já fui lá e gosto do ambiente, podemos levar até cinco livros sem pagar!

Rita M. – aqui na biblioteca da escola também devia ser assim, só podemos levar um.

Rita S. – oh mas o ambiente é bom!

Beatriz - e a papelaria também só está aberta de manhã, à tarde precisamos de ir comprar alguma coisa e não conseguimos.

(rodeiam no mapa aspetos positivos e negativos)

Rita – e agora que fazemos com este mapa?

Rita S. – então afixamos no bar, apesar de estragarem tudo!

Mariana – pode ser na biblioteca, ninguém estraga. Tem que ser num sítio que todos leiam.

Rita – afixar é uma boa solução! É uma forma da escola ter conhecimento da nossa investigação.

Beatriz – vamos agora lá baixo e perguntamos à D. Fernanda se podemos afixar na biblioteca!

(dão alguns retoques no mapa)

Rita S. – eu acho que só afixar isto não é suficiente... temos que pensar formas de envolver a escola...

Beatriz – podíamos fazer perguntas a várias pessoas da escola para saber o que pensam acerca da cidade de Águeda.

Mariana – pois! Também podemos perguntar se conhecem os direitos da criança para não haver tantos problemas.

Rita – sim, podemos discutir essa possibilidade na próxima sessão que hoje já estamos a acabar.

Focus Group - Elaboração de um guião de entrevista – 7ª sessão

Rita – Hoje vamos retomar uma ideia que surgiu na sessão passada de fazer entrevistas à comunidade escolar.

Rita S. – ah sim, fui eu que sugeri!

Rita – agora temos é que pensar alguns aspetos importantes para a realização das entrevistas.

(começam a retirar os cadernos do kit de investigador)

Rita – vocês concordam que as entrevistas serão uma boa estratégia para envolver a escola na investigação?

Beatriz – Sim!

Rita S.- Sim!

Alexandra – Sim!

Rita – primeiro temos que pensar a quem seria dirigida a entrevista...

Beatriz – ao diretor...

Rita S. – aos órgãos de gestão...

Beatriz – também a alguns alunos

Rita – aos alunos...

Beatriz – e aos professores.

(silencio)

Rita – e a mais ninguém?

Beatriz – já não há mais ninguém!

Rita – não?! Então e os pais e os funcionários?

Rita S. – Ah pois!

Rita – temos que pensar também qual será o objetivo das entrevistas.

Rita S. – saber o que a escola pensa acerca do assunto que estamos a tratar...

Rita – e que assunto estamos a tratar?

Rita S. – então estamos a pensar nos direitos das crianças e como é que Águeda pode ser uma Cidade Amiga das crianças.

Rita – elaboramos o guião de entrevista, fazemos a entrevista, analisamos as respostas e depois devolvemos a quem? A quem acham que deve ser devolvida essa informação?

Beatriz – a Águeda!

Rita S. – (Ri-se) isso é um bocado difícil não achas Beatriz?

Beatriz – não por exemplo, ao presidente da câmara. Ele é o órgão máximo.

Rita – o facto da câmara ter conhecimento do resultado das entrevistas ajuda em que?

Beatriz – então assim ficam a saber onde precisam de intervir.

Rita – e as entrevistas deviam ser iguais para todos os elementos da comunidade?

Rita S. – Sim, acho que sim!

Rita – e as entrevistas devem ser feitas a pares ou individualmente?

Alexandra – a pares!

Rita S. – cada dois alunos podiam fazer várias entrevistas. Sozinhas é que não...

Rita – já decidimos que são entrevistas iguais, feitas a pares, entrevistar o diretor, porque é só um, é ele e ele, e por exemplo os funcionários. Entrevistamos todos os funcionários?

Alexandra – eu acho que devia ser aqueles funcionários...

Beatriz – os que vêm mais o que se passa lá fora...

Alexandra – ao sr. Jorge... (motorista)

Rita S. – a D. Alice, dos corredores. Também podemos fazer a uma funcionária da cantina, à D. Fernanda da biblioteca e à D. Guida da cantina.

Rita – então e em relação aos alunos?

Rita S. – podemos entrevistar a presidente da associação de estudantes

Beatriz – que é a Kelly

Rita S. – podíamos entrevistar um de cada turma... nós podemos fazer as entrevistas nos intervalos e assim!

Rita – e os professores?

Beatriz – devíamos fazer uma seleção dos que estão mais atentos...

Rita S. – depois temos que arranjar uma forma de selecionar melhor os professores.

Rita – pais! Não existe na escola uma associação de pais?

Rita S. – existe, há dois membros por turma que representam os pais.

Beatriz – também há professores que têm cá os filhos...

Rita S. – mas eu acho que eles vão responder diferente dos nossos pais porque eles são da escola.

Rita – pois esse é um problema...

Beatriz – temos que ver melhor!

Rita – temos agora que pensar em questões chave para elaborar o guião de entrevista. O que queremos saber?

Rita S. – primeiro perguntamos se conhecem os direitos das crianças? Podemos dizer e depois organizar melhor?

Rita – sim, claro estamos só a levantar hipóteses.

Rita S. – também é importante saber o que achas da cidade de Águeda como espaço para as crianças...

Beatriz – qual é o direito mais importante para eles e se esse direito é cumprido na cidade de Águeda.

(silencio)

Beatriz – qual é o direito menos respeitado na cidade.

Rita – então e em relação à cidade amiga das crianças?

Bruna – o que acham da cidade.

Rita S. – também podíamos perguntar acerca da escola.

Rita – acham que esta entrevista devia ser feita como? Com gravador, em papel?

Rita S. – acho que com gravador, em papel só se for para os pais.

Beatriz – temos que saber se deixam gravar a voz!

Rita – vamos agora enumerar as perguntas...

Rita S. – eu acho que a última devia ser a da cidade de Águeda.

Rita – achas que devia ser o que acham da cidade de Águeda como espaço para as crianças?

Rita S. – sim, e a primeira se conhecem os direitos das crianças. Depois qual é o direito mais importante e se cumprem.

Rita – (repito a questão para que continuem)

Beatriz – depois o direito menos respeitado.

Rita S. – e depois a de Águeda.

Rita – agora elaboramos o guião, fazemos as entrevistas, queremos devolver à Câmara, e antes da devolução o que fazemos com as entrevistas?

Rita S. – então podemos tirar fotocópias e afixar na escola.

Beatriz – colocar dados no jornal “o Bocas”.

Rita – então é necessário analisar as entrevistas!

Rita S. – sim, também podemos escrever para o jornal da região de Águeda...

Beatriz – o Soberania e o Região de Águeda.

Rita – vamos então analisar esta proposta de guião e voltamos a fazer nisto na próxima sessão.

Focus Group – Pré-teste – 8ª sessão

Depois do pré-teste

Rita – o que acham assim sem refletir muito, só do eu ouvirem agora, o que acham que a escola sabe o que é uma cidade amiga das crianças, sabem o que é um direito?

Beatriz – eu acho que ainda não conhecem os direitos. Algumas pessoas disseram que não sabiam.

Rita – o grupo que foi comigo o que achou?

Alexandra – elas diziam mas...

Rita S. – iam buscar necessidades das crianças.

Rita – o que podemos concluir daqui?

Bruna – não cumprem os direitos das crianças, senão conheciam. Assim Águeda não pode ser amiga.

Rita – Pois! Também são as pessoas que fazem a cidade. Agora para redigir um guião de entrevista definitivo temos que analisar este pré-teste.

Beatriz – eu falei à minha mãe sobre o jornal A Soberania e ela acha que não se paga.

Rita – Temos também que refletir acerca disso. Se é melhor ficar a divulgação dos dados de entrevista na escola ou se também difundir pela comunidade.

Rita S. – Oh eu acho que nos dois!

Rita – e gostaram de realizar o pré-teste?

Todas – Sim!

Rita – E o que sentiram quando não acreditavam em vocês?

Beatriz – foi chato! Até disseram que éramos investigadores de meia-tigela.

Rita – temos então que arranjar estratégias, que vos identifiquem como investigadores para que a escola dê credibilidade às vossas entrevistas.

Bruna – eu acho que como algumas pessoas viram que tu também estavas a fazer entrevista agora já vão acreditar.

Rita – mas depois eu não vou estar cá quando vocês fizeram as entrevistas...

Rita S. – pois, temos que enquadrar bem a investigação e falar com as pessoas antes de fazer a entrevista.

Beatriz – acho que se levarmos um papel com as questões organizadas e definidas também já acreditam.

Focus Group – Elaboração definitiva do guião de entrevista – 10ª sessão

Rita – Gostaram de ir à UA?

Bruna – sim, eu gostei.

Rita S. – eu também.

Rita – o que mais gostaram?

Beatriz – de fazer o portal.

Rita S. – eu ainda não fui visitar o portal!

Alexandra – o que Rita?

Rita S. – ainda não fui lá.

Mariana – ai eu já!

Rita – e o que sentiram?

(silencio)

Alguém disse – gostamos só!

(de seguida mostrei as transcrições do pré-teste e começamos a ler, algumas crianças já tinham visto o e-mail que eu tinha enviado com as transcrições)

(explico à Diana a ideia das entrevistas e objetivos)

Rita – hoje o que proponho é que se reflita acerca das questões que definimos inicialmente. Será que estão de acordo com aquilo que pretendemos?

Beatriz – Sim, acho que sim!

Mariana – eu também, estão boas!

Rita - então se as perguntas estão corretas vamos definir os entrevistados. Vocês da outra vez apontaram... onde está isso?

(tiram os cadernos)

Beatriz – tem que ser a D. Alice, porque não acreditou em nós, a D. Fernanda da biblioteca, e o sr. Paulo.

Rita – o diretor esta certo verdade?

Todas – sim!

Rita – depois de sairmos daqui na outra sessão alguém falou na prof. Rosa Matos, coordenadora TEIP, também é para manter?

Mariana – depois pudemos entrevistar as nossas DT's e a professora Fernanda que também é do diretivo.

Rita – dos alunos...

Rita S. – então a Kelly...

Rita – mas a Kelly não chega.

Rita M. – então fazemos como para os professores, um aluno de cada turma.

Diana – na minha turma talvez a Tatiana.

Mariana – e na nossa turma a Filipa.

Beatriz – faltam os pais! Pode ser o prof Jorge, a professora Alcina...

Rita S. – e os representantes da nossa turma?

Beatriz – oh isso é difícil!

Rita S. – então alguém da secretaria, também têm cá filhos.

Rita – pronto então os entrevistados estão selecionados. Agora temos que nos organizar em grupos. Como se querem dividir?

Rita S. – têm que ser quantos grupos?

(discutem os horários)

Rita M. – um grupo pode ser eu a Mariana e a Diana.

Beatriz – podem ficar com os funcionários e os alunos porque são três.

(todo o grupo anota)

Rita – agora têm que ser grupos de dois, como se organizam?

Beatriz – eu e a Bruna...

Rita S. – eu queria ficar com os professores!

Beatriz – esta bem, nós ficamos com os pais.

Rita – então o outro grupo é a Rita S. e a Alexandra. Agora se organizam para realizar as entrevistas?

Beatriz – na sexta-feira conseguimos fazer já duas entrevistas. Temos tempo livre.

Rita – e à medida que fazem as entrevistas enviam-me para eu poder transcrever. Convinha ter as entrevistas feitas até dia 15 para fazer o tratamento de dados.

Agora ao guião, como acham que deve ficar? O guião inicial ou o invertido.

Rita M. e Beatriz - (ao mesmo tempo) o primeiro guião.

Rita – então vamos apontar todas as questões.

(escrevem as questões)

Rita – estamos a entrevistar pessoas da escola... acham pertinente colocar alguma questão acerca da escola?

Beatriz – sim! Se esta escola também é amiga das crianças.

(anotam no caderno)

Rita – algumas dicas, as pessoas vão falar pouco. Sempre que vêm que não vos dão dados à pergunta vocês questionam porquê? Noutro caso perguntam, por exemplo, o que é uma cidade amiga das crianças as pessoas respondem é uma cidade que cumpre com os direitos das crianças. Se para vocês esta resposta não é suficiente vocês dizem: eu percebi, o que me disse foi que era uma cidade amiga das crianças e aí elas vão acrescentar mais qualquer coisa.

Rita – Eu hoje falei muito e vocês não falaram nada!

(Risos)

Focus Group – avaliação de todo o processo – 13ª sessão

Rita – hoje vou colocar em cima da mesa todos os materiais a que recorremos e fizemos ao longo do projeto para pensarmos sobre...

(começam a ver de forma entusiasmada todos os materiais e conversam entre si)

Rita – olhem escutem! Escutem primeiro. Nesta ultima sessão era importante que cada uma construísse uma narrativa do que foram estas sessões! Pensando no objetivo inicial, que enquanto alunos e passando tanto tempo na escola como nos conseguíamos organizar de forma a dar um contributo para a câmara municipal.

(silêncio)

Mariana – eu gostei!

Rita M. – eu gostei muito, foi muito educativo. Acho que bom para conhecer mais acerca dos nossos direitos. Era um tema que já tinha lido mas não tinha aprofundado. Achei muito interessante fazer as entrevistas...

Rita – e achas que o fato de fazermos as entrevistas a nossa investigação é do conhecimento da escola?

Rita M. – algumas sim, outras não...

Mariana - algumas pessoas nem sequer sabem que esta investigação existiu.

Rita – isso então é um aspeto a refletir, é uma falha. Teríamos que ter pensado anteriormente uma forma de este projeto ser do conhecimento de toda escola.

Mariana – mas agora o ano está a acabar, é muito difícil...

Beatriz – podíamos fazer uma palestra e dar a conhecer a toda a escola...

Rita – e como chegamos aos colegas para virem à palestra?

Mariana – isso é fácil, é afixar ai papéis na escola, é assim que toda gente faz.

Beatriz – isso tem que ser melhor organizado, não pode ser assim.

Rita M. – o que podia ser feito até para o ano eram vários workshops...

Rita – sim, parece uma boa ideia...

Rita M. – podíamos ser nós agora a meter a escola a pensar sobre este tema. Tu já não estás cá. Nós já somos mais velhas já pode ser.

Bruna – eu gostei muito de fazer a investigação, fiquei a conhecer por dentro os direitos das crianças, gostei muito de fazer as entrevistas...

Alexandra - porque refletimos nas respostas dos entrevistados e isso também nos ajuda a aprender, a saber mais acerca deste tema. Nós colocamos a escola a pensar, porque nós fazíamos uma pergunta e todos pensavam... não conseguiam responder logo.

Rita – vocês com isso conquistaram um direito dentro desta escola...

Rita S. – pois! Porque foi muito difícil entrevistar o Diretor e a Professora Rosa. Tivemos que os seguir até ao bar, quase lhes fizemos uma espera.

(Risos)

Rita – isso também é muito importante vocês conquistaram um lugar e espaço nesta escola. Foi como dizer eu estou aqui, quero-te fazer uma entrevista e vou fazer... e conseguiram! Foram protagonistas neste processo...

Beatriz – eu não conhecia a maior parte dos direitos. As entrevistas foram importantes porque as pessoas não conheciam os direitos e tiveram que pensar acerca disso...

Rita – para vocês as entrevistas foram o mais importante?

Todas – sim!

Rita - Porque?

Rita M. – fala oh Mariana.

Mariana – porque ficamos a saber a opinião da escola e agora podemos intervir...

Alexandra – sabemos as várias opiniões, diferentes opiniões são importantes.

Rita – então e os trabalhos iniciais: o bingo, o desenho, o mapa, a ficha do investigador... consideram isso importante de alguma forma ou não?

Mariana – eu acho que sim, foi um bom suporte! Porque nós demos logo as nossas opiniões... e a partir dessas opiniões construímos tudo!

Rita S. – Ficamos a saber mais dos direitos, as entrevistas contribuíram para sabermos o que pensa a escola... e pronto!

Rita – se nós amanhã tivéssemos que ir fazer a devolução do projeto à Câmara Municipal o que vocês diriam?

Rita M. – oh tinha que pensar primeiro...

(risos)

Rita – não tens tempo é já amanhã...

Rita S. – eu dizia que realizamos vários projetos primeiro fizemos o mapa de Águeda e as melhorias. Depois as entrevistas, para saber a opinião das pessoas, saber se vão de encontro ao que trabalhamos aqui. Podemos melhorar não só a cidade mas também a escola.

Rita – e que conclusões tiram das entrevistas?

Rita S. – que as pessoas dizem mais as necessidades que os direitos das crianças.

(silêncio)

Mariana – nós não conseguimos entrar no portal das crianças Rita.

Rita M. – oh tu meteste mal o endereço... foi para as farmácias.

(risos)

Rita – já que estão a falar no portal, o que sentiram na visita à UA, nós exploramos pouco isso...

Rita S. – foi muito bom, conhecemos os pontos de vista de outros grupos, de pessoas da nossa idade...

Beatriz – mas já têm mais experiência...

Rita M. – Ei! Mas nós tivemos também um ano de muito trabalho... nem acredito que já chegou ao fim...

Bruna – Com power point da Rosinha aprendemos muito...

Alexandra – sim, ela disse muita coisa que nós não sabíamos.

Rita – como por exemplo?

Rita S. – de existirem crianças que não têm educação...

Alexandra – que há crianças que ensinam outras crianças.

Rita S. – e que há turmas de 120 alunos!

Rita M. – é estranho que nem todos os países tenham assinado a Convenção.

Rita – e como se sentiram na Universidade?

Rita S. – Como muito felizardos.

(Risos)

Rita M. – temos uma escola e direito à educação... enquanto alunos. Enquanto investigadores senti que ainda temos que fazer muita coisa...

Rita S. – ainda podemos ajudar a melhorar muita coisa... e como é que não há alimentação em algumas escolas? Fogo é demais!

Rita M.- Alguns países só são evoluídos para algumas coisas...

(silencio)

Rita – pronto meninas... mais uma etapa que chegou ao fim. Nós ainda nos vamos ver... ainda vamos a Gouveia e à Câmara de Águeda. Gostei muito de vos ter como colegas de investigação, dizer-vos que aprendi muito convosco! Obrigada!

Anexo H

pré teste Entrevista	
1º grupo – Beatriz, Bruna e Mariana (gravador)	Guião
	<ul style="list-style-type: none">. Conheces os direitos das crianças?. Qual o direito mais importante?. Achas que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?. O que é uma cidade Amiga das Crianças?
<p>Uma menina não conseguiu responder D. Rosa recusou-se a responder</p> <p>Beatriz – Dona Alice nos estamos a realizar uma investigação para a universidade de Aveiro e gostávamos de fazer umas perguntas. Podias dizer a idade? D Alice - isto esta mesmo a gravar? E se é perguntas que eu não quero responder? Bruna , Mariana – mas isto não tem nada de mal D Alice – eu tenho 50 anos Beatriz – conhece os direitos das crianças? D Alice – sim conheço. Beatriz - qual é para si o direito mais importante? D Alice – Eu sei lá filha, é tanta coisa importante que há. Tenho que dizer um direito mesmo? Beatriz – Mas diga um, o mais importante. D Alice – Ai filha eu agora bloqueei, tinha tanta coisa para dizer e agora não sei. Olhem desliguem isso... Beatriz – não podemos, estamos a fazer uma investigação. D Alice – oh desliguem isso... Todas – Não podemos!</p> <p><i>A D Alice foi ao bar perguntar às colegas se conheciam um direito.</i></p> <p>D Alice – isto é tudo mentira, isso é um telemóvel (risos). Pois, pensavam que me enganavam! Beatriz – isto é para a Universidade, estamos a colaborar numa investigação. D Alice – isso é um MP3 Beatriz - não é nada é um gravador.</p> <p><i>A D Alice foi embora e elas agradeceram.</i></p>	

Inês - aluna

Beatriz – Inês podemos fazer-te uma entrevista?

Inês – Mas eu só vim à casa de banho.

Beatriz – é rápido, é rápido! Nós estamos a fazer uma entrevista, uma investigação para a Universidade de Aveiro. Podemos perguntar-te a idade?

Inês – 13 anos.

Beatriz – Conheces os direitos das crianças?

Inês – alguns.

Beatriz – Qual é o direito mais importante para ti?

Inês – que toda a gente deve reconhecer que tens direito à vida.

Beatriz – achas que na cidade de Águeda esse direito é cumprido?

Inês – As vezes.

Beatriz – achas que a cidade de Águeda é uma cidade amigas das crianças?

Inês – em alguns aspetos sim.

Beatriz – e quais são esses aspetos?

Inês – quando fazem parques de diversão.

Beatriz e para ti quais são os aspetos negativos?

Inês – As vezes está um pouco suja!

Beatriz – o que é que achas que uma cidade deve ter para ter uma cidade amiga das crianças?

Inês – tudo....

Beatriz – tudo como por exemplo....

Inês – sei la tudo....

Mariana – Ok, obrigada pela tua colaboração.

Enquanto procurar alguém conversam ente si que ninguém acredita nelas!

Dona Fátima

Beatriz – podemos fazer umas perguntinhas?

D Fátima - diz lá!

Beatriz – Nós estamos a fazer uma investigação para a universidade de Aveiro? Podemos perguntar a idade?

D Fátima – agora não posso a sério, tenho que me despachar aqui!

Alguém desabafa – *mas será que ninguém acredita em nós?!*

Mariana – o outro grupo já deve estar lá em cima.

Beatriz – Mas não vamos para lá só com uma entrevista.

Correm para chegar a alguém

Professora de música

Beatriz – Nós estamos a realizar uma investigação para a universidade de Aveiro. Conhece os direitos das crianças?

Professora – sim, alguns.

Beatriz – para si qual é o direito mais importante?

Professora – o direito à escola, saúde, alimentação.

Beatriz – e acha que esses direitos são cumpridos na cidade de Águeda?

Professora – nem sempre, nem sempre. Por vezes nem pela própria família.

Beatriz – para si o que é uma cidade amiga das crianças?

Professora – uma cidade amigas das crianças é uma cidade de respeita os direitos das crianças, que promove atividades, que se preocupa com elas, que procura a resolução daqueles que têm problemas.

Beatriz – e acha que Águeda é uma cidade amiga das crianças?

Professora – eu acho que é.

Beatriz – Obrigada!

Professora – Agora vocês vão por isso por palavras escritas não é?

Beatriz – sim é!

Professora – então vá força.

Conversam a que elementos da comunidade escolar já entrevistaram. Querem ir entrevistar o Sr. Paulo, um funcionário, que é o que falta mas ele está ocupado.

Encontram –me no hall da escola.

Mariana – olha Rita ninguém acredita em nós!

Eu – então porque?

Beatriz – não sei, ninguém quer responder.

Eu – quantas entrevistas fizeram?

Bruna – duas queríamos fazer mais uma.

Eu – então vá, nós vamos subir e ouvir as que já temos.

Encontram uma funcionária – Dona Guida

Beatriz – dona Guida estamos a saber uma entrevista para a Universidade de Aveiro, podemos fazer-lhe umas perguntinhas?

D Guida – se eu souber responder....

Beatriz – é só dar a sua opinião. Para si qual é o direito mais importante das crianças?

D Guida - é o saber estar, o saber escolher dentro das possibilidades de cada um e sentirem-se bem.

Beatriz - e acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?

D Guida – eu acho que sim.

Beatriz – para si o que é uma cidade amiga das crianças?
 D Guida – é aquela que lhe dá tudo, conforto, tudo o que precisam, todas as necessidades, educação, diversão...
 Beatriz - e acha que Águeda é uma cidade amiga das crianças?
 D Guida – é, dá-lhes muito lazer, tem muitas atividades.
 Beatriz e conhece os direitos das crianças?
 D Guida – eu não sei se sei, eu sei para mim. Sei que as crianças têm direitos e deveres não é? Agora cada pai também é que tem que ver o que pretende dos filhos.
 Beatriz – muito obrigada!

Professora da escola primária.

Beatriz – Nos estamos a realizar uma investigação para a Universidade de Aveiro e gostávamos de lhe fazer umas perguntas para saber a sua opinião.
 Professora – então diz lá.
 Beatriz – conhece os direitos das crianças?
 Professora – sim!
 Beatriz – para si qual é o direito mais importante?
 Professora – o direito a ser respeitado, ou o direito a ter educação.
 Beatriz - e acha que esse direito é respeitado na cidade de Águeda?
 Professora – por alguns pessoas sim, outras continuam a não ser respeitadas.
 Beatriz – o que acha que é preciso para uma cidade ser amiga das crianças?
 Professora – dar oportunidade às famílias de lhes dar tudo o que as crianças precisam e dar lhes também tempo para brincar.
 Beatriz – e acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?
 Professora – sim!
 Beatriz – muito obrigada!
 Professora – beijinhos!

Quando sobem para ir ter com o restante grupo à esplanada alguém diz - *olha as jornalistas de meia tigela!*

Beatriz (indignada) – de meia tigela?! De meia-tigela não, isto é sério.

2º grupo – Eu, Rita S. e Alexandra (máquina de filmar, só registando som)	Guião
	<ul style="list-style-type: none"> . O que é uma cidade Amiga das Crianças? . Achas que esse direito é cumprido na cidade de Águeda? . Conheces os direitos das crianças? . Qual o direito mais importante?

Cláudia - animadora

Eu – Cláudia podemos fazer uma entrevista para uma investigação da Universidade de Aveiro?

Cláudia - sim!

Rita S. – acha que a cidade de Águeda cumpre os direitos das crianças?

Cláudia – acho que cidade nenhuma cumpre, não é so a de Águeda.

Alexandra – acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?

Cláudia - não é das piores, tem muitas dinâmicas, dinamiza muito as épocas festivas, mas não há de ser só isso.

Rita S. – o que é uma cidade amiga das crianças?

Cláudia – Para mim?! Será uma cidade, ou uma instituição sei lá... que respeita os direitos das crianças.

Rita S. – e acha que os direitos da criança são cumpridos?

Cláudia – infelizmente não. E por vezes nem a própria família a respeita.

Alexandra – Para si qual é o direito mais importante?

Cláudia – Se calhar não vou conseguir definir o direito tal e qual ele é mas tem de ser visto como um cidadão respeitado como tal.

Todas – Obrigada!

Cátia – Aluna

Rita S. – Podemos fazer uma entrevista? É para uma investigação da Universidade de Aveiro é só dares a tua opinião não conta para a avaliação.

Cátia – pode ser.

Rita S. – pode ser não, queres?!

Cátia – Sim!

Alexandra – O que é para ti uma cidade amiga das crianças?

Cátia – Então é uma cidade onde ajudam as crianças, convivem com elas, as ajudam nos problemas.

Rita S. – achas que Águeda cumpre os direitos das crianças?

Cátia – sim, acho que sim

Alexandra - achas que esta cidade é amiga das crianças?

Cátia – sim!

Alexandra – Porque?

Cátia – porque as ajuda, porque toma conta delas, dá-lhes o que precisam (estou a falar da cruz vermelha).

Rita S. – Achas que na maioria das vezes os direitos das crianças são cumpridos?

Cátia – às vezes!

Rita S. - qual o direito da criança mais importante para ti?

Cátia – que respeitem os mais velhos.

Rita S. – Obrigada!

Professora da biblioteca

Alexandra – Estamos a realizar uma investigação para a Universidade de Aveiro e queríamos fazer uma entrevista sobre o que pensa ser uma cidade amiga das crianças.

Rita S. – acha que os direitos das crianças são cumpridos em Águeda?

Professora – eu acho que sim. Até porque a nível da câmara, das escolas e da cruz vermelha fazem tudo para que as crianças estejam bem, acho que sim. Há associações que ajudam as crianças em risco, outras que ajudam nos problemas económicos.

Alexandra – acha que Águeda se preocupa com as crianças, que é uma cidade amiga das crianças?

Professora – é eu acho que sim, por tudo isto que acabei de dizer. Porque existem estas associações viradas para ajudar as crianças.

Eu – o que é então uma cidade amiga das crianças?

Professora – então é uma cidade que se preocupa com a família, porque para se ajudar uma criança tem que se ajudar a família, é aquela que se preocupa a dar as garantias básicas para que uma criança seja feliz, acesso à saúde, acesso à educação.

Rita S. – qual é para si o direito mais importante?

Professora – para mim é o direito a ter uma família e isso implica que uma criança seja feliz. Que tenha as condições básicas asseguradas.

Alexandra – Obrigada!

Dona Fernanda - Funcionária

Alexandra – Dona Fernanda podemos fazer-lhe uma entrevista sobre a cidade amiga das crianças? É para uma investigação da Universidade de Aveiro.

A D Fernanda consente.

Rita S. – acha que Águeda cumpre com os direitos das crianças?

D Fernanda – eu não sou do concelho de Águeda e portanto não sei bem essa situação.

Alexandra – mas podemos então dizer o que é uma cidade amiga das crianças?

D Fernanda – é uma cidade que se preocupa com o bem-estar deles, educação, desporto, bem-estar e cidadania.

Alexandra – e acha que a cidade tem tudo o que as crianças precisam para ser felizes?

D Fernanda – algumas têm outras não, devido à situação do país.

Rita S. – qual o direito da criança mais importante para si?

D Fernanda – serem bem tratadas, serem bem alimentadas, serem bem-educadas. Dar-lhes todos os cuidados de saúde. E dar-lhe educação!

Rita S. – Muito Obrigada!

Convite

O Departamento de Educação, da Universidade de Aveiro, tem o prazer de te convidar para participares na Campanha Global pela Educação com o tema *Todas as Crianças Precisam de um Professor*.

Para participares nesta Campanha junta-te a outras crianças da cidade de Aveiro no dia 26 de abril, pelas 14:00h no Departamento de Educação.

A tua participação e o teu contributo nesta iniciativa são importantes, pois juntos podemos pensar no papel que os professores desempenham para a realização do direito à educação.



Trained Teachers For All

Departamento de Educação

Anexo J

Entrevistas à comunidade escolar	
Grupo: Diana, Mariana, Rita M.	
Entrevista a uma aluna	<p>Rita M – Olá!</p> <p>Filipa – Olá!</p> <p>Rita M. – Nós estamos a fazer uma investigação para a Universidade de Aveiro e fizemos uma lista de pessoas que queríamos entrevistar e tu és uma dela. Podemos fazer algumas perguntas?</p> <p>Filipa – Claro!</p> <p>Rita M. – Conheces os direitos das crianças?</p> <p>Filipa - Alguns</p> <p>Rita M. - Qual é para ti o direito mais importante?</p> <p>Filipa - Respeitar as crianças, como nós também temos que respeitar os mais velhos.</p> <p>Rita M. - Porquê?</p> <p>Filipa - Porque as crianças podem ser mais novas, mais pequenas, mas temos o mesmo direito que os outros no fundo!</p> <p>Rita M. - Achas que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?</p> <p>Filipa - Há sítios em que acho que não é tanto. As pessoas querem parecer mais velhas e não deixam as crianças fazer o que querem.</p> <p>Rita M. - E que sítios te estas a referir?</p> <p>Filipa - Não sei muito bem, é o que sinto. Quando vejo as crianças nos parques, principalmente, no outro dia assisti a um episódio em que as crianças tinham razão e os adultos nem tanto.</p> <p>Rita M. -O que é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Filipa - Uma cidade amiga das crianças é uma cidade em que as crianças podem fazer aquilo que querem, divertir-se livremente e é nesse sentido.</p> <p>Rita M. - Achas que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Filipa - Eu acho que sim, tem parques e tudo, dá para as crianças serem livres (<i>pausa</i>) para terem a liberdade que querem.</p> <p>Rita M. - E esta escola, é uma escola amiga das crianças?</p> <p>Filipa - Aaaahhh (<i>pausa</i>) esta escola... (<i>pausa</i>) tenho duas hipóteses. Uma acho que não porque há coisas que nos queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos</p>

	<p>proibidos. Mas noutro sentido acho que dá para fazermos aquilo que queremos dentro das reservas que nos dão.</p> <p>Rita M. - Dependendo das situações não é?</p> <p>Filipa – Sim.</p> <p>Rita M. - Depende das brincadeiras que as crianças querem ter?</p> <p>Filipa - Sim, depende do nosso comportamento.</p> <p>Rita M. - E assim concluímos uma entrevista à Filipa Gonçalves (risos)</p>
<p>Entrevista à funcionária chefe</p>	<p>Mariana - Boa tarde D. Fernanda, nós estamos a fazer investigação para a Universidade de Aveiro e queríamos fazer uma perguntas... Conhece os direitos das crianças?</p> <p>D. Fernanda – Sim conheço!</p> <p>Mariana – Qual é para si o direito mais importante?</p> <p>D. Fernanda – o direito à educação e à saúde.</p> <p>Mariana – porque esses?</p> <p>D. Fernanda – o direito à alimentação porque todas as crianças (pausa) têm necessidades e pelos tempos que correm hoje em dia é muito difícil para as famílias darem uma boa alimentação às crianças e elas não tem culpa daquilo que o país está a passar.</p> <p>Mariana - Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?</p> <p>D. Fernanda - Sim há instituições que ajudam as famílias e as escolas também (pausa) é acho que sim.</p> <p>Mariana - O que é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>D. Fernanda - uma cidade amiga das crianças é uma cidade que esteja bem sinalizada em termos de sinais mesmo, passadeiras <i>pausa</i> tentar pôr <i>pausa</i> aahaaahhhh perto das escolas e é isso que eles estão a fazer, reduzir a velocidade, estão a fazer isso.</p> <p>Mariana – Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amigas das crianças?</p> <p>D. Fernanda – Sim acho que sim!</p> <p>Mariana - Porque?</p> <p>D. Fernanda - Porque (<i>pausa</i>) ela é, Águeda faz atividades onde as crianças se inserem, tem programas que fazem, tem <i>hum hum</i> como é que se chama?</p> <p>Mariana - Agitágueda!</p> <p>D. Fernanda - Sim Agitágueda, crianças e adolescente. Quando é o dia da criança também fazem uma coisa</p>

	<p>engraçada, vai sempre a escola. Mariana - Esta escola é amiga das crianças? D. Fernanda - Sem dúvida! Mariana - Porque? D. Fernanda - Porque acho que há muito bom relacionamento entre funcionários, professores e alunos. Acho que quando os alunos têm algum problema têm à vontade para falar com o diretor de turma ou um funcionário e são ajudados.</p>
<p>Entrevista a uma funcionária (corredores)</p>	<p>Diana – Bom dia estamos a fazer uma investigação para a Universidade de Aveiro e viemos entrevista-la. Conhece os direitos das crianças? D. Alice – sim conheço! Diana – qual é para si o direito mais importante? D. Alice - O direito mais importante da criança é não discriminá-las. Diana - Porque? D. Alice - Porque as crianças (<i>pausa longa</i>) tem de se tratadas da mesma forma, são crianças e temos que as ouvir (<i>pausa</i>) e respeitá-las. Diana - Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda? D. Alice - Sim é, sem dúvida. Diana - Porque? D. Alice - Porque na cidade de Águeda há muitas atividades muitas delas nas escolas como Valongo e Machinata e vão muitas vezes à cidade a convívios e há o Agitágeda, há creches. Também há um centro cultural onde as crianças estão a vontade e não são discriminadas lá. Diana - Sabe o que é uma cidade amiga das crianças? D. Alice - Uma cidade amiga das crianças é uma cidade que não... que não.... Que respeita as crianças e ajuda, promove muitas atividades com elas... pronto é saber respeitá-las. Diana - Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças? D. Alice - Sim sem duvida que é! Diana - E porque? D. Alice - Porque como eu disse à bocado ajuda em muitas atividades e quando há algum problema é em Águeda... o presidente sabe resolver os problemas das crianças e pronto em si é global, é amiga das crianças. Diana - Esta escola é uma escola amiga das crianças?</p>

	<p>D. Alice - Sim sem duvida que é, ajuda muito nos seus problemas. Quando tem problemas nas suas casas. A escola esta sempre presente para resolver os seus problemas.</p>
<p>Grupo: Alexandra e Rita S.</p>	
<p>Coordenadora TEIP</p>	<p>Alexandra – Nós queríamos fazer-lhe uma entrevista para a Universidade de Aveiro no âmbito da cidade amiga das crianças. Conhece os direitos das crianças. Prof Rosa – Sim, sumariamente conheço. Alexandra – Qual é para si o direito mais importante? Prof Rosa – <i>Pensou durante algum tempo</i> O direito à educação. Alexandra – O direito à educação? Prof Rosa – Sim! Alexandra – Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda? Prof Rosa – Sim, no âmbito escolar penso que sim. Alexandra – O que é uma cidade amiga das crianças? Prof Rosa – é uma cidade que se preocupa com os direitos e não só, também com os deveres. Porque não nos podemos esquecer que as crianças têm direitos mas também têm deveres. Então, temos que aliar o direito ao dever. Alexandra – Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças? Prof Rosa - Acho, acho que sim. Pelo aquilo que conheço acho que se preocupa com as crianças, escutas as crianças. Por exemplo este projeto é para escutar as crianças de Águeda. Alexandra – Esta escola é uma escola amiga das crianças? Prof Rosa – Sim! Uma vez que é uma escola TEIP, sendo uma escola TEIP é uma escola inclusiva, uma escola que se preocupa com as crianças. Alexandra – Obrigada!</p>
<p>Professora/membro da direção</p>	<p>Rita – Gostávamos de fazer uma entrevista para a Universidade de Aveiro acerca da cidade amiga das crianças. Conhece os direitos das crianças? Prof Fernanda – Conheço alguns, não os conheço todos! Rita – Qual é para si o direito mais importante? Prof Fernanda – o direito mais importante é o direito a ter uma família, o direito à educação. Rita – Acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?</p>

	<p>Prof Fernanda - Acho que sim, acho que todas as crianças da cidade de Águeda têm direito à educação e a frequentar um estabelecimento escolar.</p> <p>Rita – o que é para si uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Prof Fernanda - É uma cidade para além de proporcionar o ensino, tenta proporcionar espaços desportivos de qualidade, tenta proporcionar bons espaços ao ar livre, tenta também proporcionar espaço culturais, não é?</p> <p>Rita – Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Prof Fernanda – Sim, acho que sim. É uma cidade variada e tem muitas opções.</p> <p>Rita – Acha que esta escola é uma escola amiga das crianças?</p> <p>Prof Fernanda – eu acho que é! Em primeiro lugar porque o trabalho que desenvolvemos aqui na escola é a pensar nelas, todo o trabalho que fazemos é inclusivo.</p>
Professora	<p>Prof Margarida Osório</p> <p>Alexandra – estamos a fazer umas entrevistas para a Universidade de Aveiro no âmbito da cidade amiga das crianças. Conhece os direitos das crianças?</p> <p>Prof Margarida – Sim, alguns conheço!</p> <p>Alexandra – Para si qual é o direito mais importante?</p> <p>Prof Margarida - direito ao amor!</p> <p>Alexandra – a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Prof Margarida – Acho que sim!</p> <p>Alexandra – e a cidade de Águeda cumpre com os direitos da criança?</p> <p>Prof Margarida – eu creio que sim, na medida em que há intervenção em projetos deste âmbito, por exemplo na nossa escola. Em relação à cidade há clube de mediadores, há preocupação de haver assistentes sociais, há intervenção precoce que faz o diagnóstico de problemas que por vezes não são bem visíveis.</p> <p>Alexandra – E a nossa escola cumpre com os direitos das crianças?</p> <p>Prof Margarida – Sim, penso que sim. Pelo menos são ouvidos, têm atenção, têm educação e têm alimentação.</p> <p>Alexandra – Obrigada!</p>
Diretor	Alexandra – Queríamos fazer-lhe uma entrevista acerca da

	<p>CAC para uma investigação da Universidade de Aveiro. Rita – Conhece os direitos das crianças? Diretor –Conheço! Alexandra – Qual é para si o direito mais importante? Diretor – <i>Pausa prolongada</i> Epa agora... <i>pausa prolongada</i>. Alexandra – diga um! Diretor – calma, então agora estás-me a fazer uma pergunta que me fazes pensar neles todos! <i>Pausa prolongada pergunta a alguém</i> qual é o direito mais importante? É difícil! Rita – É só um direito! Diretor – Qual é o direito da criança mais importante estão aqui estas meninas a querer saber? <i>Dirige-se a alguém</i>. Uma voz responde - então é o direito à educação! Diretor – é o direito à educação, talvez sim! Alexandra – Porque? Diretor – porque a educação é o pilar do desenvolvimento da criança. É essencial uma boa educação. Rita – Acha que os direitos da criança são cumpridos na cidade de Águeda? Diretor – São, são, são! Alexandra – O que é uma cidade amiga das crianças? Diretor – é uma cidade que respeita os seus direitos, que dá condições materiais para que as crianças possam desenvolver a sua liberdade e autonomia e também condições físicas. Alexandra – Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amigas das crianças? Diretor - É uma cidade que dispõe de um conjunto de estruturas para apoio às crianças. Alexandra – E esta escola é amiga das crianças? Diretor – É! É extremamente amiga das crianças. Trabalha para elas e nessa medida é mesmo amiga. Rita, Alexandra – Obrigada!</p>
Grupo: Bruna e Beatriz	
Um pai/professor	<p>Bruna – Conhece os direitos das crianças? Pai – Sim conheço, não quer dizer que os saiba todos elencados mas conheço alguns! Bruna – Qual é para si o direito mais importante? Pai - Ser respeito, ser tratado com carinho. Não sei o direitos de cor. Ter uma casa, ter acesso à educação, de ser tratado com dignidade. Bruna - Acha que esse direito é cumprido na cidade de</p>

	<p>Águeda?</p> <p>Pai - Na cidade de Águeda?! Provavelmente não! Tendo em conta o ambiente social de alguma zonas, tendo em conta os ambientes familiares não.</p> <p>Bruna - Considera a cidade de Águeda uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Pai - Sim, na globalidade acho que sim embora possam existir alguns casos isolados que não.</p> <p>Bruna - e esta escola é amiga das crianças?</p> <p>Pai – eu penso que sim, trabalha com esse objetivo. Dar armas e ferramentas às crianças para que elas possam vencer na vida.</p> <p>Bruna – Obrigada!</p>
Uma mãe/secretaria	<p>Beatriz – Nos estamos a realizar um estudo para a Universidade de Aveiro. Conhece os direitos das crianças?</p> <p>Mãe – Sim!</p> <p>Beatriz – Qual é para si o direito mais importante?</p> <p>Mãe – ter acesso ao à educação gratuita.</p> <p>Beatriz – Porque?</p> <p>Mãe – Porque todos têm direito à educação e há pais que não podem pagar os estudos.</p> <p>Beatriz – e acha que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?</p> <p>Mãe – Sim!</p> <p>Beatriz – Porque?</p> <p>Mãe – então porque existem escolas do ensino básico e secundário gratuitas.</p> <p>Beatriz – acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Mãe – é!</p> <p>Beatriz – Porque?</p> <p>Mãe – porque tem espaços para brincarem, cinemas, coisas que as crianças gostam!</p> <p>Beatriz – e a escola é amiga das crianças?</p> <p>Mãe – é!</p> <p>Beatriz – Porque?</p> <p>Mãe – porque proporciona espaços de lazer às crianças, dá-lhes formação e educação.</p> <p>Beatriz – Obrigada!</p>
Uma mãe/professora	<p>Bruna – Nos estamos a realizar uma investigação no âmbito da cidade amiga das crianças. Conhece os direitos das crianças?</p>

	<p>Mãe – Sim, alguns! Sei que existe a declaração internacional, sei alguns, têm direito a estudos, a brincar...</p> <p>Beatriz – Qual é para si o direito mais importante?</p> <p>Mãe – Aiiii, não sei se é um direito mas é o direito a ser feliz!</p> <p>Bruna – e esse direito é cumprido na cidade de Águeda?</p> <p>Mãe – Hum... acho que já foi mais. Acho que tendo em conta as circunstâncias da sociedade há crianças a passarem muito mal. A passarem fome, a não terem condições de higiene favoráveis. Aqui no nosso concelho começamos a assistir a alguns desses problemas.</p> <p>Beatriz – Acha que a cidade de Águeda é uma cidade amiga das crianças?</p> <p>Mãe – existem alguns projetos aqui em Águeda que visam ajudar as crianças, agora não sei se estão acessíveis a todas as crianças.</p> <p>Bruna – quais são esses projetos?</p> <p>Mãe – A CPCJ aqui em Águeda é uma instituição sempre em alerta para sinalização de crianças em risco, sei porque trabalho com esta instituição. Depois existe a ARCA, sei lá... <i>pausa prolongada</i> olha não me lembro mais.</p> <p>Bruna – E a escola é amiga das crianças?</p> <p>Mãe – a escola é sempre uma instituição que está alerta para as necessidades das crianças, mas uma escola não é só isso. Depois temos que alargar a escola à família e para isso há técnicos, há autarquia, há junta de freguesia que também podem fazer um contato mais direto. Mas a escola está sempre na linha da frente e é a primeira a detetar os problemas das crianças.</p> <p>Beatriz – Muito obrigada!</p>
--	---

Anexo K

8/5/2013

Gabinete das técnicas

Entrevista à Cláudia, mediadora de conflitos, acerca do clube de mediadores.

Eu – Cláudia qual é o objetivo do clube de mediadores?

Cláudia – *O objetivo é formar alunos que preservem e valorizem os espaços e os intervenientes da comunidade escolar.*

Eu – Qual é a forma de funcionamento do clube, ou quais são as dinâmicas?

Cláudia – *Neste momento não existe um clube de mediadores formado. O que faço é um acompanhamento DTAT.*

Eu – DTAT? Isso são as iniciais de quê?

Cláudia – *DTAT é Diretor de Turma Assembleia de Turma. É um espaço em que toda a turma discute participações, comportamentos desviantes, no fundo, todos os problemas relacionados com a turma.*

Eu – Apesar de não existir um clube de mediadores agora, se surgisse a oportunidade para os próximos anos letivos o que acha que devia ser feito?

Cláudia – *Os alunos teriam um papel de liderança e perseverança nos espaços escolares, acho que deviam fazer parte de todas as reuniões onde fossem tomadas decisões a seu respeito. Os alunos mediadores deveriam fazer parte da Associação de Estudantes.*

Eu – Qual a importância que dá há existência de um clube de mediadores numa escola TEIP?

Cláudia – *Toda! A voz e a realidade dos alunos deve ser tida em conta. Devemos conhecer a sua realidade, não é só a realidade dos alunos. Por vezes os alunos têm outra visão, veem as coisas de outra forma.*

Anexo L

Cidade Amiga das Crianças

Um contributo...

A nossa investigação...

Nós estivemos a fazer uma Investigação em que falamos sobre a Cidade Amiga das Crianças.

O nosso grupo tinha sete membros desde o 5ºano ao 8ºano, e reuníamo-nos todas as Quartas-feiras desde as 15h30min até às 17h.

Começamos por dar a nossa opinião do que era a Cidade Amiga das Crianças e a partir disso fizemos várias pesquisas.

Como por exemplo:

Ao longo das sessões...

O bingo fizemos logo na primeira sessão onde demos as nossas opiniões sobre a Cidade Amiga das Crianças.

Preenchemos a nossa ficha de investigadoras, fizemos um desenho onde morávamos e o que gostávamos e não gostávamos. Fizemos o mapa de Águeda e rodeamos a vermelho o que não era positivo e a verde o que era positivo.

Ao longo das sessões...

Depois destas pesquisas realizamos um guião de uma entrevista sobre **Cidade Amiga das Crianças**.

Antes de fazermos as entrevistas fizemos um pré-teste e depois é que realizamos as entrevistas à comunidade escolar.

Concluimos analisando as entrevistas que as pessoas não conhecem os Direitos das Crianças, pois confundem-nos com as necessidades.

Tratamento de dados das entrevistas

1 – Conheces os direitos das crianças?

Todos os entrevistados conhecem minimamente os direitos das crianças.

2- Qual é para ti/sí o direito da criança mais importante?

Igualdade

Não discriminação

Família

Educação

Amor

Saúde

Tratamento de dados das entrevistas

3- Acha(s) que esse direito é cumprido na cidade de Águeda?

Acho que tendo em conta as circunstâncias da sociedade há crianças a passarem muito mal. A passarem fome, a não terem condições de higiene favoráveis. Aqui no nosso concelho começamos a assistir a alguns desses problemas. – resposta de uma mãe

Sim há instituições que ajudam as famílias e as escolas. – resposta de uma funcionária

Há sítios em que acho que não é tanto. As pessoas querem parecer mais velhas e não deixam as crianças fazer o que querem. – resposta de uma aluna

Acho que todas as crianças da cidade de Águeda têm direito à educação e a frequentar um estabelecimento escolar. – resposta de um membro da direção

Tratamento de dados das entrevistas

4- O que é uma Cidade Amiga das Crianças?

Uma cidade amiga das crianças é uma cidade em que as crianças podem fazer aquilo que querem, divertir-se livremente e é nesse sentido. – resposta de uma aluna

Uma cidade amiga das crianças é uma cidade que esteja bem sinalizada em termos de sinais mesmo, passeadeiras perto das escolas e é isso que eles estão a fazer para reduzir a velocidade. – resposta de uma funcionária

É uma cidade que respeita os seus direitos, que dá condições materiais para que as crianças possam desenvolver a sua liberdade e autonomia e também condições físicas. – resposta de um membro da direção

Tratamento de dados das entrevistas

5 – A cidade de Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças?

Todos os entrevistados consideram a cidade de Águeda uma cidade amiga das crianças.

6 – E esta escola é uma escola amiga das crianças?

Sim! Uma vez que é uma escola TEIP, sendo uma escola TEIP é uma escola inclusiva, uma escola que se preocupa com as crianças. – resposta de uma professora

A escola é sempre uma instituição que está alerta para as necessidades das crianças, mas uma escola não é só isso. Depois temos que alargar a escola à família e para isso há técnicos, há autarquia, há junta de freguesia que também podem fazer um contato mais direto. Mas a escola está sempre na linha da frente e é a primeira a detetar os problemas das crianças. – resposta de uma mãe

Tratamento de dados das entrevistas

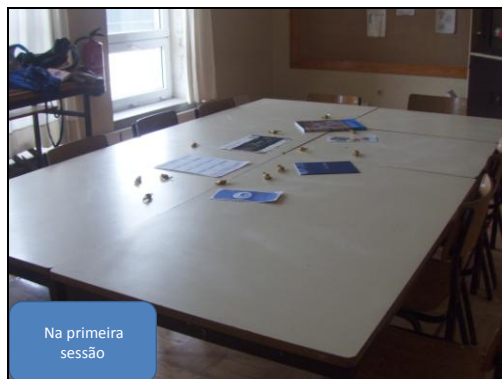
Esta escola... tenho duas hipóteses. Uma acho que não, porque há coisas que nós queremos fazer para nos divertirmos e não podemos, somos proibidos. Mas noutro sentido acho que dá para fazermos aquilo que queremos dentro das reservas que nos dão. – resposta de uma aluna

Acho que há muito bom relacionamento entre funcionários, professores e alunos. Acho que quando os alunos têm algum problema têm à vontade para falar com o diretor de turma ou um funcionário e são ajudados. – resposta de um funcionário

Na nossa opinião...
Apesar de dizerem que conhecem os direitos das crianças nas respostas verificamos que confundem direitos com necessidades.
A maioria dos entrevistados considera que a cidade de Águeda e a escola são amigas das crianças.

Documentos que recomendamos consultar...
· Convenção dos Direitos da Criança
· <http://www.unicef.pt/>

**IMAGENS DAS NOSSAS
SESSÕES**





Os nossos materiais



O nosso grupo a fazer um trabalho de pesquisa.



A fazer os desenhos do que gostávamos ou não.



Realização do Mapa de Águeda



O MAPA DE ÁGUEDA.

Anexo M

BINGO	
<p>Que importância tem para ti a Convenção dos Direitos da Criança?</p> <p>Mariana – <i>Para mim a Convenção dos Direitos da Criança é que todos temos direitos mas muitas vezes não se pode abusar dos direitos.</i></p> <p>Rita Martins – <i>A importância é fazer lembrar as pessoas que as crianças têm que ser tratadas com respeito e carinho.</i></p> <p>Beatriz – <i>É onde podemos conhecer os direitos da criança.</i></p>	<p>O direito mais importante para mim é...</p> <p>Mariana – <i>que não devemos desprezar os outros só porque são de outra etnia.</i></p> <p>Rita Martins – <i>o direito mais importante é o direito da saúde.</i></p> <p>Beatriz – <i>o direito a ter uma família.</i></p>
<p>Quando e em que espaços consideras que os adultos ouvem a tua opinião?</p> <p>Mariana – <i>Na escola quando damos algumas opiniões passado algum tempo eles fazem.</i></p> <p>Rita Martins – <i>Na escola, em casa, na catequese. Mas umas vezes não e outras sim.</i></p> <p>Beatriz - <i>Os adultos ouvem a minha opinião em casa e na escola</i></p>	<p>Para mim o mais importante na cidade é...</p> <p>Mariana - <i>respeitarem-se uns aos outros.</i></p> <p>Rita Martins - <i>uma cidade em que todos cumpram os direitos e deveres dos seres humanos.</i></p> <p>Beatriz - <i>a ajuda às crianças e aos adultos com menos dinheiro.</i></p>
<p>O que é uma Cidade Amiga?</p> <p>Mariana – <i>uma cidade amiga para mim é quando as pessoas da cidade dão-se bem.</i></p>	<p>E uma Cidade Amiga das Crianças?</p> <p>Mariana – <i>uma cidade amiga das crianças é quando aceitam as nossas opiniões e</i></p>

Rita Martins – *uma cidade amiga é uma cidade em que toda a comunidade é ouvida e respeitada.*

Beatriz – *é uma cidade onde as pessoas sejam livres de ter os seus direitos e onde as pessoas tenham todas apoio.*

que respeita o que achamos.

Rita Martins – *uma cidade amiga das crianças é os adultos terem respeito pelas crianças.*

Beatriz – *é uma cidade onde as crianças são respeitadas e onde pode ter os seus direitos.*